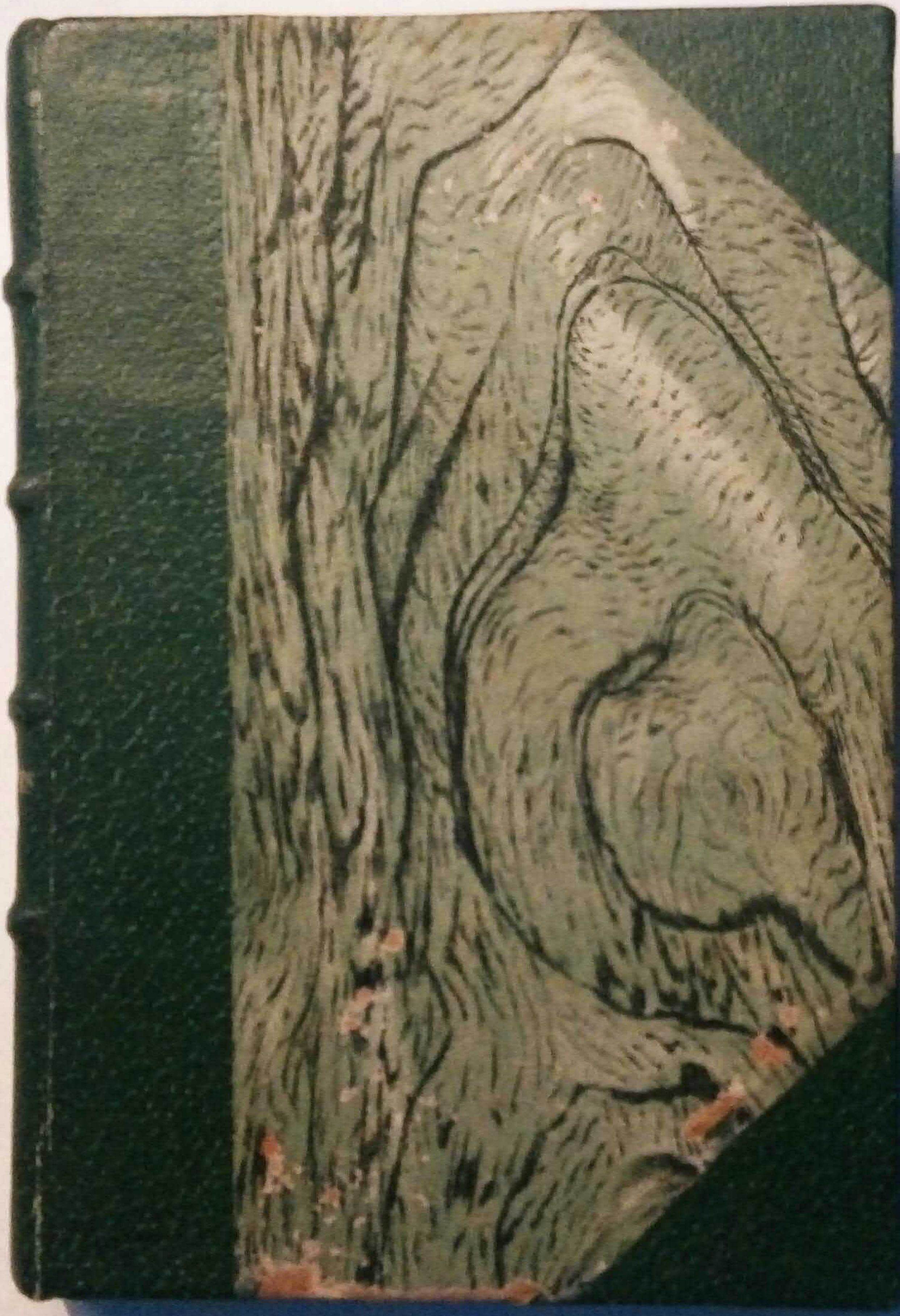


MUITO ANTES DE 1500

Do mesmo autor :

"MYSTERIOS DA PREHISTORIA AMERICANA"

"AMERRIQUA"

No Prelo :

O VELHO "NOVO MUNDO"

DOMINGOS MAGARINOS
(EPIÁGA R.†.)

MUITO ANTES DE 1500

ENSAIO DE ETHNOGENIA PRE-HISTORICA DO BRASIL

EDITORIAL alba LIMITADA
RIO DE JANEIRO - 1940

A

Manoel Bomfim,

o mestre querido com quem aprendi a conhecer o verdadeiro Brasil.

SUMMARIO:

I

Condições biogenicas e biologicas do continente americano.

II

Autochtonismo da raça americana.

III

A "Ilha Brasil" dos mappas geographicos da Idade Media.

IV

A logica e a verdade a serviço da pre-historia brasileira.

V

A missão esoterica dos "payé".

VI

A confirmação glyptographica da antiguidade do Brasil.

VII

"Muyrakytan" e "Tembetá".

VIII

A ave nas crenças, nos conhecimentos e nos costumes dos aborigenes do Brasil.

IX

Logica e verdade.

PRELUCIDAÇÃO

"Satisfaço o teu insistente pedido; eis o desnecessario prologo:

Tudo que o autor de *Mysterios da pre-historia americana*, *Amerriqua* e *Muito antes de 1500* affirma a respeito da antiguidade da America e do homem americano, da precedencia da cultura e da civilização amerigenas e, bem assim, do autochtonismo da raça primitiva que habitou o continente americano, em face das provas e argumentos, em que se baseia, é o que pode haver de *mais logico, mais verdadeiro e mais scientifico*.

A tradição, a historia e a sciencia esoterica — a Sagrada Sabedoria Integral — tanto na America precolombiana, como na Africa, na Oceania, na Asia e na Europa, desde os dias primeiros da Terra e através de tudo que a sciencia exoterica denomina *lenda*, allude a essa realidade, que a mesma sciencia exoterica não desconhece, porque, "sabe, positivamente, que *notaveis geologos*, libertos do dogmatismo fanatico da sapiencia medieval, que incrustou na mentalidade humana os preconceitos absurdos, ainda hoje existentes, firmados na excepção geologica, observada no planalto central brasileiro, isto é, a extensa camada de transição, em rigorosa posição horizontal e despida ou isenta de outras mais recentes, e, portanto, correspondente, na escala geologica, á *primeira secção de crôsta terrestre, emersa do ocea-*

no primitivo, asseguram que o Brasil foi a primeira região do glôbo que surgiu da massa liquida resultante da condensação de vapores que, segundo a cosmologia, no inicio do seu arrefecimento, envolveu todo o planeta".

Isto é tão logico e verdadeiro que, a despeito do incontestavel intuito e visivel interesse em occultar a *patente realidade*, não ha um só geologo, em nossos dias, que não reconheça "a existencia, na America do Sul, de terrenos primarios, mostrando por circumstancias excepcionaes, a historia completa da Terra, na propria estructura e na propria superficie do solo".

Essa historia não seria tão completa se não fosse tão antiga e não seria tão antiga se não abrangesse o immenso periodo chronologico que se iniciou, precisamente, com a emersão dessa secção de crôsta terrestre, o planalto central, brasileiro.

E' o axioma de Lund, affirmando que o planalto central, brasileiro foi a região do glôbo que primeiro emergiu do pélago universal, apresentado ou expôsto de uma forma menos precisa e, sobretudo, menos sincera.

Com effeito, ainda que o grande Lund fosse victima de um lamentavel engano e não existissem *fosseis* de todos os generos, attestando a vida vegetal, animal e humana, no territorio americano, desde o mioceno, o facto da assignalada facilidade com que raças exoticas, ádvenas, vindas de terras e climas os mais diversos, encontraram ambiencia biologica na America, autoriza a insophismavel concepção logica de que com mais facilidade tel-a-ia encontrado o *ancestral commum*, cujo poder de adaptação é innato, inherente ás suas condições biogenicas, verdade scientifica que invalida a presumpção infundada, inverosimil de que o continente mais antigo fosse, justamente, o ultimo a ser povoado e, muito menos, o unico, o unico que não serviu de *habitat* a qualquer raça troncal autochtona ou aborigene.

Se não é absurdo aceitar que os phenicios e outras tribus semitas (mediocres populações installadas, muito mais tarde, isto é, no seculo XI, nas costas da Syria) lograssem meios de transporte maritimo para attingir a America e almas para *povoar os seus quarenta e dois milhões de kilometros quadrados*, não pode ser classificada de absurda a theoria do autochtonismo de uma raça

troncal na America, tanto mais quanto, pesquisas e estudos, technicamente procedidos por Lund, Pedberg, Rath, Simonin, Ameghino, Morton, Nott, Haven, Gliddon, Agassiz, Schoolcraft, Trajano de Moura, Pinheiro Bittencourt e tantos outros, que seria enfadonho citar, demonstram o encontro positivo de evidentes vestigios desse incontestavel autochtonismo.

O *homo simius* de Hrdlicka, cujas medidas anthropometricas o afastam, consideravelmente, do *homo sapiens*, mais rudimentar, mais primitivo e, portanto, *mais antigo*, foi predecessor do homem asiatico ou melanesiano que "não se approxima tanto do *typo animal*".

A evolução não se processa do perfeito para o imperfeito.

A questão foi amplamente debatida e os annaes, os archivos do Instituto Smithsoniano, que registraram e recordam, ainda hoje, esses debates, não foram incinerados como os preciosos volumes da bibliotheca de Alexandria.

Estão, muito ao contrario, ao alcance dos mais incredulos que os procurem conhecer.

Não é justo que só tenham valôr os conceitos e as provas exhibidas pelos *sabios da Europa*, e não passe de fraude, mystificação, prova de ignorancia, tudo, absolutamente tudo, que a competencia e a probidade dos homens de sciencia das tres Americas investiguem, descubram, analysem e demonstrem, scientificamente.

Não basta affirmar; é preciso provar, escreve Epiága, com muita razão.

Effectivamente, emquanto a sciencia exoterica não provar a incompatibilidade biogenica e biologica do meio ambiente americano, de modo a impedir a adaptação do *ancestral commum*, como succedeu nos demais continentes, não pode, não tem o direito de contestar, conscientemente e honestamente, o aborigenismo dessa raça troncal amerigena.

O mesmo com relação á precedencia da cultura e civilização attingidas por essa raça, millenios e millenios antes do florescimento rythmico e cyclo de outras culturas e outras civilizações, nos demais continentes, que, como é lícito salientar, não apresentam as mesmas ca-

racteristicas geologicas e paleo-anthropologicas, comprobatorias da sua antiguidade, como succede á America e a essa raça troncal amerigena, porque, como é sabido, como é notorio, os mais conceituados anthropologos e ethnologos que ousam negar o autochtonismo da raça troncal amerigena e affirmar que a America foi povoada por póvos exoticos, vindos da Asia ou da Oceania, firmam as suas conjecturas, as suas supposições, na impropria, inefficaz e insufficiente *semelhança ou idoneidade anthropologica e ethnologica*, simultaneamente verificada, tanto na America, como na Asia e na Oceania.

Porque a raça mongolica apresenta alguns traços physionomicos que a tornam *semelhante* á raça vermelha, o amerigeno veio da Asia ou da Oceania e, se conclue, immediatamente, que a *raça vermelha nunca existiu*.

Porque algumas crenças, conhecimentos, costumes dos amerigenos são *identicos* aos dos asiaticos ou dos polynesios, os aborigenes da America *emigraram*, infallivelmente, da Asia ou da Oceania.

Por que não teriam ido ou emigrado da America para a Asia ou para a Oceania ?

Essa semelhança ou identidade, como Epiága observa e assignala, tanto serve para documentar a origem amerigena do asiatico ou do polynesio, como a origem asiatica ou polynesia do amerigeno.

A solução integral do problema ou a revelação dos mysterios da pre-historia americana decorrerá, exclusivamente, da prova scientifica da antiguidade geologica do continente e, bem assim, da prova anthropologica ou paleoanthropologica da antiguidade da respectiva raça autochtona, aborigene, e não dessa semelhança ou identidade, geralmente evocada.

Não quero terminar sem chamar a attenção, dos que vão ler este livro, para as logicas e verdadeiras, *intuitivas e illuminadas asserções* de Epiága, a proposito das *itaquatiaras do Brasil* — as inscripções rupestres, encontradas, no litoral e no interior deste maravilhoso paiz — archivo indestructivel, eterno das verdades pre-historicas que estamos a caminho de perceber.

Em todos os demais continentes esses *glyphos*, essas linhas, essas figuras, esses signos têm um valôr extraor-

dinario e permittem resuscitar o passado pre-historico de todos os póvos; na America e, sobretudo, no Brasil, diz a maioria dos sabios da Europa, *não valem nada*.

São *scissuras* da propria pedra, falhas, eivas, jaças do proprio lagedo.

Não têm a minima significação. Não têm a menor finalidade. Carecem de absoluta importancia scientifica, dizem os que, por este e outros meios, pretendem justificar o *convencionalismo* que adoptaram, afim de facilitar os seus conhecimentos *extra muros* da Europa.

Mas, ouçamos as palavras *logicas e verdadeiras* de Epiága:

"A escripta pre-historica do Brasil foi cosmogonica e theogonica.

O sacerdote, o *karahyba*, o *payé*, representou por esse processo os primeiros symbolos dos astros, das energias por elles irradiadas e dos phenomenos que produziam ou pareciam produzir, no Mundo e na Humanidade.

O Sol, a Lua, as Estrellas, as Constellações, a Luz, o Calôr, o Raio, o Vento, o Trovão, a Nuvem, a Chuva, a Agua, embora interpretados através de outras faculdades, não podiam passar despercebidos, e, de facto, são os signos, as linhas, os desenhos mais communs nos lagedos, que a glyptographia assignala, no territorio nacional.

Todos esses astros e todas essas influencias, que lhes foram attribuidas, eram divindades".

Nada mais logico. Nada mais verdadeiro. Nada mais scientifico.

Tudo poderão dizer deste honesto e sincero trabalho; menos que não se baseia na logica e na verdade e, portanto, na propria sciencia.

Não quero, absolutamente, elogiar o livro de Epiága; um *discipulo R. C.* não carece de elogios.

E' indiferente, alheio a todas as criticas; sejam favoraveis ou desfavoraveis.

Paz e Evolução."

Æglé

"Não ha que temer o termo: incluida no pensamento, a ideia não nos leva á reacção, nem tende ao **chôvinismo**. Sim: a formula tradição nacional não será para nós dique de estagnação, mas, nitidamente, formula de proseguir, orientação indispensavel, pois que o progresso humano — moral, politico e social, só é possivel como desenvolvimento e expansão da tradição em que o grupo nacional se definiu. Lucidamente consciente, não podemos realisar verdadeiro progresso humano, sempre caracterisado no apuro da propria tradição, sinão conhecendo-a bem, para **conscientemente**, desenvolvermos todos os esforços no sentido em que ella se orienta, pelo estimulo das energias que nella se revelam. Desta sorte a tradição vale como a mesma consciencia nacional. E, conhecendo-a, nella nos exaltamos, como na consciencia do proprio valôr pessoal."

M. BOMFIM

"Da tradição se diria, com toda a propriedade: são almas que se continuam através das idades; são os veios que traçam o viver da humanidade. Ou, melhor, é a trama viva onde se tecem as consciencias para todos os effeitos de realização humana — moral, politica, religião, producção economica... que tudo se faz como expressão patente da tradição."

M. BOMFIM

I

Condições biogenicas e biologicas do continente americano.

A' minha dedicada e querida esposa EULALIA, aos meus queridos filhos OCTAVIO, SYLVIO e PAULO e ás minhas queridas noras NOEMI e NAIR — expressão muito carinhosa de sincero affecto.

Em trabalhos anteriores — **Mysterios da pre-historia americana, Amerríqua,** varias conferencias e varios artigos publicados em revistas e jornaes — referi-me, detidamente, á constituição geologica do Brasil e da America, firmado nos sabios conceitos de Lund, Branner, Gerber, Hartt, Morton, Simonin, Weiss, Selow, Rath e tantos outros que, por mais restricções ou suggestivo devotamento aos lemmas autocraticos da sciencia exoterica, não poderam contestar que o planalto central brasileiro é constituido por uma vastissima camada de transição — rochas crystallinas, primitivas ou archaicas — isenta de depositos ou camadas mais recentes, em posição horizontal, prova de que não foi sublevada por forças internas e, portanto, correspondente, na escala geologica, ás primeiras secções de crôsta terrestre emersas do seio do oceano primitivo.

Este phenomeno excepcional que a maioria dos geologos, submissa ao convencionalismo scientifico, não quer perceber, Lund, sobretudo, resalta e elucida com uma logica e uma clareza inexcediveis, demonstra que o Brasil e, portanto, a America, foi o primeiro continente emerso do pelago universal, porque, tanto o **Grande Continente Austral** de Suess, o **Pangeas** dê

Wegener, como a **Terra de Gondwana** de Lapparent e a **Lemuria** das tradições indianas, confirmam o **primitivo unigenismo continental,** e, assim sendo, queiram ou não, ligado á Africa e á Oceania, foi o mais antigo, em relação á Asia e á Europa, nessa época, como dizem a tradição, a historia e a sciencia, **sob a tunica das aguas**.

Referir-me-ei, agora, ao seu **facies** geographico, topographico ou, para ser mais preciso, ao seu aspecto geophysico.

O vastissimo territorio brasileiro pode ser dividido em tres grandes zonas distinctas: altas ou montanhosas, medias ou dos chapadões, e baixas ou constituidas pelos vales, planicies, pampas e pantanaes estendidos entre os systemas hydrographicos do Amazonas e do Rio da Prata e, ainda, pela extensa orla litoranea, banhada pelas aguas oceanicas do Atlantico.

Saliento estas caracteristicas, estas particularidades para objectivar, com a maxima segurança, as condições biologicas do meio ambiente, do **habitat,** onde surgiu e viveu, durante incalculavel periodo chronologico, essa grande raça troncal amerigena, e estabelecer, consolidar a convicção inabalavel de que, nessa ambiencia tão propicia, tão adequada, se póvos, ádvenas, originarios de outras terras e climas diferentes, adaptaram-se, tão facilmente, o mesmo, com maioria de razão, deveria ter succedido ao **ancestral commum,** de que nos fala a sciencia exoterica, através da biogenia e da embryologia, quando tenta explicar a origem das raças, inclusive as raças humanas, primitivas ou pre-historicas, autochtonas ou aborigenes, dos demais continentes.

De facto, ninguem, até hoje, por mais pessimista, ousou negar ao Brasil e á America, essas condi-

ções biologicas, esse **habitat,** absolutamente bionomico, propicio á vida vegetal, como á vida animal.

Todos os homens de sciencia, que, de facto, os visitaram, mesmo os que procuram contestar o autochtonismo da raça troncal amerigena, exaltam a fecundidade, a exuberancia, o vigôr da natureza, a benignidade do clima, a grandeza magnifica do panorama brasileiro ou americano.

"No Brasil, escreveu Buckle, a vegetação é tão fecunda e tão vigorosa, que a natureza parece entregar-se a uma orgia desregrada de pujança."

Humboldt entôa hymnos retumbantes, extasiado na contemplação dos prodigios naturaes, da cópia, da fertilidade, do esplendor e das bellezas das terras maravilhosas do "Nôvo Mundo".

Vespucio, repetem varios historiadores de famosa idoneidade, considerou o Brasil "o Paraizo, a mansão edenica de que a Biblia nos fala".

Lery, d'Abbeville, Thevet, Denis e quantos pisaram, realmente, o solo brasileiro, assignalam a sua **eterna primavera,** os seus campos sempre verdes e matizados de uma infinidade de flôres, "onde nada é semelhante ao que temos nós outros na Europa".

Martius, que, como se sabe, percorreu o nosso paiz de norte a sul, confessa não encontrar tintas para pintar, com exactidão, as côres ineditas do sumptuoso scenario.

"No Brasil tudo é grande, menos o homem", ironizou o despeito mal contido de um dos ultimos descobridores ou exploradores do Brasil, o qual não contava encontrar somente os classicos thesouros naturaes do nosso abençoado torrão.

Euclydes da Cunha, que "fala do que viu com os proprios olhos", e é de uma sobriedade notavel, assim se exprime: "o planalto cêntral do Brasil desce, nos li-

toraes do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras maritimas destendidos do Rio Grande a Minas. Mas ao declinar para as terras septentrionaes diminue gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba para a costa oriental em andares ou repetidos socalcos que o despem da primitiva grandeza, afastando-o, consideravelmenie, para o interior."

"Este **facies** geographico, accrescenta, resume a morphogenia do grande massiço continental."

E conclue: "E' que, de feito, sob o triplice aspecto astronomico, topographico e geologico, nenhuma (refere-se á terra) se afigura **tão affeiçoada á vida".**

Bem sei que esse triplice aspecto nem sempre foi o mesmo. Na propria espiral, que symboliza a evolução universal, nota-se que, de inicio, o cyclo mais proximo do fóco é menor, significando que o rythmo, objectivado pelo seu desenvolvimento, é muito mais accelerado, nesta phase.

De facto, tudo leva a crêr que a totalidade dos phenomenos verificados no planeta, nos primordios do seu arrefecimento, da sua consolidação, além de extraordinariamente violentos, de uma violencia, que não nos é dado imaginar, operava-se ou repetia-se com intervallos tão curtos, tão frequentemente, que as diversas metamorphoses, por que passava, nesses momentos, a superficie do espheroide terrestre, não permittiam ambiencia propicia á vida vegetal e, muito menos, á vida animal, por mais incipientes ou embryonarias.

A sciencia esoterica nos ensina que "onde ha materia, energia e consciencia não pode deixar de haver vida, que, além de **unica,** é **omnipresente,** mas não occulta que, através da evolução do planeta — arre-

fecimento, consolidação, enrugamento da crôsta, movimentos orogenicos, deslocamentos oceanicos, gênese dos continentes —, a vida foi elemental, mineral, vegetal, animal e, finalmente, humana".

O sol e a chlorophylla, diz a biogenia, são elementos indispensaveis á vida animal.

Só depois que a tunica verde das grandes florestas cobriu a peripheria do glôbo, numa extensão e proporção absolutamente necessarias á producção dos phenomenos chlorophyllaticos, isto é, imprescindiveis á perfeita e completa transformação biochimica dos hydratos de carbono, — a oxygenotaxia do meio ambiente — a vida animal conseguiu adaptar-se ou normalizar-se, na superficie da Terra.

As **algas fosseis**, rarissimas em consequencia da sua natural fragilidade, não só confirmam esta hypothese, como demonstram que a vida se iniciou no fundo lodoso dos oceanos, de onde os seus mais simples e primitivos exemplares passaram ás terras, então, emersas desses oceanos.

As florestas submarinas ou terrestres são, portanto, indicio evidente e seguro de ambiencia, de condições biogenicas e biologicas, perfeitamente, favoraveis á eclosão e manutenção da vida animal.

Se a vida animal encontra ambiencia nas regiões polares, onde a deficiencia da propria vida vegetal microscopica é incontestavel, com maioria de razão encontraria e, de facto, encontrou na zona equatorial, onde as florestas exuberam e adquirem essa amplitude e essa pujança, que a sciencia exoterica registra e attribue á influencia biochimica da humidade do solo e da atmosphera, caracteristica meteorologica da zona equatorial.

A America, sobretudo, a America do Sul, extensão continental, onde, desde a era terciaria, a geologia

assignala vestigios incontestaveis das florestas mais opulentas, mais espessas e mais frondosas do mundo, não póde constituir esta absurda excepção, isto é, ser, precisamente, a unica região da Terra, onde a vida animal não encontrou ambiencia, as indispensaveis condições biogenicas e biologicas, compativeis com a sua eclosão e a sua manutenção.

Esse continente anormal, invulgar, **unico,** onde o **ancestral commum** não teria conseguido adaptação mesologica e, então, permittiria affirmar, honesta e conscientemente, que o autochtonismo da raça vermelha, a raça amerigena, é o mais positivo dos absurdos.

A propria geologia, a propria paleontologia, por mais que a sciencia exoterica declare "não possuir elementos para a solução do problema", confirmam, exuberantemente, a evidencia dessas condições mesologicas em todo o continente americano, desde as eras mais remotas da Terra.

Fosseis, apesar do muito pouco que se tem feito neste sentido, encontrados em varias camadas geologicas, desde o **mioceno,** demonstram que essa ambiencia, essas condições mesologicas nunca faltaram ao continente americano.

A maioria ou melhor, a quasi totalidade dos geologos que attentou, de facto, no assumpto, reconhece que "assim, como no presente, já no passado a America do Sul constituia uma das principaes divisões biogeographicas da Terra".

Lund, primeiro a correr o véo de Isis, que occultava as provas cabaes da insophismavel realidade, descobriu e descreveu cento e cincoenta especies desconhecidas de **fosseis** de mammiferos e demonstrou a exuberancia da vida animal nessas épocas remotissimas, pois, "ao lado de uma vegetação pujante de

uma terra uberrima, encontravam-se numerosas especies de mammiferos, debatendo-se em lucta de morte, na ansia da vida". **Fosseis** de todos os generos e alguns em **estado metallico**.

Warming não contesta e, muito ao contrario, confirma os notaveis assertos do erudito e probo solitario da Lagôa Santa e, bem assim, Morton, Nott, Ameghino e todos os technicos e especialistas contemporaneos que, **in loco** e **de visu,** verificaram as suppoSições erroneas dos homens de sciencia, que, de longe, do outro lado do oceano, ousam ou teimam affirmar o contrario, baseados, quasi sempre, em pesquisas e documentos descobertos nos outros continentes.

Até mesmo nessas alcantiladas regiões andinas, como Tiahuanaco, hoje, despidas, inteiramente, de qualquer vegetação, cobertas, em geral, de millenarias geleiras e neves perpetuas, desertas de animaes, despovoadas de seres humanos, encontram-se cyclopicas ruinas monolithicas, documentação objectiva, prova material de que, nos tempos mais distantes, essas paragens desoladas não constituiam a excepção apregoada pelos adversarios do autochtonismo da raça troncal amerigena.

A grandeza extraordinaria desses templos, desses palacios, desses monumentos architectonicos, attesta que, nesses lugares, presentemente estereis, inhospitos, inhabitaveis, agglomeravam-se populações densissimas que, certamente, não lograriam viver, se não existissem arvores, arbustos, plantas, cereaes, legumes, hervas, etc., necessarios, não só ás transformações biochimicas do ar, como á nutrição dos seres humanos, que existiram nessas regiões e realizaram essas titanicas construcções.

Este facto incontestavel, de que a sciencia exoterica não póde deixar de tomar conhecimento, desperta uma

serie infinita de cogitações e induz a logica e plausivel concepção do phenomeno geophysico, que determinou a transformação radical por que passou a região, onde a historia reconhece, floriram a cultura e a civilização incaicas.

A cordilheira dos Andes nem sempre esteve, como actualmente, tão acima do nivel do mar.

Em outras eras a sua altitude foi muito menor e a sua lenta e continua elevação, foi a causa, a origem das grandes alterações mesologicas por que veio passando, até attingir a deficiencia ou incompatibilidade biologica, hoje observada por varios membros das expedições scientificas, que a visitaram.

O ar é a vida, mas, o ar rarefeito das colossaes altitudes, não possue todos os elementos indispensaveis á phenomenologia biologica.

São ensinamentos rudimentares, ministrados nas escolas primarias de todos os paizes cultos e civilizados do mundo.

O **Zenda Avesta,** o livro sagrado dos antigos persas, como as mais longinquas tradições amerigenas indianas e egypcias, perpetuadas pela symbologia archaica, através de millenios, alludem á dilatação e contracção rythmica e cyclica da crôsta da Terra, semelhantes ao duplo movimento thoracico, no acto da inspiração e expiração do ar, phenomeno que a geologia e a propria oceanographia contemporaneas não desconhecem, embora sob criterio e denominações differentes.

A Terra respira, diz a Sabedoria Antiga, na linguagem symbolica dos Grandes Iniciados.

"Respira e vive, porque o Universo é uma Unidade Viva e penetrada da omnipotente Vontade Divina".

O menor dos átomos, como o maior dos astros,

é materia, energia e consciencia, isto é, o indivisivel ternario de que resulta a vida.

Esse maravilhoso phenomeno de levantamento do sólo, verificado por innumeras sondagens do leito dos oceanos, e visiveis modificações geographicas e mesologicas, produzidos por forças, influencias ou elaborações intra e extra-planetarias, a que a sciencia exoterica empresta uma infinidade de nomes, não é de hoje, que têm sido observados e, da mesma forma, o seu equivalente, contrario e opposto abaixamento do litoral banhado pelo Atlantico, a orla da costa oriental da America do Sul, presentemente, coberta pela camada alluvionaria, de formação potamographica ou oceanographica, lento e de fonte geophysica ou rapido e de origem geodynamica ou cataclysmica, como a propria sciencia exoterica nos revela, assignalando as grandes metamorphoses paleogeographicas e geophysicas por que tem passado a superficie do planeta.

A tradição e a historia — ahi estão os manuscriptos, os codigos, os livros sagrados, os archivos mais antigos, encontrados na America, como o **Chilam Balam de Chumayel,** o **Popul-Vuh** e o **Codigo Troano,** tambem alludem a essas metamorphoses que não podiam deixar de influir sobre o homem amerigeno e, portanto, sobre a sua evolução anthropologica e ethnologica.

De facto, todos esses manuscriptos, todos esses archivos falam dos **tempos de Itzimal e Mani,** dilucullo e crepusculo dessa evolução, desse cyclo, dividido em dois equivalentes hemi-cyclos de evolução e involução — o **mavantara** e o **pralaya** — o dia e a noite de Brahma, dos indianos, isto é, os dois grandes periodos oppostos de actividade e inactividade, que caracterizam a totalidade dos phenomenos do mundo physico.

Dahi, a parada, o estacionamento, o declinio, a decadencia, que fez os invasores considerarem barbaros, selvagens ou pre-homens, troglodytas das eras primitivas, os aborigenes do Brasil.

As tribus encontradas, em 1500, nos aldeiamentos ou **tabas**, cujas habitações — **ócas** — rusticas palhoças, como tem sido apregoado, constituiram um grande imperio, eram descendentes de uma grande raça troncal amerigena e não, provindos de póvos ádvenas, asiaticos ou melanesianos, emigrados dos confins das terras distantes, em que se originaram.

O amplo, fecundo e paradisiaco territorio brasileiro e, portanto, americano, pela sua espontanea fertilidade, zonas florestaes, munificencia da sua natureza, amenidade do seu meio physico, benignidade de seu clima, por todos os motivos e privilegios verificados outr'ora, como hoje, pelos technicos e especialistas de nossa e de outras terras, não podia ter sido, de modo algum, a unica extensão territorial, a unica terra firme, o unico continente, onde o **ancestral commum** não encontrou ambiencia indispensavel á sua natural eclosão e consequente manutenção.

Tudo, muito ao contrario, desde os **fosseis** do periodo mioceno, primeiro da era terciaria, aos innumeros monumentos multimillenarios dos seus escombros archeologicos, revela, demonstra, positiva que a America, o continente mais antigo, foi, com effeito, o **habitat** de uma antiquissima raça troncal, cuja cultura e civilização, tambem antiquissimas, já não se podem, absolutamente, contestar.

II

Autochtonismo da raça americana.

A meus irmãos ANTONIO MAGARINOS e JOSÉ MAGARINOS — testemunho affectuoso de fraternal amizade.

Negar o autochtonismo da grande raça troncal amerigena e das sub-raças, isto é, o aborigenismo da immensa, compacta, densissima população que os invasores encontraram disseminada por todo o territorio americano, além de firmar a hypothese absurda de que a America, ao contrario do que succedeu aos demais continentes, foi, até bem pouco tempo, uma região completamente deserta, positivamente inhospita, privada de qualquer condição biologica, é reconhecer **ipso facto** a antiguidade do continente americano e, quiçá, do proprio homem americano, porque, não é logico que o primeiro continente emerso do pelago primitivo fosse o ultimo povoado e, neste caso, contradizer-se, destruir o seu proprio argumento, isto é, **confirmar o autochtonismo que pretendia contestar**.

Com effeito, se toda essa enorme população, se a totalidade dos habitantes do "Nôvo Mundo", descoberto por Christovam Colombo, em 1492, não é nativa, oriunda e, ao contrario, emigrou da Asia ou da Oceania, e nessa época, como a Historia da Navegação registra, os asiaticos, os melanesianos, os póvos mais evolvidos da Terra não dispunham do indispensavel apparelhamento para a realização de tão arris-

cada, quão difficil ou impossivel empreitada, esse **povoamento,** essa **colonização** só se teria processado através de millenios, através de um immensuravel periodo chronologico, prova inconteste, positiva, scientifica dessa antiguidade continental e dessa antiguidade racial, prova, por sua vez, desse autochtonismo. porque, não tendo existido outro continente, antes da America, o homem americano não podia deixar de ser autochtono, isto é, originario do proprio solo americano.

Não se povoam, não se colonizam, da noite para o dia, quarenta e dois milhões de kilometros quadrados, de uma região completamente deserta, positivamente inhospita, privada de qualquer condição biologica, transportando, de paragens tão distantes, sobre extensões oceanicas desconhecidas e, além de tudo, em pequenas jangadas, pirogas ou mesmo em grandes juncos e caravellas, homens, mulheres e creanças, por mais resistentes ou physiologicamente privilegiados.

Essas viagens teriam sido lentas, demoradissimas; não só em virtude da deficiencia e da imperfeição dos meios de transporte maritimo, dos accidentes naturaes (tempestades, desvios de rota, naufragios, etc.) como das distancias que já separavam, nesse tempo, a America da Asia e da Oceania, depois da submersão cataclysmica da Lemuria e da Atlantida.

E de que modo teriam esses navegantes conseguido conduzir mantimentos, em quantidade sufficiente á manutenção desses **colonos,** naturalmente angustiados, na exiguidade dessas rudimentares e primitivas embarcações, durante mezes e mezes de vagarosa e perigosissima travessia?

De que modo teriam podido transportar utensilios e instrumentos, absolutamene indispensaveis, du-

rante a viagem, como depois de aportarem a essas terras ignoradas, para a fundação das respectivas **colonias?**

E ainda que todas essas difficuldades fossem aplainadas, totalmente vencidas, é logico, é criterioso admittir que esses póvos ádvenas, originarios de zonas climatericas e geographicas differentes, se adaptassem mais facilmente do que o **ancestral commum,** origem da raça troncal amerigena, ás condições mesologicas da America, assim inhabitavel?

Estas e outras objecções, cada qual mais plausivel e, sobretudo, de um criterio e de uma logica insophismaveis, levaram os adversarios da grande verdade a seguir ou adoptar o **processo da famosa Shehrazade,** a quem devemos a lampada de Aladino e os quarenta ladrões de Ali-Babá.

Tudo, com effeito, que, a proposito da vinda dess ses póvos asiaticos ou melanesianos que, segundo affirmam, teriam povoado o continente americano, sem uma explicação racional, verosimil, da maneira por que lograram atravessar essas amplidões oceanicas, intercontinentaes, não pode ser encarado de outro modo.

A conhecida hypothese do **isthmo de Behring,** permittindo, como dizem os compendios, aos **turanianos,** aos **scythas** e outros póvos asiaticos passarem da Asia á America e, bem assim, a celebre theoria de Haacke, isto é, o accesso do territorio americano por póvos originarios de outros continentes, através de oceanos polares, no periodo maximo de sua congelação e, portanto, durante a phase mais rigorosa do inverno, em face de tudo que a sciencia exoterica não desconhece, são, positivamente, mais phantasticas do que todos os **Contos das mil e uma noites.**

Na verdade, póvos originarios de zonas torridas

ou mesmo temperadas, privados, como é sabido, de todos os meios que lhes permtitissem uma viagem rapida e, muito ao contrario, forçados, por este motivo, a lentas e demoradissimas caminhadas sobre infindaveis planicies ou accidentadas montanhas de gelo e, além de tudo isto, sob a inclemencia de um ambiente incompativel com suas condições biologicas ou physiologicas, ainda que conseguissem realizar a travessia antes do degelo, não teriam, com certeza, resistido ás consequencias das privações e ás enfermidades decorrentes do clima pernicioso dessas regiões polares.

Por mais devaneios, por mais subterfugios, por mais sophismas, a verdade se impõe com uma clareza, que não pode escapar ao pesquisador de bôa fé.

Se esses póvos não surgiram, realmente, no sólo americano, se, de facto, não foram autochtonos, aborigenes, nativos, originarios, só poderiam ter vindo por terra, terra firme, quando os continentes ainda estavam ligados, existiam a Atlantida e a Lemuria, a **Terra de Gondwana,** dos mappas paleogeographicos de Lapparent, e, portanto, numa época remotissima, na era terciaria, época em que, segundo a propria sciencia exoterica, ainda não existiam os chinezes, os arabes, os hebreus, os phenicios e, principalmente, os gregos, porque, na era terciaria, tanto a Asia como a Europa jaziam sob as aguas pelagicas dos oceanos e, portanto, mais uma prova robusta da precedencia da America e do homem americano, em relação aos outros continentes e ás outras raças.

E' a paleogeographia que nos revela, a geologia que nos patenteia, a propria sciencia exoterica que nos instrue, baseada no que denomina **documentos positivos**.

Não deduzam ou concluam destas palavras que

contesto a existencia das inscripções rupestres, assignaladas e interpretadas por Bernardo de Azevedo.

Essas inscripções existem, com effeito, insculpidas em varios rochedos da America, mas, não têm a significação que lhes querem dar, isto é, não attestam, absolutamente, que os chinezes, os arabes, os hebreus. os phenicios e os gregos **povoassem** ou **colonizassem** a totalidade do continente americano.

Podem attestar, quando muito, que esses póvos visitaram a America e a visitaram muito recentemente, porque, como a Historia da Navegação nos elucida, só depois dos navios longos **(navis longa),** da Idade Média, tiveram inicio, realmente, as classicas **viagens compridas**.

Os nossos pescadores nordestinos, em fragilissimas jangadas, como já tive ensejo de proferir, atravessam o Atlantico, approximam-se ou alcançam o litoral africano, mas, apesar deste facto notorio e evidente, ninguem se lembrou, ainda, de assegurar que os nordestinos do Brasil **povoaram** ou **colonizaram** a Africa Occidental. Entre **visitar** um paiz e **povoal-o** ou **colonizal-o** vae um abysmo.

Esses póvos, quando visitaram a America, encontraram-na habitada de Norte a Sul, provam as innumeras **runas,** origem dos **futharks** dos antigos teutões, tambem insculpidas nos rochedos de todo o continente americano e attribuidas aos atlantes, e, bem assim, as pedras de crisóes (**piedras de tacitas**), instrumentos ritualisticos de um culto, exclusivamente americano, tão remoto, que os aborigenes do tempo da conquista desconheciam, em absoluto, e, até hoje, não foram descobertas em outras regiões do planeta.

Além da grande raça troncal amerigena e respectivas sub-raças, encontraram-na habitada por póvos remanescentes ou descendentes dos lemurianos, na

America do Sul, e dos atlantes, na America do Norte, como diz a sra. Blawatsky.

Para provar o autochtonismo da grande raça troncal amerigena, se o **homo neanderthalensis** não fcsse um verdadêiro **tabú** anthropologico, bastaria citar os trabalhos do eminente anthropologo americano, dr. Alex. Hrdlicka, que, como se verifica dos annaes e relatorios organizados e editados pelo Instituto Smithsoniano, descobriu o **homo simius,** cujos **fosseis** foram encontrados, no Mexico, em promiscuidade com varias ossadas da macrofauna, no **mioceno,** primeiro periodo geologico da era terciaria.

A propria sciencia exoterica, como diz o prof. Jorge Bahlis e se lê em differentes revistas e jornaes contemporaneos da notavel descoberta, deante das provas materiaes, absolutamente incontêstaveis, considerou "uma preciosa contribuição scientifica".

Poderia ter ido além, consagrando-a, sem favôr, a solução integral do problema, o documento comprobatorio do autochtonismo da grande raça troncal, amerigena, tanto mais quanto, o homem da Lagôa Santa, de Lund, como o **archæ-anthropus,** de Ameghino e os authenticos e idoneos documentos, a que se referem Rath, Pedberg, Morton, Simonin e tantos outros, são a confirmação positiva desta axiomatica verdade.

Não o fez ou não o quiz fazer, mas, por menos que se procure concluir das palavras do Prof. Jorge Bahlis e dos commentarios dessas revistas, desses jornaes, écho da opinião publica, no momento, a propria sciencia exoterica, desta ou daquella maneira, reconheceu que "Hrdlicka descobriu, no Mexico, em camadas do **mioceno,** primeiro periodo geologico da era terciaria, **fosseis** anthropomórphos, cujas medidas anthropometricas os approximam mais, muito mais, do **typo animal,** do que outros **fosseis** anthropomór-

phos, da era quaternaria, encontrados na Asia, na Africa, na Oceania ou na Europa, tanto assim que acolheu a denominação **homo simius,** que foi dada aos referidos **fosseis** pelos technicos e especialistas do Instituto Smithsoniano".

A importancia real desta descoberta não passou e não podia ter passado despercebida em todos os meios scientificos da America e da Europa.

Se, com effeito, foram encontrados, no Mexico, em camadas do periodo **mioceno,** primeiro da era terciaria, **fosseis** do **homo simius,** accusando dimensões anthropometricas que os approximavam do **typo animal** e os afastavam, por conseguinte, do **homo sapiens** e, neste caso, mais rudimentares e primitivos e, portanto, muito e muito mais antigos, estava demonstrado, scientificamente, não só o autochtonismo da grande raça troncal amerigena, como a extraordinaria antiguidade, a incontestavel precedencia chronologica dessa raça, em relação a todas as raças troncaes aborigenes dos outros continentes.

Assim, entretanto, não aconteceu ou melhor, a sciencia exoterica não quiz comprehender.

Apesar do grande valôr do precioso achado, dos argumentos e dos conceitos, que, espontaneamente, suggeriu e suggere; apesar, em summa, de todas as provas, documentos e testemunhos, que asseguram a sua absoluta authenticidade, provas, documentos e testemunhos constantes dos annaes e dos relatorios divulgados pelo Instituto Smithsoniano, como succedera ao celebre craneo do **homo americanus**, que Rath descobriu, em Pontimelo, sob o escudo de um **glyptodonte,** e ao **toxodonte,** atravessado por duas settas fossilisadas, que um irmão de Ameghino e Keidel exhumaram em Miramar, foram, summariamente, considerados **trouvailles, canards, canards americains,**

mystificações, em bom portuguez, pelos privilegiados omnicientes do suppôsto "Velho Mundo".

Avaliu, perfeitamente, o choque destas palavras na consciencia dos que, de bôa fé, porém, suggestionados pelos dogmas e sophismas do convencionalismo orthodoxo, crystallizaram na mente o absurdo de que a America é o Nôvo Mundo, descoberto por Colombo, em 1492, e de que tudo existente no seu amplo territorio é originario da Asia, da Oceania ou de outra qualquer parte do glôbo, menos do seu proprio sólo.

Avaliu, perfeitamente, o pasmo, a duvida, a incredulidade dos que se habituaram á influencia suggestiva dos compendios, mas, em face de tudo que a logica e a verdade permittem assignalar, em face de tudo que a geologia, a anthropologia, a archeologia e a glyptographia conseguiram averiguar, **não posso pensar nem manifestar-me de outra maneira.**

Mas, não quero que me supponham agarrado com unhas e dentes ao **homo simius** de Hrdlicka, como os adversarios do autochtonismo da raça troncal amerigena, á hypothese do **isthmo de Behring,** unica prova presumivel que podem exhibir da supposta passagem dos **turanianos** da Asia para a America, pôvo, que, na opinião de muitos, **teria povoado ou colonizado, da noite para o dia, os quarenta e dois milhões de kilometros quadrados do seu vastissimo e accidentado territorio,** mas, que para outros, não passa de **aborigene, autochtono da propria America,** porque, **Turá** é um vocabulo, genuinamente **tupy-guarany,** composto de **Tu** — estrondo — e **rá** — raio — vocabulo que pode ser traduzido pela expressão portugueza: **raio tonitruante,** e permitte reconhecer que os **turanianos** adoravam o raio, como os **tupy-guarany**.

O homem da Lagôa Santa, de Lund, o homem terciario do Brasil, que a celebre sentença de Mr. de

Quatrefages reduziu a "mero encontro do homem prehistorico, na America do Sul", é um documento precioso, que tem resistido a todos os dogmas e a todos os sophismas, habilmente manejados pelos sabios de além mar, e pela maioria dos brasileiros que **não consegue escapar á influencia do tabú anthropologico,** fructo do egocentrismo da sciencia exoterica da Europa.

"A' vista dos factos que acabo de referir, escreve o eminente geologo ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, não pode restar duvida alguma de que a existencia do homem neste continente (a America) data de tempos anteriores á época em que acabaram de existir as ultimas raças de animaes gigantescos, cujos restos abundam nas cavernas deste paiz (o Brasil) ou em outros termos, anteriores aos tempos historicos".

E ainda mais:

"Sem duvida uma tal supposição repugnaria á grande massa de anthropologos, acostumados a ligar a idéa de modernidade a tudo o que concérne ao continente (a America); porém, esta idéa, filha de considerações historicas, tem sido indevidamente estendida ao fôro das sciencias physicas; os factos acima referidos o provam a respeito das producções deste continente, e terminarei mostrando que a mesma conclusão vale a respeito do continente, considerado em si."

E salienta a notavel excepção geologica, que não pode passar despercebida a quem, de bôa fé, liberto de dogmas e sophismas, encare o magno problema:

"A grande planicie que comprehende a parte elevada do Brasil, desde a Serra do Mar até as Cordilheiras dos Andes, abrangendo as cabeceiras dos rios maiores do mundo, forma um terreno extenso, cujo sólo é constituido de rochas pertencentes ao periodo chamado em geologia "de transição", e depositadas,

em regra, em camadas horizontaes, sem que essas camadas sejam cobertas por outras de formação mais recente. Não consta, em outra qualquer parte do mundo, a existencia de semelhantes extensões de terreno, apparentando essas condições geologicas, visto que apparecem, em regra, as rochas primitivas e de transição, em camadas, consideravelmente inclinadas, demonstrando, deste modo, terem sido levantadas, depois da formação de depositos mais recentes, por effeito de forças expulsivas que teriam agido do interior para o exterior."

Estas palavras do erudito e honesto homem de sciencia atravessaram o oceano e Boule, referindo-se a ellas, assignala que "esta excepção e outras particularidades geologicas, que, de facto, não derivam ou decorrem de qualquer **acção geognosica** recente, permittem suppôr que essas camadas e, bem assim, todos os **fosseis,** nellas encontrados, remontam a uma época **muito anterior** á Era Quaternaria".

Os proprios adversarios ou, mais precisamente, muitos dos que acreditam invalidar o axioma de Lund, confessam que "as grutas e os algares do Rio das Velhas, ainda não pesquisados pela sciencia exoterica e, portanto, integralmente intactos e desconhecidos, occultam ou devem occultar, digo eu, nas profundezas das suas camadas geologicas, a positiva documentação de um passado longinquo, ao qual, provavelmente, o homem não foi estranho".

E' preciso salientar que o genial apostolo da grande verdade, que não me cansarei de exalçar, nunca teve a inepta pretenção de articular a ultima e definitiva palavra sobre este assumpto, cuja complexidade e amplitude foi o primeiro a proclamar.

Façamos justiça á erudição do sabio eminente e, sobretudo, á impeccavel honestidade do homem de

bem, interpretando, com erudição e honestidade, o sentido real das suas asserções, a verdade e a logica dos seus corollarios.

Lund não declarou ou reconheceu, como tem sido assoalhado, que as raças mongolica e americana tiveram origem commum, isto é, que descenderam de um mesmo tronco racial.

Affirmou, muito ao contrario, em varios trabalhos, amplamente divulgados, que as dimensões anthropometricas, até então verificadas, permittiam assegurar que o **fossil** do homem americano approxima-se mais, muito mais, do **typo animal,** que os **fosseis** humanos, encontrados nos demais continentes, e, neste caso, **mais rudimentar, mais primitivo, mais antigo,** demonstrava, objéctivava, positivava, aos **proprios partidarios da origem commum das duas raças,** que o mongol descendia do americano e não o americano do mongol, uma vez que a evolução não se processa do perfeito para o imperfeito.

Eis as notorias e conhecidas palavras do solitario da Lagôa Santa, sobre o assumpto:

"Os caracteres mais essenciaes, por onde essa ultima (a raça americana) se distingue daquella (a mongolica) são maior estreiteza e baixeza da testa e maior proeminencia dos ossos faciaes. Ora, esses caracteres, sendo outras tantas approximações para o typo animal, deve a raça americana occupar um lugar inferior na escala comparativa á raça mongolica. Admittindo, agora, a hypothese de uma origem commum para essas duas raças, sendo a raça mongolica a raça primitiva, deve-se forçosamente considerar a raça americana como uma degeneração daquella. Segundo esta hypothese devia-se suppôr que, quanto mais retrocedessemos aos tempos passados, tanto mais se approximariam essas duas raças uma da outra,

nos seus caracteres physicos. Ora, os factos que tenho referido acima, mostram, pelo contrario, que a raça americana, por espaço approximadamente de 3.000 annos, não tem mudado em seu typo geral ou se é que tem mudado, é para se afastar ainda mais da raça mongolica, nos tempos primordiaes da sua existencia. Para **os que querem insistir na commum origem dessas duas raças** (o grypho é meu) não fica, pois, outro expediente, senão inverter a ordem chronologica, até aqui admittida, o que viria, certamente a ser mais em conformidade com a marcha ordinaria da natureza, procedendo do imperfeito para o perfeito."

Deste topico, de uma logica e de uma clareza absolutas, constante de uma das suas cartas mais notaveis sobre os maravilhosos resultados das suas longas e acuradas pesquisas nas cavernas da Lagôa Santa, não se pode deduzir, absolutamente, que Lund affirmasse a origem commum das raças mongolica e americana e, muito menos, que o americano descendesse do mongol, "opinião aceita, hoje, correntemente, entre modernos anthropologistas".

Ao contrario. Muito ao contrario. Desta solemne e cathegorica exposição só nos é dado concluir que o pae da geologia brasileira, porque, a elle devemos tudo que se conhece neste sentido, não só distinguia essas duas raças, como considerava a amerigena mais rudimentar, mais primitiva, mais antiga e, bem assim, que **os mais intransigentes proselytos da origem commum de ambas as raças seriam forçados a reconhecer que, se uma descendia da outra, a amerigena foi o verdadeiro tronco racial.**

Não pretendo desvendar o motivo logico e a razão scientifica que levam technicos e especialistas de incontestavel responsabilidade a inverter, como acabo de mostrar, os postulados do erudito e eminente geologo.

Aos que procuram erguer o véo de mysterio, que envolve a Esphinge da pre-historia americana, não pode passar despercebido o secreto intuito, o impenetravel proposito de evitar que a luz suprema da verdade incida, directamente, sobre as trevas profundas deste arcano.

De tudo — dogmas e sophismas — se tem lançado mão para complicar, ainda mais, o enredado e sinuoso labyrintho.

Até as differenças da fauna paleontologica da America do Sul, em relação ás faunas paleontologicas da America do Norte e da Europa, phenomenos, que, depois da descoberta e dos recentes estudos da influencia ou acção geogenica e anthropogenica dos **raios cosmicos,** só podem servir para confirmar a antiguidade da America, têm sido aventadas nesse intuito secreto, nesse proposito impenetravel de invalidar o inattingivel axioma de Lund.

Na vertigem dessa irreverente **profanação,** houve até quem proclamasse que as "camadas geologicas da America não podem ter a mesma **significação chronologica** das camadas geologicas dos outros continentes e, assim sendo, os animaes terciarios da macrofauna americana, **herbivoros gigantescos, que não ultrapassaram o periodo glacial,** são recentissimos, são dos nossos dias."

Por mais extravagante que pareça, esta **encyclica** foi traçada pela mão de um dos **pontifices** mais em vóga, afim de crystallizar na mente nacional que a promiscuidade das ossadas desses **herbivoros gigantescos** com os **fosseis anthropomorphos,** descobertos e assignalados por Lund, na Lagôa Santa, "não é prova scientifica de que o **homo americanus** é terciario".

O fanatismo e o sectarismo, a presumpção e a rotina turvam a visão e a propria mente dos que se

julgam **donos do saber humano** ou, pelo menos, **interpretes privilegiados** da verdade suprema.

Na escuridão dessa treva absoluta desviam-se, inconscientemente, da senda unica que os poderia levar ao pincaro luminoso da sagrada montanha, e rolam, então, pelo ingreme despenhadeiro, no abysmo insondavel dos mais inverosimeis absurdos.

Aturdidos pelo trauma da quéda, a consequente commoção do assombroso accidente, entram a proferir os allucinantes despauterios que caracterizam essas conhecidas manifestações psychopathicas.

Com effeito, quem poderá contestar, logica e scientificamente, os axiomaticos postulados de Lund, a proposito de tudo que pesquisou no planalto central do Brasil, hoje, que a propria sciencia exoterica chegou a verificar o **estado metallico** de varios **fosseis** da flora e da fauna pre-historicas, colhidos em camadas terciarias do amplo territorio americano?

III

A ILHA BRASIL dos mappas geographicos da Idade Media.

Ao cunhado RAUL DEVEZA —
symbolo de merecido apreço.

A lenda é a tradição oral de uma verdade erudita hyperbolizada ou deturpada pela imaginação ou pela ignorancia populares.

Desde as eras mais remotas existem o scientifico e o empirico, o esoterico e o exoterico, erudito e o popular.

A lenda não é, como dizem os diccionarios, a narrativa de factos inveridicos e absurdos. Não exprime, exclusivamente, phantasia, sonho, chimera ou extravagancia, pois, como assevera notavel moralista, a despeito de toda a ficção, "é, sempre, mais verdadeira do que a historia, em geral, bajuladora ou calumniadora e, raramente, justa ou exacta".

Em todas as lendas, por mais inverosimeis, illogicas e absurdas, ha, sempre, um fundo, um fio de incontestavel realidade.

E' que, por maior poder de imaginação, ninguem, nenhum mortal consegue fixar, plasmar em sua mente e muito menos descrever, desenhar, modelar, objectivando os seus minimos detalhes, um ser, uma cousa, um facto que não tenha visto ou assistido, anteriormente, e se lhe tenha, consciente ou inconscientemente, gravado ou reflectido, ao menos, no subconsciente.

Em todo o passado, na America, na Asia, na Africa ou na Europa, a Sabedoria Antiga, a Sciencia Integral dos Iniciados, não ultrapassava o ámbito mysterioso e secreto dos templos. Era, religiosamente, velada á curiosidade profana do vulgo, que, no seu ins-

tinctivo egoismo, na sua natural ignorancia, só poderia utilizar esses conhecimentos occultos, de uma maneira, fatalmente nociva.

Este foi um dos sabios motivos que levaram os **mennes** do Yucatan, os **mahatmas** da India, os **hierophantes** do Egypto, a totalidade dos magos e sacerdotes de todas as regiões do Mundo Antigo, a occultar nas cryptas, nos hypogeus, nas pyramides, os seus santuarios, as suas academias, os seus observatorios, em que, no silencio e tranquillidade das suas meditações profundas, tentavam descobrir as leis divinas, que regem o Microcosmo e o Macrocosmo.

A verdade é unica e absoluta, mas, as interpretações desta verdade unica e absoluta são multiplas e relativas. A verdade, attingida pela mente culta dos eruditos e interpretada pela mente inculta do pôvo, era hyperbolizada ou deturpada pela imaginação e pela ignorancia desse pôvo, e dahi a origem da lenda, isto é, da versão oral, da tradição popular, da interpretação exoterica e empirica da verdade esoterica e scientifica.

Ainda hoje, encontramos entre varias nações da Asia, a reminiscencia de duas linguas, duas religiões e duas sabedorias, uma erudita e outra popular, adoptadas pelo mesmo pôvo, através das idades.

Confunde-se, em geral, lenda com legenda, mytho e fabula.

Legenda, **cousa que se lê** — palavra derivada do vocabulo latino **legenda** — já é uma intervenção, uma creação dos eruditos, no intuito de corrigir ou guiar, quando nocivos, os devaneios, as hyperboles da mente popular.

Mytho e, bem assim, fabula são **lendas eruditas, ensinamentos** religiosos, philosophicos, scientificos e historicos, intencionalmente transmittidos pelos erudi-

tos ao pôvo e á posteridade, através de symbolos e allegorias que, na maioria das vezes, são formulas ou chaves de profundissimos arcanos.

Na lenda mais illogica, na lenda mais extravagante ha sempre um vislumbre de absoluta realidade, um vestigio indelevel de conhecimentos historicos ou scientificos.

Quem se der ao trabalho de estudar minuciosamente qualquer das grandes lendas da humanidade, com a maxima isenção de animo e, sobretudo, guiado pelo criterio e pela erudição, que a tarefa demanda, verificará o acerto, a precisão integral desta affirmativa, um verdadeiro axioma.

O proprio Max Müller, o implacavel demolidor dos aphorismos de Plotino e Porphírio, que como se sabe, divizavam, nas lendas mais primitivas, "dogmas philosophicos e noções moraes", pois, as façanhas de **Ulysses e as sereias não são mais do que sabias advertencias aos incautos, de que devem evitar a seducção perigosa dos vicios**, postula que as lendas são descripções poeticas dos grandes espectaculos da Natureza; os deuses, que nellas figuram, agentes mysteriosos de phenomenos physicos, e os seus nomes, epítheios que designam esses phenomenos.

Se a sciencia exoterica permitte corollarios deste genero, a sciencia esoterica não pode cortar as asas do condôr andino, que nos libra ao Infinito.

A Egreja Romana não contesta os philosophos do seculo IV, quando asseveram "que as lendas são narrativas symbolicas de factos historicos e de verdades divinas, que escapam á percepção vulgar dos homens".

Effectivamente, a **Legenda Aurea,** tambem denominada **Vida dos Santos,** não tem outra origem nem outra finalidade.

E', com effeito, uma collectanea, um elucidario de factos historicos e conhecimentos transcendentes que a incapacidade commum dos homens hyperboliza ou deturpa através dos devaneios da sua imaginação.

A **Biblia** é uma prova, um documento magnifico desta crystallina verdade. Nenhuma das suas passagens, dos personagens, que nella apparecem, das suas phrases, das suas palavras pode ser tomada ao pé da letra, sem prejuizo total do sentido que, realmente, occultam.

Dahi as heresias a que se reduzem as traducções e interpretações dos textos kabbalisticos de Moysés, thesouros preciosos de vêrdades historicas, scientificas, como Fabre d'Olivet os classifica.

O **Popol-Buj** ou **Popul-Vuh**, como foi divulgado por Brasseur de Bourbourg e Le Plongeon, está no mesmo caso e, assim, todos os codigos e livros sagrados que nos falam das theogonias amerigenas, asiaticas, africanas ou européas, desde os dias primeiros da Terra.

Mendizábal, commentando o sentido esoterico do **Popol-Buj**, affirma o esoterismo das religiões amerigenas, inattingido pela mentalidade popular e pelos proprios frades hespanhoes, que, como Frei Bernardino Sahagun, pretenderam interpretal-o.

A lenda mayo-quiché, referente aos "filhos de Mayab, que entendiam as arvores no silencio da noite", é uma synthese perfeita da sua erudita theogonia interpretada pela imaginação popular.

Hurakan, o vento em movimento, o ar, a vida, o Poder Creador, era a causa primaria do Universo.

As cerimonias ritualisticas dessa religião amerigena realizavam-se á noite, no pincaro elevado de certas montanhas, onde havia um altar rodeado de pinheiros, cujos ramos, agitados pela ventania, vibravam sonoramente.

A concepção cosmogonica do Universo, attingida pela mentalidade erudita dos **mennes,** dos **thins,** dos sacerdotes da America pre-colombiana, era, deste modo, objectivada nesse ritual symbolico, ao alcance da mentalidade popular.

"Todo o symbolo, ensinou o Mestre, é a objectivação de uma verdade occulta, que interpretamos de accôrdo com as nossas capacidades."

Eis o que nos diz Mediz Bolio, em um dos seus artigos sobre a **Terra de Mayab:**

"Sem que ninguem o tenha ensinado o indio sabe muita cousa.

O indio lê com seus olhos tristes o que as estrellas escrevem no seu movimento, o que está escondido na agua morta, na escuridão das cavernas, o que está gravado no pó humido da savana, na pegada indecisa da côrça fugitiva.

O ouvido do indio escuta o que dizem os pássaros sagrados, quando se apaga o sol, e ouve a voz das arvores, no silencio da noite e das pedras douradas pelo esplendôr, do amanhecer.

Ninguem lhe ensinou a ver, ouvir e entender estas cousas mysteriosas e grandes; elle as sabe. Sabe, porém, as silencia.

O indio fala com as sombras. Quando o indio dorme, fala com aquelles que o escutam e escuta aquelles que lhe falam. Quando acorda sabe mais do que antes, mas, cala mais, muito mais do que antes."

O Homem dos Milagres, da **Grande Mensagem,** allude á viagem ao palacio da **Cabála,** que só se alcança depois de convenientemente iniciado, affirma o **indio** maya.

"Deitar-vos-eis, então, num leito, com o rosto voltado para léste e não deveis temer, pois sereis pro-

tegido, porque, èstes lugares são sagrados e guardados pelos indios de nossa Ordem."

Pode ser que estas significativas palavras não tenham sentido para toda gente, mas, duvido que passem, inteiramente despercebidas, aos que tiveram a graça de palmilhar, conscientemente, o verdadeiro caminho do discipulo.

Pode ser que para muitos seja, apenas, uma **lenda sem nexo,** mas, acredito que, embora para poucos, para uma restricta minoria, servem de prova, documento e testemunho a tudo que, sobre o assumpto, acabo de mencionar.

Pode ser que para muitos não valham nada, mas, para alguns signifiquem tudo e, neste caso, permittam induzir que a lenda é, realmentẽ, a tradição oral de uma verdade erudita, hyperbolizada ou deturpada pela imaginação popular.

Esta explicação indispensavel e de absoluta utilidade, servirá, talvez, de chave aos que aspiram decifrar o grande enigma que a Esphinge amerigena continúa a offerecer ao engenho dos Œdipos, de áquem e de além mar, os quaes, ha tantos seculos, intentam solucionar os problemas da pré-historia americana e, portanto, do nosso amplo e mysterioso Brasil.

Nossa terra, como Lund o demonstrou, geologica e paleogeographicamente, foi a primeira emersa das pelagicas profundidades do oceano.

A lenda antiquissima da existencia de uma ilha perdida na amplidão oceanica do Atlantico, com o nome de **Brasil,** revigora esta logica concepção do grande sabio dinamarquez, o genial e criterioso pesquisador da Lagôa Santa, porque, foi, effectivamente, uma das versões mais arraigadas na memoria dos póvos dessas eras longinquas.

Os eruditos, pelo menos, tinham uma noção muito nítida da existencia dessa terra occidental, a que a imaginação popular emprestava o poder magico de locomover-se, isto é, de **mudar de situação geographica.**

Os **Irmãos Invisiveis** das mais antigas **Fraternidades Brancas,** do Occidente, mesmo durante essa tenebrosa Idade Média, não ignoravam que "a America é a **Terra da Constellação da Aguia,** de onde emanaram as raças, a cultura e a civilização mais remotas".

"As pyramides egypcias, escreve Swinburne Clymer, G. M. da **The Fraternity Rosicrucian in America,** foram construidas por um pôvo de cultura e civilização maravilhosas, adeantadissimas, originario da Atlantida."

A sciencia exotêrica nega a existencia da Atlantida, mas, em face de todas as provas geologicas, paleoanthropologicas, glyptographicas, archeologicas, não pode contestar a antiguidade pre-historica da America ou, pelo menos, do grande continente austral primitivo, constituido da America do Sul, da Africa e da Oceania, toda emersa nessa época remotissima, e, portanto, admittir que esse pôvo, que Swinburne suppõe originario da Atlantida, fosse originario da America.

Esses monumentos, cyclopicos padrões construidos de **maneira mysteriosa,** conforme os dubios conhecimentos contemporaneos do assumpto, foram edificados no Egypto, porque, "os póvos cultos e civilizados da antiguidade consideravam essa região o centro da superficie da Terra, centro que, como alludem varios livros sagrados, duraria até o fim dos tempos."

A pyramide é a TETRADA SAGRADA, onde, segundo Pythagoras, está synthetizada toda a Sabedoria Divina.

As pyramides são symbolos dessa remotissima Sabedoria e foram construidas, tanto na America co-

mo na Africa, para servirem de baliza ou marco geodesico do centro peripherico do planeta, região que resistiria incolume, através dos tempos, ao fôgo e á agua de todos os cataclysmas, afim de perpetuarem, eternamente, como Durville, Maeterlink, Moreux e tantos outros verificaram e assignalaram, as preciosas **chaves** dos transcendentes conhecimentos attingidos pela mente humana nessas eras distantes e insculpidas no interior desses solidos monumentos.

As designações Bacil, Bracil, Berzil, Braçur, Brazyle, Bresilzi, Brezill, Brazi, Brazil ou Brasil são assignaladas na maioria das primitivas cartas geographicas da Idade Média, indicando uma das terras mais occidentaes, circumdada pela immensa massa liquida do grande **Mar Tenebroso.**

Os compendios mais famosos, adoptados em nossas escolas, collegios, gymnasios — educandarios de varias cathegorias — referem que o Brasil foi descoberto por Pedro Alvares Cabral; descoberto por acaso e que o nome que lhe deram, depois de chamarem-no **Terra da Vera Cruz** e **Terra da Santa Cruz,** decorreu do encontro do **ibirapitanga**, arvore, cujo cerne vermelho, **côr de braza**, utilizado, ha millenios e, com vantagem, na tinturaria, exuberava em seu amplo territorio e constituiu o mais lucrativo commercio de quantos o exploraram.

Tudo isto e outros depoimentos testemunhados pelo celebre Caminha, na sua não menos celebre missiva ao venturoso rei d. Manuel, de Portugal, ao que se sabe, presentemente, não passaram e não passam, com effeito, de meras impressões pessoaes, mil vezes mais inverosimeis e absurdas de que todas as fabulas ou mythos a proposito da antiguidade da America, do homem americano, da sua cultura e da sua civilização, que, conforme as provas geologicas, paleontolo-

gicas e paleoanthropologicas, colhidas por Lund, Ameghino e Hrdlicka não admittem qualquer contestação.

Nem o fanatismo de João de Barros, attribuindo a Satanaz o nome diabolico de **Brasil,** como foi dicto, nem tudo que se tem allegado para referendar as suas **sabias palavras**, destroem ou invalidam a versão, hypothese ou concepção da existencia dessa ilha, muito e muito antes do advento de Pedro Alvares Cabral.

De facto, como é do dominio da propria sciencia exoterica, um seculo e meio antes das náus lusitanas aportarem ás costas orientaes da America do Sul, a despeito do classico obscurantismo, que nublou a mente humana, nesse calamitoso periodo mêdieval, o nome **Brasil** figurava em varios mappas, portulanos, planispherios, atlas e documentos maritimos de authenticidade notoria e indiscutivel.

E' verdade que essa **ilha Brasil** era indicada, pelos cartographos, geographos e mareantes da época, em latitudes e longitudes, totalmente diversas.

Se uns a localizavam ao Norte, nas proximidades, da Irlanda, embora mais para o poente, outros a situavam nas alturas ou melhor, na direcção da peninsula Iberica, e outros, ainda, ao Sul, muito ao Sul, mas, todos, nesse extremo occidente, nessa região desconhecida, êncoberta pela tunica mythologica de Neptuno.

Humboldt, Handelmann, Kretschmer e outros, assim o referem, categoricamente.

Estas divergencias, estas contradicções ou mais precisamente, **estas localizações geographicas differentes,** contrárias, foram, com certeza, a causa, o motivo que levou o raciocinio e a logica dos eruditos, "nesse tempo de **feitiçarias** e **superstições,** como é academico frizar, a considerarem **lenda, fabula, mytho, ficção,** a existencia real e positiva da **ilha Brasil,** nesse hemispherio mysterioso do planeta.

A idéa de ilha — pequena porção de terra cercada d'agua, conforme a convencional dêfinição — não lhes permittiu atinar com a realidade do facto, isto é, a razão por que, a despeito de seguirem rumos, absolutamente diversos, a **ilha Brasil** era sempre encontrada; ora ao Norte, ora na zona do Equador e ora ao Sul, nessa amplidão immensuravel que se estendia para além das columnas de Hercules.

Além disto, a falsa concepção astronomica dos sabios da época, os quaes consideravam a Terra plana, fixa e centro do systema planetario e, geographicamente, limitada á exigua extensão territorial, assignalada nos mappas de Estrabão, Hecateu, Heródoto, Eratotenes e do proprio Ptolomeu, tornava, com effeito, illogica, inadmissivel — verdadeira heresia religiosa e scientifica — a existencia de qualquer outro continente, de qualquer outra terra firme.

As regiões constantes desses mappas — Europa, Lybia e Asia — eram circumdadas pelas aguas do oceano universal, pélago intransponivel, **"onde a sapiencia da época e a imaginação de certos navegantes situavam algumas ilhas"**.

A noção de outro hemispherio era, integralmente, contestada e **falar em antipoda,** crime previsto nos codigos inexoraveis dos tribunaes do Santo Officio.

Quem ousasse articular a tremenda blasphemia, o hediondo sacrilegio rechinava, infallivelmente, nas chammas das fogueiras inquisitoriaes.

Entretanto, a explicação scientifica do phenomeno resalta, na sua absoluta naturalidade, se, em vez de **insula** ou **isla,** como se dizia nessa tragica Idade Média, considerarmos essa **ilha Brasil** uma região mais ampla de terra firme, um continente, por exemplo, que se dilatasse entre 71° de latitude norte e 53° de latitude sul, porque, á luz da razão e da verdade, como foi,

finalmente, verificado, depois das descobertas de Colombo, Cabral e, quiçá, dos seus mais antigos predecessores, essa **ilha Brasil** não é mais do que a America, as tres Americas, a região do planeta, que primeiro emergiu das profundezas do pélago universal.

E não sou o unico mortal a pensar deste modo. A deduzir este logico corollario das premissas verdadeiras, decorrentes de pesquisas, provas e argumentos, absolutamente incontestaveis.

Nas famosas cartas de Ptolomeu, editadas em Roma, no anno de 1508, a denominação TERRA DA SANTA CRUZ não se limita ao Brasil; estende-se ás três Americas e tanto Jean Lery, André Thevet, Ferdinand Denis e outros escriptores da mesma época, de igual valôr historico, escrevem esta phrase por demais significativa: "TERRA DO BRASIL, TAMBEM DENOMINADA AMERICA".

Outro caso digno de nota é sem duvida a decantada **Ysola de Mayotlas,** outra denominação da alludida **ilha Brasil,** pelo menos no celebre mappa de Picignano, em que se encontram os dois nomes, um ao lado do outro.

Mayotlas é, positivamente, uma palavra do antiquissimo idioma dos mayas, demonstram, tanto a radical **mayo,** como a desinencia **atlas,** que appárecem numa infinidade de vocabulos desse idioma falado no Mexico pre-colombiano.

Não deixa de ser curioso e deve ter uma significação qualquer, o encontro, numa carta geographica, editada no anno de 1367, cento e vinte e cinco annos, antes da descoberta da America e cento e trinta e tres annos, antes da descoberta do Brasil, de um termo, positivamente maya, designando a America, isto é, a fabulosa ou lendaria **ilha Brasil**.

IV

A logica e a verdade a serviço da pre-historia brasileira.

A LEONCIO CORREA, talentoso e culto evangelisador das glorias nacionaes.

O **Hexamerón** ou **Praticas sobre as obras dos seis dias,** commentario do **Gênesis,** êm nove homilias attribuidas a S. Basilio, constituiu, por muitos seculos, a paleontologia, isto é, a sciencia que, hoje em dia, nos permitte estudar os **fosseis** ou melhor, os exemplares da fléra e da fauna, petrificados e descobertos em diversas camadas que assignalam os periodos geologicos do glôbo.

Nesse tempo, essas substancias mineralizadas eram consideradas **brinquedos da Natureza**; a idade da Terra não excedia os seis mil annos dos **interpretes** da Biblia e o mundo limitava-se ao exiguo perimêtro que a deficiencia de meios de transporte permittia aos póvos mais evolvidos da época.

Tudo, que ultrapassava, por exemplo, a concepção mosaica da origem do mundo, era lenda e, "como a lenda nada tem de real", a Lemuria, a Atlantida, a America e a propria Oceania não passavam de engenhosas fabulas, esboçadas pela mythologia dos hellenos.

Os **pelasgos,** de que os gregos se diziam descendentes; o diluvio de Deucalião; os feitos heroicos, celebrados na **Illiada** e na **Odisséa;** os argonautas, o velocino de ouro, os doze trabalhos de Hercules, etc.,

eram meras phantasias, porque, para creaturas ignorantes da Sciencia dos Symbolos, inteiramente esquecidas de que "toda lenda envolve uma verdade que a imaginação hyperbolizou", nada tinha de historico e, muito menos, de scientifico.

Entretanto, a evolução das capacidades e dos conhecimentos humanos, as provas e documentos, quotidianamente encontrados, vão permittindo á propria Sciencia Exoterica a verificação, o reconhecimento do erro em que laborava.

Todas essas lendas, todos esses mythos, todos esses apólogos, que constituem a historia dos deuses, semi-dëuses e heróes da antiguidade, occultam verdades, puramente scientificas, factos, absolutamente historicos.

Faculdades caracteristicas do homem, Prometheu acorrentado ao cyclo karmico de sua evolução — verdade symbolizada neste mytho — assim o exigiam e exigem, ainda hoje, como é facil comprovar.

O diluvio de Deucalião, como o de Noé, Amalináca, Tamandaré e outros eleitos, que "tiveram a missão de salvar a humanidade das aguas diluvianas", são lendas fadadas a perpetuarem a evidente realidade dos cataclysmas que motivaram a submersão da Lemuria e, principalmente, da Atlantida, descripta pelo **Codigo Troano,** encontrado no Yucatan, onde, tambem, existe um baixo-relevo, o **Akab-Sib,** objectivando a referida submersão, ainda assignalada, por innumeras inscripções rupestres e evocada pela clarividencia da sra. Blawatsky, nas paginas monumentaes da **Doutrina Secreta.**

Assim, a tradição legendaria de que os **pelasgos** foram ancestraes, antepassados dos gregos. Esse mytho é a evocação da verdade historica de que os gregos receberam de um pôvo, vindo do oceano, os ali-

cerces da sua civilização. Esse pôvo, de conformidade com as provas, posteriormente colhidas, foram os súmeros ou acadianos (**akkádes,** como Plutarcho os denomina).

A região originaria dos **akkádes** — seja dicto de passagem — a sciencia êxoterica antecipa, espontaneamente, "é de todo desconhecida".

A propria raça, a propria lingua, todos os caracteres anthropologicos e ethnologicos "são, ainda, objectos de infructiferas investigações e continuos estudos".

Alguns assyriólogos, como Hincks, salientam, entretanto, que "Assurbanipal, rei dos assyrios, que consideravam a **akkadia** uma lingua hieratica, sagrada, sábia e desconhecida, no seculo II A. C., mandou varios **escribas** famosos copiarem e interpretarem as inscripções traçadas por êsse pôvo na Chaldéa".

Desta citação podemos deduzir que os **akkádes** eram um pôvo muito mais antigo do que os assyrios, os chaldeus, os babylonios e outros desse tempo; vieram de terras muito distantes e possuiam, sobretudo, uma cultura e uma civilização tão differentes e, quiçá tão superiores á cultura e á civilização asiaticas, da época, que esse rei assyrio mandou copiar e interpretar as snas inscrições, natrralmente preciosas.

O professor Fritz Hommel, baseado em detalhes linguisticos, affirma que os **akkádes** não eram asiaticos. Teriam vindo de uma parte do mundo que denominavam **Kar,** vocábulo que significa **região montanhosa do Oriente.** Atravessaram toda a Siberia e localizaram-se nas margens do Euphrates.

Emigraram, portanto, de terras situadas á éste da Asia, hypothese que fez Clemente Rice presumir, com toda a razão, que os **akkádes** ou **súmeros** são os **antis,** póvos pre-incaicos, originarios da America, isto é,

das regiões montanhosas da America, os **Antis** ou Andes.

"Necesitamos nombrar esa región? És America, y precisamente esta America meridional: el territorio montañoso corresponderia a nuestra soberbia cordillera andina".

Existirá algum documento comprobatorio desta asserção? Existem varios.

No Museu Britannico, de Londres, ha exemplares archeologicos, encontrados no sub-sólo das margens do Euphrates **(Karáh-Sú)** que permittem formulal-a, conscientemente.

São estatuetas humanas, cujos caracteres anthropologicos nada têm de commum com a somatologia anthropologica, asiatica, isto é, "accusam absoluta ausencia de barba e excessiva saliencia dos pomulos", dois traços ou signaes que distinguem, differenciam as raças autochtonas da America.

"Cualquiera, después, que tenga algunos conocimientos de la somatologia americana, reconocerá en el acto sus caracteristicas en las dos cabezas tipicamente súmeras de la época de Gudia, reproducidas por Hommel, como tambien en las figuras sentadas en el zócalo del vaso de Tello, y sobre todo en la famosa estatua de la mujer súmera, del más puro tipo guaraní".

O proprio nome indigena do Euphrates **(Karáh-Sú)** não póde passar despercebido a quem tenha uma noção, embora vaga, da lingua falada pelos **tupy-guarany**.

Plutarcho e outros commentadores dos Mysterios Orphicos alludem a diversas palavras e phrases, existentes no referido ritual, que não eram sanscritas, egypcias, gregas ou latinas e sim de uma lingua morta, a **akkadia**.

Essa lingua morta, na opinião de Le Plongeon, derivou ou é o proprio idioma dos póvos que habitaram o Yucatan pre-colombiano, facto que permitte explicar a existencia de tantas raizes de idiomas amerigenos no grego antigo e no proprio hebraico.

Táo, por exemplo, é um vocabulo, positivamente maya; designava o Poder Creador, o Deus da Chuva, que a Constellação do Cruzeiro annunciava e era symbolizado por uma Cruz.

Táo, em grego, significa, justamente, Cruz, e é o — T — que não deixa de ser uma Cruz, no alphabeto hebraico.

Mas, não é só entre os gregos e os hebreus que **Táo** apparece. **Táo** é, tambem, um vocabulo allemão e quer dizer orvalho, isto é, agua que, como a chuva, tambem, cáe do céo.

O facto não é para admirar, porque, ensina o sr. dr. Krumm-Heller, toltecas e teutões, como os mayas, são remanescentes dos atlantes e, portanto, ramos de um mesmo tronco racial.

Táo é, ainda, o — T — do alphabeto phenicio, alphabeto phonético, cujos caracteres, na sua maioria, são identicos ou semelhantes aos caracteres do alphabeto maya, tambem, phonetico. E' o **Tê** ou **Tembetá** dos **tupy-guarany**.

Humboldt, no seu livro **Pesquisas mexicanas,** Prescott, na sua obra **O Mexico** e, ainda, Scott-Elliot, na sua maravilhosa **History of Atlantis,** mostram, sem reservas, estas e outras analogias que não podem ser postas á margem.

Farrar, assignalando a affinidade de varios idiomas europeus, destaca a evidente excepção constituida pelo idioma basco, "que se assemelha, pela sua estructura, á lingúa primitiva dos aborigenes da America".

Paulo Schliemen é de opinião que a cultura grega, egypcia, indiana e americana tiveram origem commum.

Apollo, Osiris, Ormuzd, Indra, Tonatiuh e o proprio Amon-Rá, o Deus-Sol, tão venerado no velho Egypto, deriva, diz Le Plongeon, de Ra-Ná, o Deus-Sol dos mayas, porque, a America foi o berço da heliognose, attestam as ruinas de Tiáhuanaco.

Cieza de Leon, Garcilasso de la Vega e o proprio Clemente Rice argumentam que os symbolos solares, insculpidos nos millenarios monumentos monolithicos, encontrados nessa região, objetivam, plenamente, que toda a remotissima civilização pre-incaica girou em torno do Sol, facto que autoriza e justifica a versão quichua da antiguidade e da origem americana do culto solar.

Le Plongeon demonstrou que Osiris, Isis e Seth são vocabulos derivados do idioma falado, no México, ha mais de 11.500 annos, antes da Era Christã.

Scott-Elliot, depois de estudar a Atlantida e os atlantes, sob varios pontos de vista, fala-nos da inédita cultura americana. "Nada, escreve, parece ter surprehendido mais os aventureiros hespanhoes, no Mexico e no Perú, do que a semelhança extraordinaria das crenças religiosas, dos ritos, dos emblemas do velho mundo com os que encontraram no novo. Os padres hespanhoes viram nesta semelhança a intervenção malefica do Diabo. O culto da Cruz entre os nativos e a presença deste symbolo nos edificios e solemnidades religiosas, foi para elles motivo de assombro. De facto, em parte alguma do mundo, na India ou no Egypto, a Cruz era tida em maior veneração do que entre os póvos primitivos do continente americano e o que é mais extraordinario é a semelhança das palavras que significam DEUS nas

principaes linguas antigas do Occidente e do Oriente".

Com effeito, **Dyaus** ou **Dyaus-Piter,** Deus em sánscrito; **Theus** ou **Zeus,** em grego; **Deus, Deus Pater** ou **Jupiter,** em latim; **Diá** ou **Tá** em celta; **Yah** ou **Thiá,** em hebraico; **Zéo, Téo** ou **Táo,** no idioma dos atlantes e dos aborigenes da America pre-colombiana, confirmam, plenamente, a affirmativa do notavel autor da **History of Atlantis**.

O mesmo quanto ás divindades solares, como **Rá-Anga,** entre os **brasis** pre-historicos; **Guaracy,** entre os **tupy-guarany; Uarassú** ou **Yarassú** (vocabulo **tupy**) entre os babylonios; **Rá-Manú,** entre os assyrios; **Rá-Ná,** entre os mayas; **Indi-Rá, Rá-Má, Ráma-Tchandra, Rá-Vi**, entre os indianos e, ainda, **Rá-Ma,** que originou o termo Roma, entre os romanos, nesse tempo, cognominados **ramnes**.

Mas, não é tudo; **Yupitan,** que lembra Jupiter, vocabulo **aba-nheenga,** a fala do homem primitivo, lingua que precedeu o **nheengatú,** a lingua bôa, a lingua sagrada dos **tupy-guarany,** vocabulo composto de **Yú,** louro, e **pitan,** infante ou criança e, portanto, mancebo ou menino louro, designa, como varias lendas perpetuaram, o **filho do Sol,** em varios cultos dos aborigenes do Brasil.

O Menino Louro, ou Deus Menino — **Horus** dos egypcios, **Harpocrates** dos gregos, **Dionysius** dos romanos, **Menino Jesus** dos primitivos christãos e, ainda hoje, dos catholicos romanos — é uma reminiscencia millenaria do esquecido. **Yupitan** da archaica theogonia amerigena.

Esse **Yupitan** ou **Yupitã** apparece, ás vezes, sob a forma de **Yubápitanga** e é, geralmente, confundido com **Yurupitanga**. Chamam-no, tambem, **Arapitã,** is-

to é, filho de **Aracy**, a mãe da luz; de **ara**, luz, e **cy**, mãe, raiz, origem ou principio.

Humboldt, Prescott, Brasseur de Bourbourg, Le Plongeon e todos, em summa, que pesquisaram, realmente, as ruinas archeologicas do Mexico, do Perú, da Bolivia, do Chile e outros paizes da America, inclusive o nosso Brasil, encontraram provas positivas de que o baptismo, a confissão, a quaresma e outras cerimonias consideradas catholicas constavam dos seus mysteriosos rituaes.

Hú, no Yucatan, **Inti,** em Cuzco, como **Aum,** na India e no proprio Perú, symbolizavam o Impronunciado, o Innominavel.

Quetzalcoatl foi a primeira manifestação christonica para os póvos da 5.ª Raça Raiz. A sua identidade com Krishna, Zoroastro, Thôt, Orpheu e Jesus é incontestavel. Foi a primeira **humanização** do Christo Cosmico. O **Kukul-Kan** dos mayas. O **Yurupari** dos **tupy-guarany**.

Não é **poesia,** como a critica profana costuma classificar documentadas asserções, a proposito deste e outros assumptos, que, "realmente, não pode perceber".

A Atlantida existiu. E' uma das chaves do enigma da pre-historia americana.

A sciencia exoterica, através de minuciosas pesquisas e acurados estudos, vae crystallizando o axioma da sua innegavel existencia.

Na região, precisamente, do leito do Atlantico, em que a tradição maya situou a **Terra de Mú,** e a hellenica, a **Possedonia,** de Platão, varias sondagens, procedidas em épocas diversas accuzaram a existencia de um extenso planalto submarino e, bem assim, de vulcões, em cujas encostas foram colhidos fragmentos de lava, que submettidos a meticuloso exame mi-

croscopico, permittiu averiguar que "essa lava,, ao contrario do que, geralmente, succede ás escorias dos vulcões submarinos, era vítrea, transparente, de estructura chimica amorpha, particularidades que demonstram ter sido lançada ou expellida por um vulcão, nesse tempo, totalmente emerso do oceano, e, ainda mais, arrefeceu em contacto directo com a atmosphera".

Termier, autoridade na materia, affirma, cathegoricamente, que estas provas são sufficientes para positivar a innegavel submersão, nesse ponto do Atlantico, "de varias ilhas ou mesmo de um continente, verificada na era quaternaria e, por conseguinte, testemunhada por homens que guardaram do facto historico a indelevel reminiscencia, que nos foi transmittida".

A botanica e a zoologia, diz Richard Clavering, confirmam a hypothese desse continente, que ligava a America á Europa e á Africa, situado na extensão, hoje, occupada pelo oceano Atlantico, "tal a semelhança ou identidade dos exemplares da flóra e da fauna, encontrados nos tres continentes".

São incontaveis os autores de consagrada e absoluta idoneidade, que, de Estrabão a Rafael Requena, alludem e demonstram a existencia e submersão do maravilhoso continente atlanteano.

Uma expedição scientifica, composta de varios sabios hollandezes, que, em submarino, investigou, ultimamente, as profundezas do Atlantico, em varios sentidos, assignalou "vestigios muito notaveis do continente submerso".

Negar a existencia da Atlantida é contestar os progressos da propria sciencia exoterica, a proposito do assumpto.

A Atlantida existiu, assevera, como Scott-Elliot, o

proprio abbade Moreaux, apesar de todos as restricções religiosas.

Existiu, indubitavelmente, e, como se lê no **Codigo Troano,** foi insculpido pelos mayas, nesse monumento existente no Yucatan, denominado **Akab-Sib,** as tradições brahmanicas, perpetuaram e os sacerdotes egypcios transmittiram aos gregos e estes aos romanos, e submergiu, por effeito de um formidavel cataclysma, que, em época remotissima, modificou o aspecto geographico do glôbo.

Grande parte dos póvos desse continente, assim desapparecido, conseguiu alcançar a terra firme de **Kuit,** a patria de Osiris, conforme os egypcios; a **Amerriqua,** dos mayas; a remotissima **Patala,** dos indianos; o territorio que, hoje, tem o nome de America, e, dominando os aborigenes, os autochtonos, transmittiu-lhes os thesouros nababescos da sua cultura e da sua civilização avançadissimas, segundo nos ensina a propria Sabedoria Brahmanica, herdeira da Sabedoria Americana, quando nos fala do sánscrito, idioma sem raizes nos dialectos populares da India, lingua escripta, lingua erudita, lingua sagrada e, positivamente, derivada do **quichua,** idioma falado, popular, profano, amerigeno ou com innumeraveis etymos em diversos dialectos amerigenos.

Em varios artigos, que tive ensejo de publicar na revista **Gnose,** referi-me ou, melhor, demonstrei os insophismaveis conhecimentos esotericos dos **payé, yogis,** e não ignorantissimos charlatães, como pretende a maioria dos escriptores que julga interpretar o assumpto, nos seus minimos detalhes.

Proseguindo na minha tarefa ou, mais acertadamente, no meu intento — justo e louvavel intento de restabelecer a verdade — desfilarei um rosario de provas, colhidas, em abono da minha these, através da leitura de alguns vocabularios **tupy-guaramy,** o **nheengatú** — a lingua bôa — falada, como se sabe, por uma das tribus mais evolvidas do Brasil.

A palavra, ensina a velha sentença, é o som do pensamento.

E', assevera a psychologia, a exteriorização phonetica da imagem mental que se formou em nosso cerebro e, ao mesmo tempo, a muralha insuperavel que separa o irracional do racional.

De facto, o pensamento precede a palavra e o homem — o ser pensante — é o unico que desfructa o privilegio integral da palavra.

O **homo-simius,** o pre-homem, o troglodyta não falou, propriamente; emittiu grunhidos, gritos-signaes,

onomatopéas, epíphonemas, monosyllabos, rudes expressões vocaes dos seus embryonarios raciocinios.

Os idiomas dos póvos selvagens, contemporaneos, deixam entrever esta verdade; todas as linguas primitivas são monosyllabicas.

Muito se tem dicto e escripto com relação á palavra e ao pensamento, que, como affirmam os orientaes, longe de ser uma secreção, que flue do cerebro, como a bilis flue do figado, é uma sublime emanação do **Ego,** uma expressão da Superconsciencia, continuamente intensificada, avigorada e, quiçá, modificada pelas ondas de pensamentos alheios que, pairando ou vagueando nos planos hyper-physicos do Universo, actuam, de conformidade com a lei de analogia, sobre o mental de todos os seres.

Mas, accrescentam os Mestres, o pensamento não depende, exclusivamente, da acção desses elementos hyper-physicos.

O mundo physico e tudo, que nelle existe e succede, é, permanentemente, transmittido pelos sentidos e fixado ou impresso na mente humana.

Deste ensinamento podemos concluir que o pensamento é, tambem, o reflexo, a imagem mental de todas as formas existentes, de todos os phenomenos occorridos no plano physico, ao alcance da percepção do homem, e, neste caso, concluir, tambem, que a palavra é um symbolo convencional, uma reprezentação phonetica dessa imagem, symbolo creado pela necessidade de exteriorizal-a ou transmittil-a.

Quando, portanto, encontramos, num glossario ou num **lexicon,** um vocabulo qualquer, podemos affirmar que "a idéa por elle expressa foi a causa, a origem do referido vocabulo".

Esse vocabulo existe, porque, o ser, a cousa, o acto ou o accidente, que significa, foi reflectido na

mente e creou o seu symbolo vocal, a sua expressão phonetica.

Applicando esta regra — este axioma physio-psychologico — ás palavras que se me depararam, nesses vocabularios **tupy-guarany,** posso concluir, com toda segurança, que, por exemplo, os termos **epiacába** e **epiága,** que significam clarividencia e clarividente, existiram, porque, com effeito, os **tupy-guarany** conheciam e utilizavam a faculdade hyper-physica, que tem o nome de clarividencia, faculdade que os tornava clarividentes e os punha em connexão com o Mundo Astral, prova absoluta dos seus conhecimentos esotericos.

Mas, não são, sómente, as palavras **epiacába** e **epiága,** gerundio de **epiac,** que significa prever, advinhar e prophetizar, que encontrei, em diversos vocabularios **tupy-guarany,** organizados desde o padre Montoya ao professor Baptista de Castro.

An, anga e **ang,** que descobri, do mesmo modo, e querem dizer **sombra, vulto, alma, espirito** e **consciencia,** estão, perfeitamente, no mesmo caso.

Assim, **angaba** ou **angab** que significa **apparição, visão, phantasma** e, ainda, **Angaí** ou **Angaib** — Espirito Máo — e **Angaturama** — Espirito Bom.

Não constituem excepção as palavras **Angoeraba, Anhangá** e **Anha,** que significam, respectivamente, **alma penada, espirito errante** e **corpo astral.**

Encarando o problema por um prisma, ainda mais transcendente, verificaremos que os amerigenos do Brasil conheciam, ou conheceram, os **mysterios solares,** exactamente, como os nahuas, toltecas, aztecas, mayas, quichuas, etc.

Em abono desta affirmativa basta citar a existencia, nesses vocabularios, do termo **Guaracy.** Origem dos Viventes — o Deus-Sol — que elles adoravam e,

bem assim, da expressão **Curuçá** — a Cruz — symbolo sagrado que os invasores encontraram no Brasil e procuraram occultar de todas as maneiras, na supposição fanatica de tratar-se de um artificio diabolico.

Curuçá, por mais que sophismem, não é, nem pode ser, uma corruptela do vocabulo lusitano — **Cruz**.

Curú quer dizer, em **tupy-guarany,** pedaço ou fragmento e **çá,** gritar, proferir ou produzir qualquer som estridente.

Os nativos de varias regiões do mundo, no passado e no presente, produziram e ainda produzem o fôgo, friccionando dois pedaços de madeira, os quaes, depois deste acto, religioso, eram ou são **cruzados e venerados** como symbolo do Poder Creador — o FOGO SAGRADO.

Por que os nossos aborigenes não teriam feito a mesma cousa?

Táo — a Cruz — como já tive occasião de mostrar, symboliza, desde a Atlantida, a união do principio masculino e do principio feminino, empenhados na fecundação da Natureza, por meio do fôgo e da agua do céo, isto é, do calôr solar e da chuva.

Encontrei, tambem, em mais de um glossario **tupy-guarany,** a designação **Guayúpiá,** com a significação de **feitiçaria**.

Guayú é o nome de uma cerimonia do ritual dos aborigenes do Brasil, a qual constava de danças e cantos, rythmicamente executados. **Guayú** quer dizer, tambem, vinda, chegada ou recepção.

Recepção de quem? Dos "estrangeiros", explicam os jesuitas, que se referem ao caso.

Será verosimil a resposta? Será racional a explicação?

Não me parece. Não é razoavel acreditar que os nativos, que timbraram, sempre, em occultar as suas cerimonias religiosas, aos estrangeiros, os recebessem, precisamente, com exercicios secretos, praticas esotericas de pura Magia.

Ha cousas que, como diz o povo, entram pelos olhos.

Os **recebidos,** por occasião dessas solemnidades, não eram, certamente, os portuguezes, os hespanhoes ou os francezes — os **emboabas** — eram as **entidades de outros planos, assim, evocadas**.

Além disto, **Guay,** radical de **Guayú,** quer dizer **ente animado, alma** ou **espirito**.

Mboraú significa **presagio, vaticinio, agouro, augurio;** o **Urutaú** é um **passaro-phantasma** que canta, mas, ninguem o vê; a **Chiucy** — a **Mãe do Pranto** — a coruja, prenuncia a morte de quem ouve os seus dolorosos gemidos; o **Uira-payé,** quando canta de certa maneira, prognostica inevitaveis desgraças, e, finalmente, o **Yapacani** é o mensageiro do **Além**.

Na India, no Egypto, na Grecia, em Roma, nas Gallias, em todos os paizes da Asia, da Africa e da Europa antigas, cuja cultura e civilização a sciencia exoterica não se cansa de exaltar, os adivinhos, os áugures, os oraculos não se utilizavam de melhores elementos para formularem as suas prophecias, os seus prognosticos.

A expressão **tupy-guarany Rá-Anga** — Alma ou Espirito da Luz — que faz lembrar o **Anga-Rá** dos gregos e o **Rá-Ná** dos mayas, o **Rá-Má** e o **Indi-Rá** dos indianos, o **Amon-Rá** dos egypcios, etc., além de ser, tambem, uma divindade solar dos aborigenes do Brasil, significa idolo ou estatua e, figuradamente, prece.

Os **tupy-guarany** conheciam, como os quichuas, os effeitos da **cóca — ipadú** — e, bem assim, a acção

hypnotica e psychica da essencia ou succo de muitos vegetaes, como a **yurema** e o **yagé,** de que sê utilizavam para **exteriorizar o corpo astral.**

Queimavam resinas, folhas, madeiras e raizes aromaticas. O **petym, petum** ou **petema** — o tabaco — era, tambem, empregado.

Praticavam defumações — **timbó** ou **caa-timbó** — como denominam, ainda hoje, em varias regiões do Norte do Brasil, a **magia dos cabôclos.**

Utilizavam-se, tambem, do **timbori,** especie de incenso muito aromatico, que produzia os mesmos effeitos attribuidos á celebre resina, que os póvos mais cultos do Oriente Asiatico lançavam nos seus thuribulos sagrados.

Encontrei, em alguns vocabularios, a palavra **poraquê,** verbo que significa **entorpecer, fazer dormir** ou **perder os sentidos. Poraquê,** devo assignalar, é o nome **tupy-guarany** do **gymnoto,** isto é, do **peixe electrico.**

Os **payé,** é innegavel, tinham a perfeita e segura noção das irradiações electro-magneticas, radioactivas, emittidas por todos os seres da Creação.

Não ignoravam que as cobras fascinavam, com o olhar, as rãs e os pássaros. Sabiam que o **yauára** — a onça — magnetizava o **yacaré** — o crocodilo do Brasil — e, bem assim, que a **Yára,** lá do fundo dos lagos e dos rios, seduzia e attrahia os pescadores, como as sereias das lendas ou tradições theomythicas da Grecia. Ultimamente, o **up to date,** o **dernier bateau,** a nata da sciencia exoterica murmura que não é exacta a versão corrente, a este respeito.

Dois motivos contribuem para essa **murmuração:** o capricho em negar o magnetismo animal e a ignorancia da funcção irradiante das **glandulas endocrinas.**

Essas duas espiraes — os **olhos de Anhangá** — traçadas em varios rochedos do territorio nacional, são antepassados dessa estrella de cinco pontas que, na India e no Egypto, produzia o **Samadhi.**

São o prego de Mesmer, a bola de crystal, o espelho magico e outros aparelhos, em nossos dias, adoptados para produzir, artificialmente, o somno hypnotico.

Conheciam e praticavam o magnetismo, o hypnotismo, a suggestão e a magia, a Sciencia Divina, a Sabedoria Integral de todos os póvos dessas eras remotissimas.

Davam passes, expiravam **animus vitæ** sobre os enfermos e vocalizavam **mantrams,** imitação do **macauan,** como referem varios escriptores.

Macauan é o nome onomatopaico de uma ave de rapina, tambem conhecida por **Nacauan, Acauan** e **Cauan,** ave que se alimenta de cobras.

Quem conhece o emblema, que se vê na bandeira mexicana — um **quetzal** com uma serpente no bico — quem não ignora que **Quetzalcoatl** — o messias tolteca — é a Serpente Alada, de que os egypcios, tambem, nos falam, compreende que a palavra **Macauan** dos nossos **tupy-guarany** tem qualquer significação esotérica e vem, certamente, de muito longe.

Taú quer dizer phantasma. advinhação, visão, extase, sonho. **Taú,** portanto, para quem possua uma noção, por mais superficial, de esoterismo, é o phenomeno que os occultistas denominam **exteriorização do corpo astral.**

Innumeras lendas colhidas, de norte a sul do paiz, por diversos mythologos de real probidade, assignalam a faculdade esoterica que permittia aos **payé,** aos **karahyba, lobrigarem factos passados ou futuros por meio da sua sombra, (anga)** o **corpo astral,** natu-

ralmente; o methodo osmologico de cheirar, para fins identicos, a odorifera flôr do **pariká,** arvore, cujos fructos, depois de torrados e moídos, empregavam, tambem, como rapé; e, finalmente, o uso da **pussanga,** que, pelo sentido das narrativas, em que apparece o vocabulo, trata-se, indubitavelmente, de uma **velha pratica de podorosa magia**.

As proprias mulheres conheciam e adoptavam certo **feitiço amoroso** que denominavam **tambaquaré**.

Na lenda **Iuáka Sesá Iykysy** allude-se ao **sangue da Lua,** que, "cahindo sobre o rosto feio de **Nhinhó** a transformou na mais formosa das mulheres". O **sangue da Lua** annunciava a puberdade feminina e era um acontecimento, vulgarmente, commemorado pela maioria dos póvos amerigenos.

A lista é grande, mas, o que ahi fica é bastante para confirmar, integralmente, a minha these: os aborigenes do Brasil conheciam os Mysterios Sagrados, os Mysterios Solares e os **payé,** seus Mestres, seus sacerdotes, seus mentores, em vez de ignorantissimos charlatães, foram verdadeiros **yogis,** iniciados na **Tuyabaé-Cuaá** — a Sabedoria dos Velhos — que lhes foi transmittido por **Suman** ou **Sumé, conhecedor dos segredos de tudo,** conforme a lenda **tupy-guarany,** traduzida e divulgada pelos proprios jesuitas.

Não é só no Brasil e na America que os vegetaes, os animaes e os proprios mineraes symbolizam ou representam deuses, semi-deuses, heróes, **avatáres,** metamorphoses, genios, demonios, trasgos, espiritos e almas de seres transmutados ou encantados nestas formas.

Na India, no Egypto, na Grecia, em Roma, nas Gallias, desde as eras remotas, são innumeros os mythos, as lendas, as tradições, as narrativas que os evocam e perpetuam, de geração em geração.

A arvore e a serpente apparecem, em varios livros sagrados, através dos seculos, com a mesma significação que a **Biblia** nos offerece.

As pedras, os penhascos, os rochedos sagrados existem em todas as regiões do mundo.

Na Asia, na Africa, na Europa os **lingavás** ou **lingavatás** — pedras phalomorphicas — são fincados nos campos estereis, afim de tornal-os fecundos. Ainda mais, são venerados como symbolos da fecundidade.

Em Roma, Jupiter toma a forma de um cysne para approximar-se de Leda, justamente, como Zeus, na Grecia, para conquistar Nemesis.

O boi, o crocodilo, o gavião, o ibis, o leopardo, o cão e outros animaes são idolatrados no Egypto.

O Espirito Santo, ainda hoje, é symbolizado por uma pomba, que, segundo as Escripturas, baixou sobre Jesus, por occasião do seu baptismo, nas aguas lustraes do Jordão.

A fauna e a flóra — animaes de todas as especies, sobretudo, aves; vegetaes de todas as qualidades, isto é, arvores e plantas — são para os nossos aborigenes, **totems, tabús**, espiritos e almas que tomam essas formas materiaes e se tornam heróes de um sem numero de lendas.

O **pica-páo,** por exemplo, é uma encarnação de **Yurupari,** espirito protector da floresta, tanto assim, que tem a missão de acutilar com o bico os troncos de todas as arvores, afim de verificar se estão damnificados ou perfeitos. E', além disto, a alma de um **payé,** pois, se alguem lhe obstrue a entrada do ninho, vôa em busca de certa fôlha, que é um verdadeiro talisman para destruir, completamente, este ou outro qualquer obstaculo que se lhe depare.

O **urutaú** — o passaro-phantasma — escreve Lery, contemporaneo de Anchieta, era considerado pelos **tupy-nambá** o portador das noticias dos seus antepassados, mortos nas guerras. Quando o **urutaú** cantava, principalmente, nas vesperas de algum combate, os mais fortes da tribu ouviam-no, em respeitoso e profundo recolhimento, certos de que lhes traria o prognostico da victoria.

Diz a lenda, todos ouvem o **urutaú,** mas ninguem o vê ou deve procurar vel-o, porque, quem vê o **urutaú** perde a memoria de si proprio.

O **ipacani** é, para os **tupy-guarany,** o guia das almas, o "correio da outra vida", ensina Santa Rita Durão, nas estrophes camoneanas do seu **Caramurú.**

Communica aos mortaes os pezares e as alegrias dos que se foram para esse paiz longinquo das montanhas azues. O seu canto, na verdade, tem modulações tristes e alegres, pelo menos, assim interpretadas.

O **mboi-tatá,** a cobra de fôgo, é o genio que vigia os campos para evitar os incendios.

A serpente de fôgo, ninguem o ignora, representa importantissimo papel em todas as crenças e **mysterios sagrados** das tres Americas. Encontramol-a êntre os nahuas, toltecas, mayas, quichés, quichuas, e outras raças primitivas que habitaram o continente.

A flécha é a Serpente Alada que fende o espaço e transmitte o veneno da morte ao inimigo mais valoroso.

O beija-flôr é a alma que "saiu do corpo de uma pessôa viva, porém, adormecida" e procura o paradeiro de qualquer conhecido.

Quando a mulher do caçador, que ficou em casa, sosinha, quer ter noticias do marido, deita, adormece e sua alma, sob a apparencia de um beija-flôr, sae do seu corpo e, não só descobre o companheiro, como verifica a hora em que pretende voltar.

A **arapitanga,** a arara vermelha, vista ou encontrada, á noite, é a alma de uma mulher ou de um homem que "adormeceu e está sonhando".

O **cará-cará,** o gavião, como no Mexico e no Perú pre-colombiano e, ainda, no Egypto, é a encarnação de um ser supremo, de uma entidade espiritual. Os seus movimentos e o seu canto são, religiosamente, interpretados pelos aborigenes, que lhe dispensam fervorosa veneração.

O proprio écho — **nheen-agué** — resonancia, que perturba o mysterioso **quiriri,** o silencio da matta, é

a voz de espiritos soffredores, a ladainha das almas errantes, em provação sobre a terra.

Passando da fauna á flóra, encontramos o **umbú,** arvore que os nativos costumavam plantar juncto á sepultura dos seus mortos, symbolizando um duende, cuja missão sinistra consiste em destruir a felicidade dos lares. **Taba,** em que nasce o **umbú,** em pouco tempo é **tapéra,** diz, ainda hoje, a tradição, pela bocca dos sertanejos.

O **mate** ou melhor, **Caa-Yari,** a **avó da herva,** é o espirito de uma joven transmutada no precioso vegetal.

Tupan, resa a lenda, baixara á terra. Depois de vagar por diversos lugares fatigado, bateu á porta da casa de um certo velho, pae da moça mais bonita, innocente e recatada de toda a região. O velho era muito pobre, porém, muito bom; hospedava todos que lhe batiam á porta. Sabedor disto, Tupan falou assim: A ti que és tão pobre e fazes tanto bem, vou dar uma recompensa. Tua filha será immortal. "Desde este momento a joven transformou-se em **mate,** a planta que, por mais que se corte, torna a brotar e vive, eternamente".

Ainda hoje, o hervateiro, para ser feliz nos seus negocios, faz um pacto com **Caa-Yari,** o espirito protector da herva, em que assume o compromisso de evitar relações com outra mulher.

Pindó, a palmeira, que Gonçalves Dias immortalizou, representa notabilissimo papel na theogonia americana. A cada instante é relembrada, através dos mythos e narrativas evocadoras das tradições de varias raças que habitaram o continente.

Tamandaré salvou sua familia e sua gente, do diluvio, que inundou as terras brasileiras, galgando as franças de uma palmeira.

Amalivaca, na Venezuela, na **idade das aguas,** realiza identica ou semelhante façanha, pois, conseguiu salvar a semente de tudo — animaes e vegetaes — guardando-a num **côco de burity**. Por isto o **burity,** o **moriche** dos **tamanácos,** é a **arvore da vida**.

O burity, entre os aborigenes do Brasil, é o espirito de um pôvo, a alma de uma raça extincta. E', tambem, a encarnação de um **payé** solitario, cuja historia se escuta no **chuá** saudoso, o flébil rugitar dos seus verdes leques, agitados pelos beijos da brisa, na hora melancholica do anoitecer.

O **maracuyá,** a **passiflóra-cœrúlea,** tambem, gosa de predicados e privilegios esotericos ou supranormaes.

"A flôr, descreve Lozano, é o mysterio das flôres. Tem o tamanho de uma grande rosa e neste bello campo formou a natureza um como theatro dos mysterios da redempção do mundo."

Depois de minuciosos detalhes, accrescenta:

"A esta flôr por isto chamam flôr da Paixão, porque, mostra aos homens os principaes instrumentos délla; os quaes são, corôa, columna, açoutes, cravos e chagas. E' a flôr que **vive com o sol e morre com elle;** o mesmo é **sepultar-se o sol,** que fazer ella sepulchro daquelle seu pavilhão ou corôa, já, então, **côr de lucto,** e sepultar nelle os instrumentos da Paixão sobreditos, que, **nascido** o sol, torna a ostentar ao mundo."

Trata-se, como se vê, de uma dessas plantas, ou, melhor, de uma dessas flôres sujeitas, como o **girasol,** aos **mysteriosissimos phenomenos** que a sciencia exoterica, sem explical-os á luz da logica e da verdade, denomina, dogmaticamente, **heliotropismo,** e a

sciencia esoterica, a Sabedoria Integral, **encara e estuda de maneira muito diversa**.

Como se sabe, o **lotus** — o **padma** dos indianos — a flôr sagrada dos ritos mais antigos e secretos da India e do Egypto, é o symbolo solar mais venerado, em virtude do **tropismo** que o caracteriza, isto é, emergir á superficie do rio ou do lago, em cujas aguas vegeta, assim que o Sol nasce, desabrochar ao meio dia e cerrar as suas setinosas petalas azues, vermelhas ou brancas e submergir, ao pôr do Sol.

Santa Rita Durão allude, tambem, ao **maracuyá**, em cuja flôr enxerga a cruz e os demais instrumentos de supplicio do Grande Iniciado de Nazareth.

Não é possivel, asseveram varios autores, referindo-se ao **milagre**, que os **payé** tivessem conhecimento desta "divina revelação da natureza".

A **Flôr do Mborucuyá**, entre os aborigenes do Brasil, na época do fastigio da sua cultura e da sua civilização, symbolizava os Mysterios Solares, como a **Rosa** e o **Heliantho**, na Grecia e em outros paizes da Europa, e o **Lotus**, e o **Chrysanthemo** em quasi toda a Asia, symbolizavam esses mesmos Mysterios, isto é, o Culto do Sol, origem incontestavel do Christianismo.

Já positivei, em varios trabalhos anteriores, que os **tupy-guarany**, de 1500, não eram, como suppuzeram os invasores lusitanos, um pôvo primitivo, no inicio da sua evolução; eram, ao contrario, como von Martius percebeu e assignalou, um pôvo antiquissimo, nas ultimas etápas da sua involução. Um pôvo, que, depois de attingir o apogeu de uma cultura e de uma civilização, identicas ou semelhantes á dos mayas ou dos quichuas, em consequencia de phenomenos cosmicos e biologicos, sociologicos e pathogenicos, abalos physicos e psychicos, baixou, como baixaram, mais

tarde, outros póvos asiaticos e africanos e baixarão outros póvos da Europa, ao perigeu de incontestavel decadencia, a **selvageria** a que se referem os missionarios e os conquistadores, que se occuparam do assumpto.

A transcendencia e a sublimidade de suas concepções — crenças religiosas, conhecimentos esotericos, **folk-lore,** etc. — em contraste, em absoluto contraste, com as suas condições sociaes, no periodo da famosa descoberta; o facto de collocarem a **força mental** em plano superior á **força physica,** como se deduz das lendas zoologicas do **yaúty (jaboty):** a lingua polysyllabica, metaphorica, poetica, erudita, que, ainda falavam; os exemplares de suas industrias, de suas artes, muito mais perfeitos, nas camadas geologicas inferiores do que os encontrados nas camadas superiores, como aconteceu em Marajó e outras localidades do paiz; o esquecimento do alphabeto phonetico, que inventaram, adoptaram e são documento objectivo, as inscripções lapidares nos rochedos de todo o territorio nacional; as constantes allusões á **sabedoria dos velhos** — a **Tuyabaé-Cuaá,** a que se referem os proprios jesuitas — e, portanto, o testemunho da evidente existencia de **antepassados mais cultos e mais evolvidos,** tudo, em summa, induz a concordar **in totum** com as asserções, o logico e veridico parecer do eminente sabio allemão, um dos poucos estrangeiros, que, libertos do convencionalismo scientifico europeu, soubéram ver e disseram o que viram, realmente, no Brasil.

Os **fosseis** anthropomorphos, os esqueletos dos homens primitivos, exhumados no subsolo do mundo inteiro, na Asia, na Africa, ou na Europa, accusam, em geral, craneos, corpos e membros, incontestavelmente agigantados, macrosomaticos, e os "selvagens do

Brasil", com raras excepções, mesmo na época da conquista, eram de estatura abaixo de mediana, franzinos, revelavam, em summa, na sua maioria, signaes positivos de notavel decadencia somatica ou anatomica.

A deficiencia de pêlos, caracteristica somatologica das raças amerigenas, tambem, não pode passar despercebida aos olhos da sciencia exoterica, porque, como é sabido, os homens primitivos, primatas, que se approximavam tanto dos quadrumanos, nesse remoto periodo pre-historico, por uma infinidade de causas biologicas, mesologicas e mesmo anthropologicas, não podiam deixar de ter a epiderme coberta ou, pelo menos, revestida, de abundantes pêlos.

A transição não se teria operado, tão bruscamente, isto é, se os aborigenes do Brasil fossem, de facto, "pre-homens da idade da pedra polida, ignorantes dos processos mais rudimentares de fundir os metaes e, quiçá, da existencia do proprio fôgo", não se caracterizariam, precisamente, por essa **decadencia somatica,** por essa **deficiencia de pêlos,** essa **atrophia capillar** a que se referem anthropologos e ethnologos de reconhecida e consagrada idoneidade.

Mborucuyá, maracuyá ou, ainda, **maracujá** não é, somente, o nome da planta e do fructo, é, por sua vez, o nome da flôr. Compõe-se de duas palavras; **mburú,** tortura, soffrimento ou martyrio, e **cuyá,** forma primitiva de **cunhã,** mulher. Significa, portanto, **martyrio da mulher**. Póde, pelo menos, ser assim traduzido.

Os **payé,** como tive ensejo de salientar, conheciam os Mysterios Sagrados, os Mysterios Solares, a **Heliognose,** isto é, o Culto Solar. Chamavam o Sol **Guaracy,** de **guará,** vivente e **cy,** mãe, e, portanto,

Mãe dos Viventes, origem da luz, do calôr e da vida, o **Christo Cosmico** das mais antigas tradições.

Conheciam, tambem, a cruz, **curuçá,** e, bem assim, **Chiucy,** vocabulo que se compõe de **chiú,** pranto e **cy,** mãe e, neste caso, mãe do pranto ou **Mater Dolorosa,** que, como a theogonia **tupy-guarany** nos ensina, é a Virgem Mãe de **Yurupari,** que, longe de ser o Diabo, como foi propalado, é o messias **tupy-guarany,** o Grande Reformador autochtono, de quem nos falam, tão documentadamente, Max Roberto, Brandão Amorim, Stradelli e outros ethnologos, que não receiaram ultrapassar os limites dogmaticos da convenção.

Se os **payé** tinham conhecimento destas verdades, não podiam ignorar a interpretação do milagre, a **divina revelação da natureza,** como classificaram Lozano, Lery e outros chronistas desse tempo.

Como se vê e tórno bem patente, do mesmo modo, que as palavras colhidas em diversos vocabularios **tupy-guarany,** as lendas, os mythos — todos os elementos **folk-loricos,** em summa, que acabo de citar, confirmam, integralmente, as minhas asserções relativas ás crenças e aos conhecimêntos esotericos dos **payé** e dos proprios aborigenes do Brasil.

Pode parecer, á primeira vista, um exaggero, uma incoerencia, da minha parte, attribuir aos **tupy-guarany. tupy-nambá** e outras tribus evolvidas do Brasil, conhecimentos esotericos ou melhor, a **pratica de ritos occultos,** os tradicionaes **Mysterios Sagrados,** que, segundo Le Plongeon e outros archeologos e epigraphistas notaveis, tiveram origem na America pre-colombiana.

De facto, affirmar, embora com a resalva de provas e documentos incontestaveis, que esses **irracionaes** tinham a noção exacta de verdades que escapam, ainda hoje, á capacidade de eruditos, **convencidos da sua omnisciencia,** é mais do que exaggero, é mais do que incoerencia, é, positivamente, um absurdo que chega ás raias da insensatez.

Os chronistas, que exaltaram os **feitos** dos invasores, afim de transmutarem as depredações praticadas, em **gloriosa epopéa,** architectaram, muito de industria, o aviltamento, a perfidia, a calumnia da **anthropophagia tupy-guarny** e, bem assim, da **"irracionalidade dos bugres do Brasil",** a despeito da "misericordiosa bula papal. reconhecendo **qualidades humanas nos selvagens do Novo Mundo".**

Com effeito, a aviltantê, pérfida e calumniosa ver-

são propalou-se e crystallizou-se de tal forma, que, pelo menos, para certos espiritos, ainda hoje, é difficil, para não dizer impossivel, a consagração de verdades que, de certo tempo a esta parte, surgem, espontaneamente, ao lume da consciencia universal.

Entretanto, um simples confronto das doutrinas religiosas, philosophicas e scientificas — a Sabedoria Antiga — que nobilitaram os indianos, os egypcios, os gregos e os romanos, com os conhecimentos e crenças dos nossos aborigenes, colhidos através dos seus mythos, lendas, tradições e narrativas, é sufficiente para demonstrar que não ha o minimo exaggero, a mais leve incoerencia e, muito menos, absurdo ou insensatez, em tudo que, a proposito da minha these, tenho affirmado no livro, na imprensa e na tribuna.

A India, abrindo-nos as paginas sagradas do **Vedanta,** o ultimo dos seis **Darçanas,** o mais importante de todos, porque, desvenda, justamente, os **Mysterios Vedicos,** mostra-nos que o **Vedismo** é uma religião, positivamente pantheista.

Os seus deuses symbolizam as forças da Natureza e, quiçá, do Universo.

Agni é o deus do fôgo material, do fôgo da terra, que arde nos altares do templo e entre as pedras da lareira. **Indra** é o fôgo espiritual, o fôgo do céo, o **Verbo** na sua maxima vibração luminosa, — o Sol — que manda o calôr e a chuva que fecundam a Natureza. **Indra** é, realmente, o Deus-Tutelar da chamada raça "aryana".

Sôma é o licôr da vida, o nectar divino, que **Linga** e **Yone** facultam, afim de perpetuarem todos os seres.

Dyaus ou **Dyaus-Piter** é o Pae dos Deuses, dos homens e de todas as creaturas.

Segue-se uma infinidade de semi-deuses e **Devas,**

"filhos da Luz", espiritos do Bem, e **Asuras,** "filhos da Treva", espiritos do Mal.

Mineraes, vegetaes, animaes de toda a especie e, bem assim, phenomenos e elementos naturaes, de toda a cathegoria, symbolizam ou personificam essas divindades.

As cerimonias mais caracteristicas do culto são sacrificios, holocaustos, hymnos, danças e varios exercicios mysteriosos que provocam o **samadhi.**

No Egypto as cousas não se passavam de modo muito differente, embora, no dizer de Heródoto, "os egypcios são o pôvo mais religioso do mundo".

As suas esculpturas, os seus desenhos muraes, as suas pinturas, os seus symbolos objectivam, realmente, este pendor devocional.

Ammon é o Sol dos Sóes — o **Jupiter** de **Thebas.** o **Dyaus-Piter** dos egypcios. E' representado, no monumento de Karnak, por um homem com cabeça de carneiro, chifres deste animal ou, ainda, com um disco solar na cabeça.

Osiris é o Sol. **Isis,** a Lua e **Horus,** o filho de **Isis**.

Os deuses egypcios eram representados, ora, sob a forma humana, ora, sob a apparencia de um animal. **Osiris,** por exemplo, era representado por um boi; **Isis,** por uma vacca e **Horus,** por um gavião. O boi, a vacca e o gavião eram inviolaveis.

Existiam, ainda, **Hermanubis** — Genio do Bem — **Typhon** — Genio do Mal — e um sem numero de espiritos e demonios.

Os egypcios acreditavam na existencia e na immortalidade da alma. O homem tem um duplo, o **Ka,** que subsiste á morte. O tumulo, portanto, é a vivenda desse duplo immortal. Por isto, aos despojos dos mortos, junctavam tudo que lhes havia pertencido

em vida. Nos sarcophagos, o duplo era symbolizado por uma estatua de madeira ou de pedra. As **mumias,** corpos humanos embalsamados, foram imaginados, porque, os egypcios acreditavam na reencarnação e na possibilidade dos mortos necessitarem dos seus respectivos corpos. Outros, entretanto, affirmam que essa pratica foi adoptada para "reter, sobre a terra, os espiritos libertos do corpo carnal".

Os mysterios hermeticos derivam dos **mysterios vedicos,** asseveram todos os indianistas e egyptologos, que cogitaram do assumpto. As iniciações e as provas, a que os sacerdotes submettiam os noviços, se não são, absolutamente identicas, visam a mesma finalidade.

As cerimonias, os ritos, as praticas hermeticas são, na verdade, uma reproducção, quasi fiel, das cerimonias, ritos e praticas descriptas nas paginas sagradas do **Vedanta** e, mais tarde, levados á Grecia sob a designação de **mysterios eleusianos** e **mysterios orphicos.**

O proprio Heródoto confirma que as solemnidades celebradas, em homenagem á Demeter, a Mãe Natura dos hellenos, são imitação perfeita do **culto de Isis.** Os mysterios de Eleusis, uma adaptação dos mysterios egypcios. E, finalmente, que os **mysterios orphicos,** tão celebrados na Thracia, tiveram origem em Memphis, onde Orpheu fôra iniciado.

Effectivamente, na theogonia ou mythologia grega, encontramos, sob denominações hellenicas, todos ou, pelo menos, a maioria dos deuses e semi-deuses da theogonia ou mythologia egypcia, porque, o proprio **Hermes,** como se sabe, é uma hellenização do vocabulo egypcio **Thôt.**

Para os gregos, como para os egypcios e para os indianos, como vimos, através das paginas sagradas

do **Vedanta**, todas ás forças da Natureza e todos os phenomenos astronomicos, cosmographicos ou meteorologicos são manifestações de potencias divinas.

O Olympo é o monte sagrado em que se collocam, em plano relativo ás suas cathegorias, todos os deuses e semi-deuses da Grecia; desde Zeus ao satyro mais rudimentar.

Roma, então, perfilhou-os todos e, ao que se diz, de uma só vez. Um cotejo, por mais rapido e summario, das duas thêogonias, não deixa a menor duvida.

Zeus é Jupiter, Hera é Juno, Poseidon é Neptuno, Aphrodita é Venus, Hermes é Mercurio e, assim, por deante.

Comparemos, agora, os deuses e semi-deuses das theogonias indiana, egypcia, grega e romana, cujas imagens, fundidas em bronze, prata e ouro, talhadas em madeira, granito e marmore, foram veneradas sobre os altares dos templos mais famosos da antiguidade, entre ondas azues de perfumeos vapores e ao som dos **hymnos mantramicos**, de mysteriosos rituaes, com os deuses e semi-deuses, almas e duendes, entidades invisiveis de todas as cathegorias, dos nossos aborigenes, dos **tupy-guarany**, dos **tupy-nambá**, e veremos que, a despeito de tudo que se tem dicto e escripto, de tudo que os **chronistas** nos revelaram, equivalem-se e são, sob o ponto de vista esoterico, perfeitamente iguaes, exactamente identicos.

Tupá e **Tupan** são duas palavras, geralmente, consideradas synonymos, mas, na realidade não têm a mesma accepção. **Tu**, no idioma **tupy-guarany**, quér dizer ruido, barulho, estrondo resultante de uma quéda, pancada, ou golpe, e **pá**, lugar, ou região. **Tupá**, portanto, significa lugar onde se produz o ruido, o barulho, o estrondo. E', por exemplo, o céo, o

espaço, no momento em que repercute ou retumba o trovão. **Tupan,** entretanto, não tem a mesma accepção. **Tupan** compõe-se de **Tu,** ruido, barulho ou estrondo, e **pan,** que significa bater, lavrar, malhar, trabalhar e, assim sendo, exprime ou traduz o ruido, o barulho, o estrondo produzido por alguem que bate, lavra, malha, emfim, trabalha. **Tupan,** portanto, é o batedor, o lavrador, o malhador, o trabalhador, isto é, o Divino Ferreiro das concepções theogonicas mais antigas.

E' **Tezcalipóca, Tubal-Cain, Jupiter, Vulcano** e **Thôr** das theogonias mexicana, hebraica, greco-romana, germano-escandinava, o Deus do Fôgo e da Agua do Céo — o Raio e a Chuva — o calór e a humidade que fecundam a Terra, a Mãe Natura.

E' **Táo,** o Poder Creador dos atlantes e mayo-quichés, que o Cruzeiro annunciava e a Cruz symbolizava. E' a **Luz Creadora** e o **Raio Destruidor; Ara** e **Rá,** dos **tupy-guarany**.

E', por assim dizer, o Pae dos Deuses, dos aborigenes do Brasil. O **Dyaus-Piter** dos indianos, o **Amon-Rá** dos egypcios, o **Zeus** dos gregos e o **Jupiter** dos romanos. E', em summa, o Deus dos Deuses dos primitivos habitantes de nossa terra.

Guaracy, o Sol, é o **Indra** dos indianos, o **Osiris** dos egypcios, o **Phébo** dos gregos e o **Apollo** dos romanos.

Yacy, a Lua, é a **Amythaba** dos indianos, a **Isis** dos egypcios, a **Arthemisa** dos gregos e a **Diana** dos romanos.

Mboi-tatá é o genio do fôgo, como as **salamandras** entre a maioria dos póvos antigos da Asia, da Europa e da Africa. **Yára** é o genio da agua, como

as **ondinas** entre esses mesmos póvos. **Angaturama** são espiritos bons e **Anhangá,** espiritos máos, como os **Devas** e **Asúras,** na India; **Hermanúbis** e **Thyphon,** no Egypto; e a cerrada phalange de entidades theurgicas ou theomythicas de que nos fala a theogonia greco-romana. O proprio **Éros** dos gregos e o proprio **Cupido** dos romanos — o deus do Amôr — tem o seu equivalente em **Rudá,** que, armado de arco e flecha, se diverte em ferir o coração das jovens aborigenes.

Nem a interpretação do vôo e canto das aves, que os adivinhos e os áugures da Grecia e Roma, annunciavam, antes de adoptadas as deliberações do imperador ou dos generaes, deixam de existir entre os nossos aborigenes, pois, o **mborubichab** nada resolvia, sem consultar o **payé,** que não ignorava os segredos da omithomancía.

As palavras de Hans Staden, descrevendo a bençam dos **mbaracás** e a cerimonia, em que os **payé** "tornavam as mulheres propheticas", lembram perfeitamente, os **mysterios orphicos,** em que praticas, desta natureza, eram executadas e as mulheres tomavam parte, conforme as tradições hellênicas.

Como os egypcios os nossos aborigenês embalsamavam os seus mortos; as **igaçaba,** com as suas **mumias,** ahi estão nos museus, ao alcance de quem deseje examinar.

Como os indianos, os egypcios, os gregos, os romanos, acreditavam em Deus e na existencia e immortalidade do Espirito. Conheciam, em summa, o Christo e a Cruz.

Emfim, as provas mais palpaveis, os documentos mais positivos confirmam, insophismavelmente, que os autochtonos do Brasil, professavam crenças identicas

ás dos mayas, que, como diz Le Plongeon, foram os mestres dos indianos, egypcios, gregos e romanos e, bem assim, conhecimentos que lhes permittiam a pratica dos **Mysterios Sagrados** e dos **Mysterios Solares,** a alma esoterica do **Christianismo**.

Tudo, com effeito, contribue, logica e racionalmente, para solidificar, cada vez mais, a convicção inabalavel de que os "selvagens" do Brasil, pelo menos, os pertencentes ás tribus mais evolvidas, foram descendentes ou remanescentes de raças que, depois de attingirem o fastigio de uma civilização identica á dos póvos que realizaram as maravilhas architectonicas de Anahuac, Yucatan, Tiáhuanaco e Cusco, em virtude de phenomenos cosmicos e biologicos, causas physicas e psychicas, influencias mesologicas e pathogenicas, retrogradaram e chegaram, emfim, á decadencia verificada pelos europeus que, depois de 1492, pisaram o solo mysterioso do vasto e desconhecido continente americano.

Comtudo, é mister salientar, embora, realmente, em franca involução racial, os **tupy-guarany** não tinham descido á degradação, á miseria physica e moral, intencionalmente propalada, contra elles e os demais habitantes da America pre-colombiana.

Peor do que os cataclysmas, os diluvios e os terremotos, peor, muito peor do que as guerras, as epidemias e todas as catástrophes possiveis, foram o fanatismo, o sectarismo, a intolerancia iconoclasta que, como resalta Couto de Magalhães, levaram os invaso-

res á faina ingloria de "apagar uma das mais curiosas paginas da historia da humanidade".

O dr. Nodal, autor de uma grammatica da lingua **quichúa** e de varios trabalhos relativos á civilização incaica, encontrou, em Lima, antiga capital do Perú, um celebre documento em que a autoridade que o redigira, depois de reconhecer a maravilhosa civilização dos póvos amerigenos, impunha a seguinte determinação: "por isso os bispos devem cuidar de que todos esses instrumentos perniciosos (as provas da civilização amerigena) sejam, totalmente, exterminados".

Essas autoridades actuaram sobre toda a America, centenas desses documentos foram redigidos no mesmo estylo, e o Brasil, infelizmente, não constituiu excepção

Os **tupy-guarany** não eram e nunca foram anthropophagos. O facto, que serve de argumento para justificar a cavilosa aleivosia, é uma pratica, positivamente, ritualistica. A reminiscencia de um cerimonial antigo, em que o corpo e o sangue da victima, do sacrificado, do crucificado, eram partilhados pelos fieis do culto. Essas victimas, a principio, foram seres humanos, depois animaes sagrados e, finalmente, symbolos de varias naturezas. Em muitas religiões o corpo e o sangue foram symbolizados pelo pão e pelo vinho.

Os póvos mais antigos, da America — ahi estão as **piedras de tacitas** ou pedras de crisóes — assim praticavam, como praticam, ainda hoje, symbolicamente, os mais civilizados da Europa Contemporanea.

São anthropophagos os póvos que se alimentam de carne humana. Os **tupy-guarany** não se alimentavam de carne humana. Coziam a carne do corpo

do adversario que, a despeito do seu heroismo fôra vencido e feito prisioneiro, certos de que, no corpo e no sangue dessa victima (**hostia,** diziam os romanos) residia a fonte geratriz das suas qualidades superiores.

A carne de um corpo humano, cozida ou deluida, deste modo, numa quantidade de liquido que, pelo menos, devia ser, igualmente, repartido por todos os guerreiros da tribu, certo, não podia offerecer alimento ou nutrição a tantos individuos, por mais gigantesco que fosse o corpo do sacrificado.

Os tupy-guarany eram vegetarianos. Nutriam-se de fructos, nozes, tuberculos, cereaes e legumes. A banana, o milho, e a mandioca eram a base da sua alimentação.

As carnes eram usadas com a maxima parcimonia. A caça e a pesca nunca foram a sua nutrição commum. Utilizavam-nas, de preferencia, em uma especie de conserva (**mokaen,** carne secca e assada, ou **pirácuhy,** farinha de peixe) por occasião das guerras e das viagens, quando, em summa, se viam privados do conforto relativo das respectivas **tabas** e forçados a trabalhos violentos ou materiaes.

E' possivel que algumas tribus muito decadentes do Brasil pre-cabraliano comessem carne humana. A sciencia exoterica assignala este habito na Europa e em outras regiões do planeta. Para a maioria dos aborigenes, porém, a pratica da anthropophagia era considerada uma indignidade, uma abominação, um crime execravel. Anthropophago — **purú,** como diziam os **tupy-guarany** — era um vocabulo de que se utilizavam, quando pretendiam "aviltar o inimigo".

Assim, a fereza, a celebre **irracionalidade,** allegada para justificar o massacre quotidiano dos nativos, immolados, constantemente, á cobiça insaciavel dos

que pretendiam "estorquir-lhes o segredo das minas", como se dizia nesse tempo; "descer o **indio"** isto é, escravizal-o; ou, mais ainda, "tirar-lhes as crias" e "tomar-lhes as mulheres", iniciando-as, deste modo, na pratica do adulterio.

Não podem ser considerados irracionaes, homens que possuiam e externavam concepções religiosas tão elevadas. Seres que professavam crenças analogas, pela sua transcendencia, ás que elevaram ao fastigio da evolução humana os indianos, os egypcios, os gregos e os romanos, póvos, cuja cultura e civilização ninguem contesta.

O confronto, que tive ensejo de fazer, das respectivas theogonias, não deixa a menor duvida.

Acreditavam em Deus. Acreditavam na existencia e immortalidade do Espirito. Tinham conhecimentos esotericos e praticavam os **Mysterios Sagrados** e os **Mysterios Solares,** como os póvos mais cultos e civilizados da antiguidade.

Seus **payé,** verdadeiros **yogis,** perfeitos **thaumaturgos,** conheciam a suggestão, o magnetismo, o hypnotismo, a propria magia. Curavam á distancia, por processos telepathicos e, bem assim, molestias, ainda hoje, consideradas incuraveis.

Existem vocabulos, no seu idioma, crença e ritos, na sua theogonia, lendas e mythos, no seu **folk-lore,** como demonstrei, que confirmam, integralmente, as minhas asserções.

Os **tupy-guarany** eram aceiadissimos e não desconheciam varios preceitos de hygiene.

Banhavam-se mais de uma vez por dia, acto considerado **peccaminoso** pelos invasores, que enxergaram, neste habito salutar, uma perigosa e condemnavel manifestação de sensualismo.

Caracterizando as emanações ou os odores des-

agradaveis, produzidos pela secreção das glandulas cutaneas, de varias raças humanas, tanto d'Arsonval, como Hrdlicka, salientam que os amerigenos constituem notavel excepção.

A **óca,** a vivenda dos **tupy-guarany,** era, geralmente, arejada e muito limpa. Bem longe della e, bem assim, das terras destinadas ao plantio, eram lançadas as escorias, as immundicies e todas as materias impuras.

A sua innata aversão pelo desaceio é notoria.

A sua superioridade moral a propria historia resalta, a cada instante, mesmo quando pretende recuzil-os á infima cathegoria anthropologica.

Dedicados, destemidos, fortes, honestos e tão leaes, que, apesar de todas as traições, de que foram, constantemente, victimas, nunca pensaram em traír os seus inimigos, os seus inexoraveis e crudelissimos algozes.

Os **tupy-guarany** não eram, absolutamente, essas **feras indomaveis** a que se refere a "classica veracidade dos chronistas".

Um sagrado decálogo, um inviolavel codigo, da mais severa e rigida moral, inspirava-lhes os actos individuaes ou collectivos, por mais vulgares ou insignificantes, por mais extraordinarios ou prodigiosos.

A deslealdade, a traição, entre elles, era um delicto nefando, o acto mais abominavel deste mundo. Assim, a calumnia, a mentira, o furto, o roubo, o assassinio, o adulterio. A covardia e a embriaguez eram, tambem, punidas. Severamente punidas.

Não é verdade o que diz a maioria dos escriptores, quando assevera que "os gentios eram inactivos e viviam embriagados". Este vicio foi transmittido pelos invasores, no proposito de enfraquecel-os e, mais

facilmente, subjugal-os. E' a **technica,** ainda hoje, adoptada pela maioria dos **civilizadores**.

Os **tupy-guarany** não deixaram provas archeologicas ou epigraphicas da sua civilização, alardeiam os interessados em difamar os aborigenes do Brasil, a despeito de innumeras descobertas, que, de norte a sul do paiz, são, constantemente, annunciadas, por particulares, aos Institutos Archeologicos e Geographicos de varios Estados.

As ruinas encontradas em Batalha (S. Paulo), a esphinge do Paraná, as bases de uma construcção antiquissima, verificada em Bôa Vista, no Rio Grande do Sul e outras mais antigas, como os idolos da serra de Sincorá e diversos escombros archeologicos encontrados na Bahia, devem ter alguma significação e, portanto, antes da adopção de qualquer **dogma inviolavel,** é preciso, pelo menos, pesquisar, averiguar, apurar.

Além das inscripções rupestres, attribuidas aos gregos, phenicios, hebreus, arabes e chinezes, ha, gravados em um sem numero de rochedos do paiz, linhas, traços e desenhos muito mais antigos, remotissimos, multiseculares, caracteres de uma escripta primitivo-universal — gênese evidente de todos os alphabetos antigos e modernos, considerados oriundos de todas as partes do mundo, menos do Brasil, onde, entretanto, se originou, como, adeante teremos ensejo de verificar.

Certo, os **tupy-guarany** de que falam os invasores, já não eram os mesmos das eras passadas da sua gloriosa civilização; estavam em plena decadencia, em plena involução, isto é, no **tempo de Mani,** como proclamavam os mayas, alludindo á **ruina de Mayab,** o desbarato de um grande imperio e o exterminio de uma grande raça.

V

A missão escoterica dos PAYE'.

A AZEVEDO AMARAL — grato pelas suas generosas palavras de estimulo.

A descripção da bençam, baptismo ou **imantação** dos **maracá** ou **mbaracá,** segundo Hans Staden, que, como se sabe, viveu muitos annos prisioneiro dos **tupy-nambá,** é uma prova incontestavel de que a maioria dos aborigenes do Brasil tinha conhecimentos, crenças e habitos que os jesuitas e os invasores, por este ou aquelle motivo, procuraram encobrir ou desvirtuar, em todos os documentos que nos legaram sobre o assumpto.

Os nativos do territorio brasileiro, que, na sua maioria, ao envez de exemplares de uma raça primitiva, no inicio da sua evolução anthropologica, eram, ao contrario, remanescentes ou descendentes, em plena decadencia, de uma raça antiquissima, que, num passado longinquo attingira o fastigio de uma cultura e de uma civilização notaveis, como os **mayas, quichuas** e outros póvos amerigenos, conheciam os Mysterios Solares **(Guaracy),** os Mysterios Sagrados **(Tuyabaé-Cuaá),** em summa, tinham a noção perfeita de um Deus Unico **(Tupan)** e, bem assim, da immortalidade da alma **(An, Ang** ou **Anga)**.

Os **tupy-nambá,** conforme a narração de Hans Staden, traduzida por Tristão Araripe e inserta na **Revista do Instituto Historico e Archeologico do Rio de**

Janeiro, possuiam conhecimentos esotericos, demonstram os seus costumes e, sobretudo, o que nos é dado desvendar das suas cerimonias religiosas.

Tinham noticia muito precisa do **corpo e do plano astraes** e adoptavam praticas e processos secretos que lhes permittiam a exteriorização consciente e voluntaria desse corpo e a consequente ascenção a esse plano do Universo.

A cadencia mantramica e rythmica dos seus cantos e danças devocionaes não deixam a menor duvida a respeito. Por meio da repetição monotonica de certas vogaes, syllabas ou palavras, acompanhadas de pancadas e movimentos rythmicos (Hans Staden chama cantos e momices), que iam crescendo até ao maximo da celeridade possivel ou, ao contrario, diminuindo até ao maximo da lentidão, **caíam em transe** e, nesse estado de reconhecida **exteriorização astral,** entravam a predizer, isto é, a descrever factos e seres que escapavam á visão normal dos demais, e teriam realização futura.

Essas cerimonias eram effectuadas, diz Hans Staden, sempre que se cogitava de uma viagem, de uma guerra, por occasião de qualquer epidemia ou quando se verificava algum acontecimento que podesse influir nos destinos ou interesses da collectividade.

A interpretação dos sonhos era outro methodo de que se utilizavam para desvendar os segredos do porvir.

Os **payé** e os **mborubichâb (tubichá, tuxaba** ou **tubichab)** antes de qualquer deliberação, procuravam ouvir os individuos mais conceituados da tribu, a respeito dos sonhos que revelassem qualquer connexão com a medida a ser adoptada. Todos eram chamados a narrar o que **tinham ouvido ou visto, emquanto**

dormiam, e, de conformidade com essas narrações, as providencias seriam executadas.

Quem, ao menos, passou os olhos pelas paginas de qualquer compendio de Historia da Civilização, não pode ignorar a influencia da interpretação dos sonhos (oniromancia) e outros processos de advinhação na vida individual e collectiva dos póvos mais cultos da antiguidade.

Qual foi o **monarcha,** o **imperator,** o general grego, romano, gaulez ou germanico que tomou qualquer resolução, isto é, decretou uma lei ou iniciou um combate, antes de consultar o oraculo, o áugure, a pythonisa?

Como os indianos, os egypcios, os gregos, os romanos — os póvos da mais remota antiguidade — conheciam os effeitos inebriantes ou hypnoticos de certas bebidas e queimavam essencias e resinas que tinham identicas influencias, afim de augmentar as faculdades dos que se prestavam a essas pesquisas oniromanticas.

Os **payé,** digam o que quizerem, praticavam o hypnotismo, o magnetismo, a suggestão e a propria magia, de que se utilizavam na cura de varias enfermidades, e em proveito do prestigio e dos privilegios que desfructavam entre os de sua raça.

Na cerimonia da **imantação dos mbaracá,** os **payé** récitavam, á meia voz, uma série de orações, diz Hans Staden. Falavam aos **mbaracá** e os **mbaracá** respondiam, porque, effectivamente, estabelecia-se um verdadeiro dialogo.

Em geral, os que tratam desses assumptos, por ignorancia ou proposito, muito pouco adeantam quanto á sua logica e verdadeira interpretação.

A despeito de tudo, porém, não logram occultar que os **fakires** ou **yogis** do Brasil pre-cabraliano goza-

vam, pelo menos, dos mesmos poderes supra-normaes attribuidos aos milagrosos thaumaturgos, como Anchieta, que recebeu dos aborigenes o titulo de **payé-assú,** certamente, em virtude da semelhança dos processos por ambos adoptados.

Os **payé,** como affirma Lery, gabavam-se de transmittir sua vontade por meio de praticas hyper-physicas e Anchieta, os **chronistas** divulgaram, amplamente, "foi cognominado o **amarra-mãos**".

Em outro capitulo do interessante diario, escreve o prisioneiro dos **tupy-nambá,** a proposito **(sic)** das mulheres que se tornavam **propheticas**.

"Reuniam-se os **payé** numa cabana e defumavam todas as mulheres presentes. Estas, depois de defumadas, começavam a chorar, a saltar e a correr, até que, vencidas pela fadiga, caíam ao solo desfallecidas. O propheta exclamava, então:

— Vêde; estão mortas, porém, vão ressuscitar!

Ellas, de facto, erguiam-se e entravam a vaticinar o futuro".

No planalto de Anahuac, como no Yucatan e em toda a extensão andina, onde, ainda, existem os restos das maravilhosas civilizações amerigenas (nahuas, aztecas, toltecas, mayas, aymaras, araucanas, chibchas, etc.) praticas, desta natureza, eram, commumente executadas.

Do mesmo modo, na Asia dos indianos, na Africa dos egypcios, na Europa dos gregos, romanos, gaulezes e germanos, onde, muito mais tarde, tantos Mestres as foram descobrir.

A maioria dos theosophos, que penetrou na India, como Blawatsky, Sinnett, Leadbeater, e tantos outros, fala, detalhada e documentadamente, de exercicios semelhantes, "observados e praticados pelos **chelas** que intentavam despertar a **Serpente de Fôgo**".

As bacchantes da velha Grecia, nas **orgias de Dionysios,** não agiam de modo muito differente, e, bem assim ,as sacerdotisas e a maioria das mulheres que tomavam parte nos **mysterios orphicos,** a que se referem as tradições hellenicas.

O **peyotl,** cactacea originaria do Mexico, cuja injestão produzia a voluntaria e consciente exteriorização astral, entre os amerigenos do Norte, tinha no **yagé,** tambem, conhecida pelo nome de **ayahuasca,** o seu equivalentê e incontestavel succedaneo, entre os amerigenos do Sul.

O homem intelligente e culto, probo e consciente de suas responsabilidades que se abalance a estudar os aborigenes do Brasil, se não quizer servir de echo involuntario de absurdos e inverdades, injurias e calumnias, falsidades e invencionices de todos os generos, feche os olhos e os ouvidos a tudo que os "celeberrimos e fidedignos chronistas" — fanaticos ou ignorantes, catechistas ou conquistadores — escreveram e nos legaram a proposito e a respeito de nossa terra e dos seus primitivos habitantes.

O fanatismo e a ignorancia, o despeito e a vingança, a hypocrisia e a cobiça nunca levaram por bom caminho quem pretendesse ser logico e verdadeiro, justo e honêsto, cumprir, emfim, os seus minimos deveres.

De ha muito venho collecionando referencias, commentarios e descripções de cerimonias religiosas comprobatorias de que muitas tribus aborigenes do Brasil, não só tinham noção da unidade de Deus, da immortalidade da alma, como conheciam os Mysterios Sagrados e os Mysterios Solares, culto que a Sciencia Exoterica, nos estreitos limites do seu archaico materialismo, denomina **terror cosmico** ou, quando muito, **mythos solares**.

A sra. Anna Besant, no seu livro **Christianismo Esoterico**, estudando o assumpto á luz da mythologia comparada, affirmou que verdadeiros e perfeitos **heroés de legenda** apparecem, vinte mil annos antes do nascimento de Jesus, em varias regiões do glôbo, vivendo os mesmos episodios, repetindo as mêsmas sentenças, realizando, em summa, o mesmo destino attribuido, **posteriormente**, ao excelso íniciado de Nazareth.

Dando ao grande arcano a logica e verdadeira significação, concordo que Quetzalcoatl, no Mexico pre-colombiano; Krishna, na India; Zoroastro, na Persia; Thôt, no Egypto; Orpheu, na Grecia e, finalmente, Jesus, na Palestina, **humanizaram** os Mysterios Solares do Christo Cosmico.

Outros messias ou reformadores, como Bacab, na Guatemala; Manco-Capac, no Perú; Bochica, na Colombia; Yurupari e Suman ou Sumé, no Brasil, como os jesuitas grapharam na intenção de identificalo com S. Thomé, existiram por toda a America precolombiana.

Yurupari nunca foi o Diabo. O infernal estrangulador dos que commettiam o peccado da gula e da anthropophagia, conforme os "santos missionarios".

Yurupari foi o messias amerigeno, o grande reformador **tupy-guarany,** demonstram as palavras autorizadas de Max Roberto, Brandão Amorim, Stradelli e muitos outros que não tiveram mêdo de transpôr as lindes inviolaveis do convencionalismo.

Yurupari é filho da virgem Chiucy, a Mãe do Pranto, a **Mater Dolorosa.**

E' notorio e sabido que os frades hespanhoes, companheiros de Colombo, encontraram a cruz e o crucificado, nos **teocalis,** nas **kunas,** em varios templos da America.

Mendieta, Las Casas, Mercado e outros **homens de fé,** como se dizia nesse tempo, encarregados da catechese dos gentios, assim o verificaram e confessam em livros, constantemente citados.

Os **tupy-guarany,** tambem conheceram e veneraram a cruz sob o nome de **curuçá,** vocabulos **nheengatú,** a lingua sagrada, nome composto de **curú,** pedaço ou fragmento, e **çá,** gritar, proferir ou produzir sons estridentes.

Ninguém ignora que os póvos mais antigos produziram fôgo, ferindo dois estilhaços de pedra ou attritando dois pedaços de páo, que, depois deste **acto religioso,** praticado por um sacerdote, eram encruzados e venerados como symbolo do Poder Creador, o Fôgo Sagrado, o Fôgo Vivo **(Chac-Moll),** entre

os toltecas, aztecas, mayas e outros póvos amerigenos. **Agni** nascia, deste modo, nos santuarios mais antigos da India.

Em Cuzco, entre os incas ou quichuas, **Intí,** o Espirito Solar — o Christo Cosmico — era symbolizado por um grande Sol feito de ouro massiço, o qual, no interior e na penumbra do templo, scintillava, como se fosse, fartamente illuminado, porque, a sua disposição e o seu extraordinario polimento permittiam reflectir, como um immenso espelho, os primeiros raios do astro luminoso, no instante preciso do seu diluculo.

Neste momento, realizava-se uma das cerimonias mais solemnes do culto, que, de um modo muito positivo e material, confirma a integridade da minha affirmativa.

A pilhagem dos conquistadores, reza a **historia da civilização,** apropriou-se do symbolo material e precioso, e a conveniencia doutrinaria dos "piedosos frades", instrue a **historia da religião,** julgou o culto espiritual e transcendente, "um rito primitivo de sacrilega idolatria".

O culto solar, está fóra de duvida, originou-se na America e foi a fonte originaria do christianismo.

Scott-Elliot, Brasseur de Bourbourg, Gaffarel, Garcilaso de la Vega, Le Plongeon e outros alludem ao assumpto baseados em provas que não admittem contestações.

O **Tonatiuh** dos toltecas, o **Rá-Ná** dos mayas, o **Intí** dos quichuas, o **Guaracy** dos **tupy-guarany** e, bem assim, as **runas,** as inscripções rupestres, e as esculpturas dos templos monolithicos de Tiahuanaco, attestam a insophismavel realidade.

No Brasil, o Sol apparece no ritual de varias tribus sob a denominação de **Guaracy,** isto é, origem

do reino animal, de **guará,** ser vivo e **cy,** mãe, raiz, fonte, causa ou principio.

De facto, escreve o inolvidavel Couto de Magalhães, no seu livro **O Selvagem,** os nossos **indios** adoravam **Guaracy, Yacy** e **Rudá**. **Guaracy** é o Sol, a mãe dos viventes, de **guará,** vivente e **cy,** mãe.

Já tive ensejo de assignalar que a maioria dos póvos antigos, repetindo, aliás, uma verdade religiosa e scientifica, se dizia filha do Sol.

A Terra, a sciencia exoterica não contesta, é um fragmento do Sol e tudo nella existente proveio e é vitalizado pelos vibrações — luz e calôr — emanadas do primitivo nucleo da nebulosa, de onde fluiu o **nebulion,** em que se plasmou o nosso systema planetario.

Yacy é a Lua, origem do reino vegetal; de **yá,** planta e **cy,** progenitora.

Rudá ou **Perudá** é o deus do amôr e da reproducção. Um guerreiro que vive nas nuvens e, como o **Éros** infatigavel e invencivel dos hellenos e o **Cupido,** não menos infatigavel e invencivel dos romanos, de arco e flécha em punho, compraz-se em ferir o coração das jovens amerigenas enamoradas.

Para precisar os attributos dessas divindades, transcrevo, fielmente, a traducção dos versos cantados pela **cunhã** distante e saudosa do seu eleito.

"Rudá, tu que estás nos céos, faze com que elle, por mais mulheres que tenha, as ache todas feias; faze com que elle se lembre de mim, esta tarde, quando o Sol se ausentar no Occidente".

E' a eterna canção, que, através de todos os tempos, ecôa desde a mais remota antiguidade.

E quantas **cunhãs** — aztecas, mayas, quichuas, indianas, egypcias, gregas ou romanas — não ergue-

ram a voz, presas do mesmo sentimento, entoando canticos de identica significação?

A lua cheia e a lua nova eram, tambem, evocadas, sob os nomes de **Cairé** e de **Catiti,** para suavizarem a dôr de iguaes feridas.

"Lua Nova! Oh! Lua Nova! Leva a fulano as minhas lembranças; eis-me aqui, estou em tua presença, faze que eu, tão somente, occupe seu coração!"

Estes versos não valem menos do que todos os hymnos sagrados, postos na bocca dos póvos mais evolvidos da Terra.

Deste modo, as jovens amorosas do Yucatan precolombiano elevavam suas queixas aos pés de **Maya** (a Lua, personificação feminina do principio creador); as indianas, á **Amytada** (a Lua Infinita); as japonezas, á **Amida** (a Lua Protectora); as egypcias, á **Isis;** as gregas, á **Artémis;** as romanas á **Diana,** todas symbolizando a Lua, a Mãe Natura, Maria, a Mãe dos Vegetaes, a mesma **Yacy** dos aborigenes do Brasil — Cythia, Delia, Hécate, Latonia e Phebe — tão celebradas no **Carmen Sæculare,** do grande poeta latino, que teve o nome glorioso de Horacio.

No inicio deste modesto e despretencioso trabalho affirmei que os amerigenos, inclusive os mais evolvidos do Brasil, tinham noção de um Deus Unico e, bem assim, da existencia e immortalidade da alma.

Munhangára é a versão **tupy-guarany,** dada pelos jesuitas ao termo luzitano Creador, mas, **Tupan,** que os apressados commentadores da theogonia **tupy-guarany** chamaram **deus do trovão,** não só é esse Deus Unico, como tem uma origem muito mais remota, uma hierarchia divina muito mais sublime e é, a meu ver, uma das chaves do grande mysterio da pre-historia americana.

Lê-se na **Evolução Divina,** de Eduardo Schuré, que **Táo** foi o Deus Supremo dos atlantes. Entre os mayo-quichés, descendentes e herdeiros dos póvos que habitaram o continente atlanteano, **Táo** foi o Deus da Chuva, o Poder Fecundante das Aguas do Céo, que o Cruzeiro annunciava e reverdecia a Terra crestada pelos rigores da estiagem, "resuscitando-a e libertando os homens dos sacrificios physicos".

Táo, em allemão, significa orvalho, o rócio crystallino, que tomba do céo e não deixa de ser chuva.

Parece uma coincidencia, mas, assim não succede, porque, o dr. Krumm-Heller, na sua longa permanencia no Mexico, teve ensejo de colher provas de que toltecas e teutões são ramos do mesmo tronco racial, os atlanies.

Além da notavel semelhança de certos **caracteres runicos, com os futharks nordicos,** não podem passar despercebidas varias analogias theogonicas assignaladas, inclusive ritos, symbolos e nomes de algumas divindades, como **Wodan** ou **Wotan, Odin** ou **Olin, Thôr, Thôt, Táo,** etc.

Táo, entre varios póvos da Asia, da Africa e da Europa, é a força primaria, a causa primordial do Universo e, reminiscencias do Cruzeiro, é symbolizado pela Cruz.

No Egypto, **Táo,** ou **Thao** ou, ainda, **Thôt,** é o Ser Universal de duplo sexo, o divino Androgyno, o excelso Hermaphrodita (**Hermes,** o Eterno Masculino, e **Aphrodita,** o Eterno Feminino, em perfeita connexão) mixto de elementos e principios masculinos, neutros e femininos, que a **Cruz Phallica** representa. Isto é, — T — elemento masculino; — A — elemento neutro e — O — elemento feminino.

Do Egypto passou á Grecia, representando o Grande Mysterio da Geração, objectivado pela Cruz, o

— T — inicial da palavra divina, e lêtra do antigo alphabeto grego. Os phenicios o adoptaram, tambem, e, como os phenicios, os hebreus, pois, **Táo,** o — T — dos seus respectivos alphabetos, uma verdadeira Cruz, é o emblema sagrado da união do principio activo e do principio passivo, isto é, do Deus-Sol com a Deusa-Lua, na fecundação da Natureza, por meio do fôgo e da agua, que nos vêm do céo.

E' **Jupiter Fulgur** e **Jupiter Elicius** — Deus do Raio e Deus da Chuva — da theogonia romana, copia da theogonia grega, egypcia, indiana e, por sua vez, da theogonia amerigena, fonte sagrada de todas as theogonias.

Como se vê e não se póde contestar, é o mesmo **Táo,** Deus do Raio e da Chuva, dos atlantes e dos mayo-quichés, o Deus Fecundante, cujo advento o Cruzeiro annunciava, em épocas remotissimas, aos aborigenes da America pre-colombiana.

Entre varios póvos do Oriente, **Táo** passou a ser o Absoluto e o seu culto, ainda hoje, como succede na China, tem o nome de **Táoismo**.

Táo, Tau, Thau, Téo ou **Thôt** (o **Zacuiti-Dhuit,** dos egypcios e Hermes dos grego,s) **Tô, Tu, Thôt-Pan, Tô-Pan, Tu-pan, Tôpan, Tupan, Tupana** ou **Tupam,** como, ainda, encontrei graphado em varias obras antigas e modernas, são denominações da mesma divindade, entre diversos póvos e através de varias etápas da evolução humana.

Por mais extraordinario, que pareça, o **Tupan** ou **Tupana** dos aborigenes do Brasil, como o **Thôt-Pan** da theogonia egypcia e o **Thôt-Pan** da theogonia grega, são o mesmo **Táo** ou **Thôt** dos atlantes e dos mayo-quichés.

Se o fôgo e a agua do céo eram attributos de **Táo** ou **Thôt,** ou, ainda, **Téo** ou **Théo,** como fizeram os

gregos, o trovão era o ruido, a retumbancia do malho divino, batendo na bigorna cyclopica do Universo; **Thôr manejando** o sagrado martello.

Tu, no idioma **tupy-guarany,** significa ruido, estrondo e **pan,** bater ou malhar.

Tupan, portanto, é o **divino ferreiro** das mais antigas concepções theogonicas.

E' **Tezcalipóca** da theogonia mexicana, **Tubal-Cain** da theogonia hebraica, **Jupiter** e **Vulcano** das theogonias grego-romanas, **Thôr** da theogonia nordica, trabalhando os seus raios fulminantes na forja e na bigorna da olympica officina.

E' o Poder Creador, o **Thôt-Pan** dos egypcios e dos gregos, identificado, mais tarde, pelos astrologos com o monstruoso **Capricornio,** metade cabra e metade peixe.

O carvalho e o pinheiro foram-lhe consagrados. Representavam-no por uma figura apavorante; um egipan, um fáuno, com pêlos, chifres e pés de bóde.

O terror panico, que o seu aspecto caprino inspirava, fel-o passar ou confundir com o **Baphomet** dos templarios.

Na época alexandrina tornou-se o symbolo do Universo e foi venerado sob o nome de **Théo-Pan,** o Deus do Grande Todo, o Deus Unico, de **Théo,** Deus, e **Pan,** Tudo, vocabulos considerados gregos, porem, derivados de velhos idiomas amerigenos.

Como se vê, não fui, absolutamente, injusto, classificando de **apressados** os classicos commentadores da theogonia dos aborigenes do Brasil. Fui, ao contrario, tolerante e benevolo.

Estudemos nossa terra. Estudemos nossa gente. Remontemos aos dias idos do nosso passado, mas, absolutamente por nossa conta, sem as suggestões dos

compendios, que importamos da culta e civilizada Europa.

Se o fizermos com a devida attenção, o necessario criterio, a especializada cultura, e, sobretudo, com a indispensavel isenção de animo, isto é, libertos de fanatismos, convenções e interesses ou conveniencias de seitas pseudo-religiosas ou pseudo-scientificas, ficaremos pasmos, perplexos, em face dos erros, dos absurdos, das heresias de toda sorte, que, deste modo, se pertende legar ás gerações futuras.

O sr. Silva Ramos, com a sua obra gigantesca de epigraphia americana, em que interpreta as inscripções phenicias, hebraicas, chinezas, gregas e arabes, "encontradas no desmedido **litoral brasileiro**", desvendou-nos os segredos da época mais recente, mas, as **itaquatiára** dos nossos rochêdos, encontradas por todo o territorio, e os desenhos da ceramica do Marajó; as pesquisas e conclusões de Alfredo Brandão, no seu documentado e criterioso trabalho, **A escripta prehistorica do Brasil;** os **caracteres runicos,** attribuidos aos atlantes, porém, ao meu ver, genuinamente amerigenos, porque, **runa** é uma palavra quichua; e, sobretudo, as provas e documentos geologicos, paleontologicos e paleoanthropologicos, colhidos e estudados por Lund, **nos transportam aos dias primeiros do continente.**

Essa maravilhosa concepção theomythica do Divino Ferreiro — **Tupan** — é uma prova logica e verdadeira, absolutamente positiva, de que os aborigenes do Brasil conheciam o fôgo e sabiam forjar os metaes — testemunho scientifico de que não eram esses pre-homens que os compendios propalam.

Tupan, cujo malho, moldando, na bigorna celeste, a materia ignea do Universo, produzia esse

fragor e essas chispas — o trovão e os raios — não deixa, não permitte a menor duvida.

Despertemos do somno hypnotico. Apaguemos, em nossa memoria, a malefica suggestão que, intencionalmente, nos foi transmittida.

Varios escriptores de "notorio renome", referindo-se aos **payé,** especie de sacerdotes ou feiticeiros entre os **indigenas** do Brasil, como postula a maioria dos diccionarios, negam-lhes todo e qualquer conhecimento das cousas mais rudimentares deste mundo.

"Revelam, em tudo que executam ou dizem, a mais crassa e absoluta ignorancia".

"Não empregam os numerosos simplices que os rodeiam e cujas propriedades medicamentosas parecem desconhecer, completamente".

"Apartam, tão sómente, os doentes do contacto com os sãos, apalpam-nos, diversas vezes, sopram no lugar enfermo e cantam, frequentemente, **consultando** ou, dizem outros, **imitando a macauan"**.

Deste jaez são, em geral, as referencias dos pesquisadores nacionaes e, sobretudo, catholicos, que tiveram ensejo de especular estes assumptos, através de um prisma tão opaco, que não poderam, absolutamente, distinguir a verdade e a logica dos factos e, muito menos, a sua exacta e real significação.

E' bem notorio que alguns jesuitas e a quasi totalidade dos conquistadores já tinham ido muito mais longe, pois, chegaram a negar aos "nativos das terras de além-mar, pertencentes á corôa portugueza,

toda e qualquer faculdade de raciocinio". Não passavam de bugres. Eram, apenas, perigosissimos irracionaes.

A proposito de religião, nem é bom falar, porque, poucos tiveram a franqueza e a lealdade de confessar, como Couto de Magalhães, a sua absoluta ignorancia a respeito destes assumptos de que "os **payé** guardavam a maxima reserva e discreção, limitando-se a sorrir, quando lhe faziam alguma pergunta".

Devo resaltar que o culto, intelligente e integro pesquisador patricio percorreu os nossos sertões, privou com os seus primitivos habitantes e conhecendo-lhes o idioma, pôde ouvir-lhes, de viva voz, os mythos, os cantos, as narrativas em que condensam os seus conhecimentos, as suas crenças, as suas tradições, as suas idéas, a synthese, em summa, da sua cultura e da sua civilização, porque, como ninguem ignora, o **folk-lore** de cada pôvo é o reflexo da sua evolução.

Os mythos do **yaúty**, por exemplo, que o ilustre autor d'**O Selvagem** conseguiu colligir, por occasião das suas arriscadas viagens, através do **hinterland** brasileiro, dão sobejas provas da justeza deste aphorismo.

Os póvos primitivos e selvagens, de todos as épocas e de todas as regiões do glôbo (não faltam documentos de authenticidade integral) na primeira etápa da sua evolução, collocam, invariavelmente, a **força physica** acima da **força mental**.

Em todo o cyclo das suas theogonias, das suas cosmogonias, dos seus mythos e das suas tradições lendarias e heroicas figuram gigantes, monstros, seres de estatura colossal que, pela energia e resistência dos musculos, devastam muralhas e cidades, des-

troçam exercitos e armadas, provocam derrotas e victorias inauditas.

Ameaçam os proprios deuses e tentam escalar os céos, como nos contam os gregos, quando se réferem á ingente façanha dos titans.

A propria Biblia nos fala do gigante **Goliath**. Os lemurianos eram macrosomaticos.

A India, o Egypto e a Grecia, para citar, somente, tres fócos irradiantes de cultura e de civilização antigas, fornecem provas materiaes, provas, por assim dizer, eternas, que a propria esculptura perpetuou através dos idolos, das estatuas, das lapides, dos symbolos, da maioria dos monumentos que resistiram á acção demolidora dos seculos.

As hydras e os dragões, seres de estatura e proporções extraordinarias, gerados do sangue de Oceano, segundo Hesíodo, estão em lucta continua, na peleja titanica que nos é recordada pela epopéa de Claudiano, essa famosa **Gigantomachia**.

Só muito mais tarde e, portanto, em uma segunda etápa da sua evolução, esses mesmos póvos de todas as épocas e de todas as regiões do glôbo, começaram a substituir o culto da **força physica** pelo culto da **força mental**.

E' um indicio, uma prova de adeantamento, de progresso, de ascensão nessa ingreme e accidentada montanha da espiritualidade.

Os documentos que assignalam esta segunda etápa, constituem o texto de varios livros sagrados, os hymnos, os poemas, os louvores de toda a especie, talhados na pedra ou fundidos no bronze dos templos e dos palacios reaes. São do absoluto dominio da Historia.

A maioria dos autores que, conscientemente, se dedicou ao estudo das velhas tradições da America,

da Asia, da Africa e da Europa, pode ser consultada sobre o assumpto, cujo valôr e interesse não escapam a quem possua dois dedos de bom-senso.

Os aborigenes do Brasil — os evolvidos, pelo menos — quando os invasores pizaram a terra do Cruzeiro, já tinham vencido a primeira etápa. Estavam, positivamente, na segunda, isto é, collocavam a **força mental** acima da **força physica,** attestam, de um modo positivo, os "mythos zoologicos do **Jaboty**".

O **yaúty,** personagem heroica deste verdadeiro cyclo lendario, vence, pela sua intelligencia, pela sua argucia, a totalidade dos animaes, physicamente, mais corpulentos, mais fortes e mais ageis da fauna brasileira.

Excede a anta, a onça, o veado, a raposa, o homem, a **Caapora,** isto é, a propria divindade protectora da caça, mercê de seu discernimento, a sua **força mental**.

Se esta prova não testemunha o erro, consciente ou inconsciente, dos que consideram os aborigenes do Brasil exemplares de uma raça primitiva, no inicio da sua evolução anthropologica, e não, remanescentes ou descendentes, em franca decadencia, de uma grande raça troncal, que, num passado remoto, attingira o fastigio de uma cultura e de uma civilização notaveis, nada, absolutamente nada, poderá servir de argumento logico e verdadeiro.

Mas, ninguem de bôa fé se abalançará a negar a evidencia scientifica do principio de ethnogenia universal e, bem assim, a certeza que a propria ethnologia nacional constatou, sem muito esforço; a não ser que se pretenda attribuir os "mythos zoologicos do **jaboty**" á exclusiva imaginação do meritissimo Couto de Magalhães.

Os conceitos **apressados** dos escriptores que re-

duzem os "indios do Brasil á infima cathegoria de pre-homens e negam aos **payé** a missão esoterica que, de facto, exerciam, não tem o minimo fundamento.

Basta reflectir, que, se grande parte da população dos nativos já collocava a **força mental** acima da **força physica**, os **payé** — guias e mentorēs, mestres e oraculos dessa população — não póde caber a **injusta pécha de ignorantes ou charlatães**.

Analysemos, com toda a isenção de animo, as asserções desses escriptores de "notorio renome".

Os **payé** revelavam, realmente, a mais crassa ignorancia, o desconhecimento absoluto das propriedades medicamentosas dos **simplices** que a propria natureza lhes offerecia?

No tratamento das enfermidades limitavam-se a cantar, soprar e apalpar os doentes?

Absolutamente, não. Em abono do meu ponto de vista, basta evocar o facto historico, tantas vezes citado, isto é, que "os amerigenos conferiram a Anchieta o expressivo titulo de **payé-assú**".

Alguma connexão, alguma semelhança, alguma affinidade existia entre os processos adoptados pelo "milagroso thaumaturgo lusitano e a canalha de feiticeiros", os **payé** ou **karayba** do Brasil.

Nada mais racional e evidente. Nada mais positivo e consoante.

Ás proposições, os postulados desses escriptores não traduzem a realidade, que, certo, se desvela, com toda a nitidez, aos olhos de quem possua uma noção, por mais vaga, de esoterismo.

Contrasta, profundamente, com o juizo convencional desses escriptores, o parecer, a opinião dos que, libertos do impenitente fanatismo, estudaram, á luz da logica e da verdade, os aborigenes do Brasil.

Esses não só assignalam que os **payé** não desco-

nheciam os effeitos therapeuticos de varias, de uma infinidade de substancias, como asseguram, que a falta de tacto dos conquistadores, provocando a hostilidade dos aborigenes, foi a causa do desconhecimento em que ficamos, até hoje, da "acção de certos ingredientes empregados na cura de molestias consideradas incuraveis, como a lepra e o cancer".

Na verdade, cantavam, apalpavam e sopravam os doentes, isto é, vocalizavam **mantrams,** davam passes e expiravam animo vital sobre as partes affectadas dos enfermos, como praticavam, desde as épocas mais remotas, os toltecas, os aztecas, os mayas, os quichuas, os indianos, os egypcios, os gregos, os romanos, póvos, cujas cultura e civilização esses mesmos escriptores não se cansam de louvar.

Não é justo, não é licito, não é razoavel que os mesmos factos evocados para exaltar a cultura e a civilização dos póvos de outras regiões do planeta, sirvam, precisamente, para deprimir, amesquinhar, envilecer os nossos aborigenes.

Hans Staden, que conseguiu assistir algumas solemnidades liturgicas do **tupy-nambá,** allude a ritos e cerimonias que revelam, insophismavelmente, os conhecimentos occultos dos **payé,** verdadeiros **yogis,** como se diz na India.

Os effeitos, por exemplo, da cadencia, do compasso, do monotonismo, isto é, da repetição periodica do mesmo tom, de que o **bastão de rythmo,** descripto por Metraux, é prova material, e, bem assim, a influencia dos **mantrams,** de que seus cantos (a imitação do **macauan)** são attestados, não lhes eram desconhecidos.

Scenas observadas e, fiel e singelamente evocadas pelo marinheiro allemão, não permittem contestar aos **payé** a missão esoterica que lhes reconheço e,

mais ainda, o emprego consciente da suggestão, do magnetismo, da hypnose, da magia e de muitos outros methodos iniciaticos.

Não ignoravam os effeitos dos narcoticos, das bebidas inebriantes e, bem assim, dos defumadores, das inhalações, em que eram queimadas folhas, sementes, resinas e madeiras, cujo perfume causava lethargias, somnos, delirios, sonhos, que lhes facultavam a predicção do futuro e a positiva exteriorização consciente e voluntaria do corpo astral, phenomeno que provocavam de varios modos.

Ao referir-me aos Mysterios Sagrados entre os **tupy-nambá,** asseverei que, apésar da sua "crassa ignorancia", os **payé** praticavam a suggestão, o magnetismo, a hypnose e a propria magia.

Esta asserção, com certeza, pareceu aos que se consideram **omniscientes,** uma prova absoluta de ignorancia ainda mais crassa.

Não extranho que assim tenha succedido. Cada um apprehende a verdade, que deve ser unica e absoluta, através da sua relativa percepção.

Este axioma, que tem a idade do mundo, fez o indú affirmar que os cinco sentidos do homem normal, raramente, o levam á realidade. Tudo é **maya,** no mundo physico, accrescentam, serenamente, os conspicuos **yogis** da India.

De facto, a Terra é espherica e parece plana; move-sé e parece fixa; gira em torno do Sol e parece o centro do nosso systema planetario.

Não posso, por conseguinte, revoltar-me com a classificação e, contribuindo, embora, para baixar, ainda mais, o nivel da minha mentalidade aos olhos desses privilegiados, reaffirmo, cathegoricamente, a minha these.

Já tive ensejo de revelar que **Tupan** (Thôt-Pan) não

é e nunca foi deus do trovão, aqui ou em outra qualquer região do planeta.

Tupan é a entidade theogonica que a Asia, a Africa e a Europa Antiga importaram da America, cuja antiguidade já se não pode contestar, em virtude de tudo que a geologia nos permitte e, bem assim, de tudo que a epigraphia, a archeologia, a tradição e a historia nos evocam, através do **Codigo Troano,** o **Popul-Vul,** o **Chilam Balam de Chumayel,** os textos e os archivos mais antigos descobertos na America e existentes nos museus das cidades ou capitaes mais importantes do mundo.

Tupan ou Thôt-Pan, o Pae dos Deuses, o Deus do Grande Todo, era objectivado, no Egypto e na Grecia, por uma figura apavorantê, um fauno, um egipan, com pêlos, chifres e pés de bóde, e causava identico **terror panico** que o Diabo, caracterizado pelos mesmos attributos, inspira ainda hoje, á maioria dos catholicos.

Era o emblema da Virilidade, do Eterno Masculino e do Poder Creador.

Pan, deus dos pastores, filho de Hermes (**Thôt,** em egypcio) e, portanto, o mesmo Thôt-Pan, conforme a theogonia grega, tinha, tambem, pêlos, chifres e pés de bóde e causava identico **terror panico** a quantos o encontravam, vagando na penumbra dos bosques sagrados da Grecia Antiga.

Phobus, outra entidade theogonica dos hellenos, tambem, inspirava esse mesmo sentimento de pavôr invencivel, rezam as tradições greco-romanas.

Aliás, esta funcção divina de **dominar os mortaes pelo mêdo,** não é nóva nem constitue privilegio dos amerigenos e outros póvos denominados pagãos ou idólatras, da antiguidade.

Muitas religiões existem, que, desvelando, incons-

cientemente, as suas origens pantheistas, origens que as approximam do assoalhado **terror cosmico,** ensinam ou baseiam a sua moral religiosa no **temôr de Deus**.

E' esse temôr de Deus, esse terror cosmico, esse têrror panico, plintho incontestavel dessas religiões, que me permitte assegurar, com a maior convicção, a missão esoterica dos **payé**.

Por que razão os Summo-Pontifices e Sacerdotes dessas religiões faziam e fazem, ainda hoje, do **terror** um dos attributos essenciaes da divindade?

Porque o mêdo foi, é e ha de ser, sempre, um dos melhores **processos de suggestão.**

A creatura, profunda e realmente aterrorizada, perde a personalidade e toma-se um docil vehiculo da vontade de quem lhe inspira esse terror.

E' a velha technica da Magia Negra. O methodo ou o processo de todas as seitas que **trabalham com o Diabo,** como se dizia na Idade Media.

Os **payé,** que conheciam os dois campos oppostos da Magia, as duas correntes contrarias do Bem e do Mal, punham em pratica a technica, o methodo ou o processo commum, adoptado desde os tempos mais remotos.

Nada mais apavorante do que o trovão — a ameaça do raio — o troar do malho de **Tupan,** na bigorna cyclopica do infinito.

Jupiter Tonante dos romanos não agia de outro modo, como de outro modo não agiu, certamente, o Jehovah dos hebreus, quando mandou o **diluvio universal,** em que não faltaram trovões, raios e todos os phenomenos meteorologicos que caracterizam os grandes temporaes.

O estrondo produzido pelas descargas da electricidade atmospherica era o signal evidente da ira de

Tupan, que reclamava, desta maneira, qualquer sacrificio ou lançava, sobre os infractores das leis divinas, o odio da sua maldição.

Os amerigenos, apavorados, acercavam-se, então, do **payé** e, sob a impressão desse terror cosmico, desse terror panico, desse **temôr de Deus,** dessa suggestão collectiva, presa da mais absoluta passividade psychica, obedeciam, cegamente, a todas as exigencias, por ventura, determinadas, como succede, ainda hoje, á maioria dos crentes e dos fieis que abarrota templos adornados de sumptosas alfaias, resplandecentes de luzes e recendentes do aroma inebriante de resinas queimadas em comburentes thuribulos, crentes e fieis, que **temem,** em vez de **amarem** á Divindade.

Scenas desta ordem são, constantemente, narradas por Hans Staden, que as assistiu **de visu** e as descreve em seus menores detalhes, embora, interpretando-as a seu bel prazer.

— **Ne mungita dee, Tupan do quabe, amanasú e andée imme rannime sisse** isto é, pede ao teu Deus para que o vento e a tempestade não nos façam mal.

Esta supplica, varias vezes dirigida ao prisioneiro dos **tupy-nambá,** demonstra, claramente, o pavor invencivel que lhes inspiravam os phenomenos meteorologicos — raios e trovões — o ribombo ameaçador do malho de **Tupan**.

Os **payé** não desconheciam a realidade do facto e, como os Summo-Pontifices e os Sacerdotes, de outros tempos e de outras terras, moldavam, na plasticidade psychica dos aborigenes, assim amedrontados, assim suggestionados, toda a tyrannia da sua vontade.

Interpretes dos arcanos divinos, eram, naturalmente, os traductores das ameaças e exigencias contidas

na retumbante violencia dos tremendos protestos de **Tupan**.

No Mexico e no Perú, na India e no Egypto, na Grecia e em Roma, que assombraram o mundo com os fulgores das suas religiões, das suas philosophias, das suas sciencias — da sua incomparavel **Sabedoria Integral** — não se procedeu de maneira differente.

Basta evocar os processos ritualisticos dos oraculos do templo de Trophonius.

Basta recordar os piedosos **autos de fé,** em que os supremos juizes do Tribunal do Santo Officio cumpriam a divina missão de purificar, nas chammas das fogueiras inquisitoriaes, a alma diabolica dos hereges, dos que professavam doutrinas **subversivas,** contrarias aos dogmas ou conveniencias da Santa Madre Igreja.

O terror cosmico, panico ou divino, que varias religiões utilizaram, representou, no passado, e representa, no presente, importantissimo papel.

A existencia do Diabo, apregoada e justificada pelos proselytos de religiões, que se consideram monotheistas, não tem outra signifficação.

Quando reboava, portanto, o trovão, ruido atroante do malho de **Tupan,** os **payé** transmittiam aos aborigenes, suggestionados, hypnotizados pelo terror, a imposição absoluta das suas ordens.

Era, certamente, a maneira de trazer "os incolas submissos á disciplina indispensavel á tranquillidade e socego da tribu".

A maneira mais segura de impôr-lhes as deliberações dos **mborubichab,** uteis e necessarias á paz e á unificação da **taba**.

Moysés, recebendo, entre raios e trovões, no alto do Sinai, as taboas da lei, em que Jehovah traçou com o dedo os dez mandamentos, realizou, na velha

Arabia, a mesma solemnidade dos **payé** do Brasil pre-historico.

Assim, na remotissima Atlantida, escreve Scott-Elliot, procederam os excelsos **theomantes,** quando, empunhando o symbolo, que, muito mais tarde Apollo confiou a Mercurio, captavam o **fôgo serpentino,** mais potente que o **vril,** o **aúr,** a electricidade.

Muita gente suppõe que suggestão, magnetismo e hypnose são phenomenos, apenas, conhecidos dos póvos contemporaneos e, mais ainda, que só ao ser humano é dado produzil-os.

Não pode haver maior engano. Todos os póvos os conheceram e praticaram, desde a mais remota antiguidade, scientes e conscientes de que todos os seres, homens ou animaes, a propria Natureza, gosam e, sempre gosaram, dessa poderosa faculdade, deste invencivel poder.

Os **payé,** iniciados nos Mysterios Sagrados, nos Mysterios Solares, não podiam, absolutamente, ignorar os methodos e os processos naturaes, vulgares e communs que lhes permittiriam realizar a totalidade desses phenomenos.

Alludindo á missão esoterica dos **payé,** no seio das respectivas tribus, não contestei que, realmente, cantassem, apalpassem e soprassem sobre as partes affectadas dos enfermos.

De facto, vocalizavam **mantrams,** davam passes magneticos e expiravam **animus vitæ** sobre os doentes, como praticaram, certamenté — egypcios e greco-romanos, povos, cuja cultura e civilização, como já disse, não nos cansamos de sublimar.

A maioria dos que têm abordado este assumpto, desconhece-o por completo ou encara-o sob um ponto de vista tão estreito, que não lhe favorece a verdadeira interpretação.

Na verdade, os conhecimentos esotericos dos **payé,** authenticos **yogis,** como se evidencía dos seus processos, embora adulterados, visivelmente adulterados pela decadencia da raça na época da conquista, têm sido estudados ou criticados por pessoas, certamente, **muito bem intencionadas,** mas, que nada sabem de occultismo, feição caracteristica, espirito fundamental, sentido peculiar de todos os conhecimentos que nortearam, nos tempos aureos da sua evolução, a cultura e a civilização amerigenas.

Como pode emittir uma opinião technica e, sobretudo, honesta, a proposito de qualquer composição musical, quem não conhece uma nota de musica?

Bem sei que, quando se fala em occultismo, toda a gente que se preza, olha, desdenhosamente, o ignorante, embusteiro ou visionario que pronunciou a palavra maldita.

A propria sciencia exoterica verifica, diariamente, através das suas experimentações mais positivas, das suas pesquisas de laboratorio, que o absurdo de hoje é a verdade de amanhã e vice-versa, mas, a despeito desses continuos exemplos, dessas provas, constantemente obtidas, ainda não se convenceu de que, como diz Shakespeare pela bocca do taciturno Hamlet: "ha muita cousa entre o céo e a terra, de cuja existencia nem sequer suspeitamos".

Todos os conhecimentos mais vulgares são occultos para quem os ignora. Não ha sciencia mais occulta do que a astronomia, apesar das provas materiaes que a abobada celeste nos offerece e patenteia. Todos os conhecimentos estão no mesmo caso.

E' preciso pôr de parte o fanatismo ou o interesse profissional ao cogitarmos destas verdades.

Este caso dos **payé** — desculpem-me a sinceridade — tem sido tratado por fanaticos, na apologia das suas crendices, ou profissionaes, na defesa dos seus proveitos, e, assim sendo, não podemos acatar, como dogmas inviolaveis, as suas opiniões, os seus **caprichos,** por mais interessantes e curiosos.

A razão livre, tão apregoada em nossa época, não permitte a adopção de um criterio tão illogico ou sophistico.

Já mostrei, com as palavras valiosas de Hans Staden, que os **payé** praticavam a **exteriorização do corpo astral,** por meio da vocalização de **mantrams,** de dansas religiosas (pancadas e movimentos cadênciados) e da libação de bebidas inebriantes ou hyp-

noticas, preparadas com a seiva de plantas, que só elles conheciam.

A sciencia exoterica, orthodoxa, official, contemporanea, não ignora e não contesta, racionalmente, os phenomenos supranormaes ou hyperphysicos, "prodigios que os sabios pesquisadores dos mysterios asiaticos levaram ás academias da culta e civilizada Europa".

Não ignora e não contesta, do mesmo modo, os effeitos da monotonia das côres, dos sons e, quiçá, dos perfumes, nos phenomenos hypno-magneticos, hypnoticos, magneticos, etc.

Não ignora e não contesta, ainda, a acção anesthesica, narcotica, psychica do chloroformio, do ether sulphurico, do chloreto de ethylo, da estovaina e de uma infinidade de entorpecentes, extasiantes, soporificos e innumeros opiaceos da sua classica pharmacopéa.

Um dos nossos matutinos, affirmando **(sic)** que "a televisão era conhecida e praticada pelos indios selvagens, que habitavam o alto Japurá, na fralda das Cordilheiras dos Andes", estampou um artigo que nos fala da planta **yagé** e das experiencias realizadas por pessoas idoneas, em que foram verificados os effeitos hypnoticos ou psychicos, produzidos pela ingestão do succo do referido vegetal.

Segundo a narrativa, o cacique do Yapurá, residente a muitos kilometros do local onde se verificara certo accidente, sob a acção do **yagé,** pôde assistil-o, nos seus minimos detalhes, apesar da enorme distancia.

O caso descripto pelo articulista — é claro — nada tem de commum com a televisão. E' um phenomëno, puramente hypnotico ou psychico, um caso de **exteriorização do corpo astral,** phenomeno muito co-

nhecido dos **payé** e dos sacerdotes nahuas, toltecas, aztecas, mayas, quichés, quichuas, etc., os quaes, além de certas praticas secretas, se utilizavam, no intuito de conseguirem identicos resultados, da infusão de uma cactacea que, no Mexico, tem o nome de **peyotl**.

Affirmam que a **yurema** actua do mesmo modo e, bem assim, o **maté,** tratado e applicado conforme certos preceitos, e "muitas outras raizes diabolicas", como escrevem os santos inimigos dessas **"perigosas superstições"**.

A etherização e a chloroformização não produzem phenomenos ou estados, totalmente diversos, permittindo a anesthesia cirurgica ou obstetrica.

Todos, que têm prestado a devida attenção "ás palavras sem nexo dos etherizados ou chloroformizados, sabem, que, em geral, são narrativas ou descripções de factos occorridos a muitos kilometros do operado".

Delane refere casos typicos, observados em hospitaes da Europa, por occasião de intervenções cirurgicas.

De facto, esses etherizados ou chloroformizados, como o cacique do **Yapurá** sob a acção do **yagé,** tiveram, apenas, o corpo astral exteriorizado, phenomeno que permittiu a percepção de factos occorridos a tantos kilometros de distancia.

E' essa exteriorização, que, produzindo a insensibilidade averiguada pela sciencia exoterica, facilita ao **fakir** indiano atravessar o corpo com as laminas dos seus longos e aguçados punhaes, como refere Jacolliot, resaltando as maravilhas, deste genero, observadas na India, e conduziu o sabio de Rochas a estudar a acção psychica dos contactos, das uncções e das emanações, assumptos, scientificamente tratar

dos em varios trabalhos de insophismavel merecimento.

O sôpro, a expiração do alento ou **animo vital,** sobre as partes affectadas do enfermo, é methodo therapeutico antigo e vulgarissimo.

O alento é a vida. Deus fez o homem de argilla e alentou-o, soprando-lhe as narinas. E' a versão biblica, bebida em fontes muito mais primitivas.

Em Anahuac, no Yucatan, em Cuzco, como em varias localidades da Asia, da Africa e da Europa, encontramol-a sem grande esforço. Está no registro **folk-lorico** das tradições humanas.

A **substancia** e a **energia christonicas,** que, no dizer do sr. dr. Krumm-Heller, são a propria substancia e energia cosmicas, que, em estado normal de saúde, accumulamos em nosso organismo, através da respiração, podemos transmittir aos doentes, por meio da expiração. Os medicos sopram na bocca dos asphyxiados, assentes neste "barbaro ou selvagem empirismo".

Não é justo, não é logico repudiar ou contestar um facto, um phenomeno que não se pode explicar, porque, se lhe desconhecem as causas reaes, não se descobre ou comprehende a verdadeira origem.

O oxygenio não é o unico agente biologico do ar.

Contra factos não ha argumentos, e, como nos ensina a propria sciencia exoterica, não ha effeito sem causa.

Isto de suppôr que só existe o que se sabe, é signal lastimavel de absoluta ignorancia.

Os **payé,** a despeito da sua apregoada incapacidade, não desconheciam que o **ar é a vida** e que **respirar é viver**.

Outro tanto posso adduzir a proposito dos toques, apalpações ou passes, como a maioria desses escriptores de "notoria competencia" classifica as praticas, cuja significação esconde ou não soube, realmente, perceber.

Este systema de transmittir, por meio das mãos, forças electro-magneticas **(prana,** como ensinam os **yogis),** necessarias á eurythmia organica, ao equilibrio physiologico ou biologico, á saúde de todos os seres, é conhecido e pôsto em pratica desde os tempos mais longinquos. Aztecas, mayas, quichuas e a quasi totalidade dos amerigenos delle se utilizavam, attestam-n'o as praticas tradicionaes dos curandeiros dos nossos sertões, os **manosantas** e **tatadióses** de quasi todos os paizes da America do Sul.

A propria sciencia exoterica, embora conteste a theoria dos fluidos nervosos, não nega a acção ou effeito da imposição das mãos do operador sobre o paciente. De Mesmer a Braid é grande a pleiade dos que ensinam processos comprobatorios da minha asserção.

E' um gesto instinctivo e sub-consciente, diz Puysegur. Quando recebemos um golpe, uma pancada em qualquer parte do corpo, rapido levamos a mão ao ponto attingido e fazemos, inconscientemente, uma serie desses passes magneticos. Os animaes lambem as regiões affectadas.

A Natureza, escreve Darget, pôz nas mãos do homem fontes inexhauriveis de irradiações oddicas. Fócos dynamicos de energias biochimicas. Emanações pranicas ou electro-magneticas. São os **raios biologicos,** analogos aos **raios cosmicos;** o homem é uma synthese, uma miniatura do Universo.

Estudem o assumpto. Estudem-no com attenção e libertos de preconceitos e da **infallibilidade dos principios inviolaveis**.

A ninguem é dado affirmar ou negar, honesta e conscientemente, aquillo que desconhece, aquillo que não sabe, porque, não aprendeu.

Resta-me, agora, falar dos **mantrams**. Da imitação do **macauan,** como affirmam os escriptores que alludem á "ignorancia crassa e supina dos **payé**".

Ouçamos Barbosa Rodrigues, cujas pesquisas e observações têm servido de base a varios argumentos formulados pelos nossos eruditos, de mais evidente nomeada, na defesa de theses, que interessam á ethnologia e á ethnographia dos aborigenes do Brasil.

Ouçamos o mestre illustre que, certa vez, na villa de Faro, em casa de um amigo, escutando, distinctamente, a vocalização das syllabas **na-ca-u-an,** quiz averiguar o caso, pois, conhecia a versão popular da existencia de uma ave, cujo canto era, exactamente, assim.

O amigo sorriu e explicou que "aquella voz tinha sido, certamente, **emittida por alguma mulher pegada pelo nacauan**".

E fez-lhe ver que esse canto funesto produz uma **especie de enfermidade,** sem consequencias mortaes, porém, que, tirando, completamente, os sentidos, leva quem della soffre, a repetir, durante alguns instantes, o nome da ave mysteriosa.

Conduziu-o á cabana, onde sabia residir uma **doente desta molestia**. Era uma joven **tapuya** de bella apparencia. Estava deitada numa rêde. Parecia dormir e sonhar. O peito arfava-lhe, fortemente, e repetia, de quando em vez, a palavra **na-ca-u-an.**

"A causa desta molestia, toda nervosa e conta-

giosa, diagnosticou o notavel facultativo, é o **effeito da superstição"**.

Não é preciso conhecer a totalidade das praticas esotericas, executadas nas cinco partes do mundo, desde as eras mais remotas até os nossos dias, para atinar com a explicação do phenomeno considerado pathologico.

Quem não ignora o que é um **mantram** e os seus effeitos; quem não desconhece que a vocalização de phrases ou palavras sagradas — a linguagem divina — faz parte integrante dos mais antigos rituaes; quem sabe que o som, a voz, a pronuncia de qualquer vocabulo é uma vibração e que toda a vibração age sobre os corpos subtis e densos de todas as creaturas, percebe, sem o minimo esforço, que se trata da vocalização de um **mantram** e da consequente exteriorização do corpo astral, produzida pelo exercicio dessa poderosa pratica esoterica.

A Biblia refere que as muralhas de Jericó ruiram ao som estridente das trombetas de Josué. E' um symbolo kabbalistico.

A sciencia exoterica, que já ensinava que "tudo no Universo é ether transmutado por uma vibração qualquer", consagrou as notorias experiencias de Keely, que, com o auxilio de um diapasão e de uma cythara, conseguiu transformar quatro gottas d'agua em vapôr, que lhe permittiu uma pressão de 27.000 libras, sobre uma pollegada quadrada.

Ninguem, que tenha feito, realmente, um curso normal de humanidades, ignora os maravilhosos phenomenos que a acustica nos desvenda com relação ás influencias e aos effeitos vibratorios dos **ultra-sons**, isto é, dos **infra** e **super-sons**.

Transcrêvo de um artigo publicado pela revista **Gnose**, o seguinte trecho, comprobatorio de que a

sciencia exoterica resolveu estudar o assumpto: "Na America do Sul, tambem accidentalmente, vêrificou-se que era possivel pôr em fuga um cardume de lagôstas e mesmo destruil-o pelo som ultra- penetranté, de varias sirenes. Synchronizando varias sirenes, a bordo de um navio-guebra-gelo, isto é, ajustando-se á mesma frequencia, foi possivêl destruir **ice-bergs** nas costas do Pacifico".

O Logos, o Verbo, um Som Sagrado, uma Vibração Divina, um MANTRAM SUBLIME, ensina a Sabedoria Antiga, deu origem á manifestação do Universo.

"Deus **disse:** Faça-se a Luz e a Luz se fez, ensina a tradição, desde os tempos mais remotos, através dos livros sagrados em que foram condensadas as crenças e os conhecimentos mais transcendentes dos póvos mais antigos".

Macauan, Nacauan, Acauan ou, ainda, **Cauan,** é um **mantram** conhecido e uzado, de norte a sul do continente, desde as eras mais remotas, pela maioria dos amerigenos.

Mantram, esclarecem as vigilantes sentinellas da **Arca Santa** da Sabedoria Integral, a **Magia,** a Religião-Sciencia, do passado, "é a expressão magica de um pensamento e de uma energia".

Se articulando uma palavra evocamos o objecto, a acção ou o ser que essa palavra significa, vocalizando um **mantram,** despertamos a energia equivalente ao som, assim, emittido, porque, "cada vibração sonora, alem de corresponder a um **chacra** (centro de forças no homem), cada **chacra** corresponde a uma glandula de poderosa influencia ou evidente acção physiologica sobre a eurythmia organica de todas as creaturas".

O **mantram,** portanto, longe de ser uma ingenua

phantasia, uma pueril ficção de ignorantes, um condemnavel e prejudicial embuste de criminosos charlatães, é, ao contrario, um methodo efficaz, um processo scientifico, absolutamente scientifico, baseado no que pode existir de mais logico e verdadeiro, segundo a propria sciencia exoterica.

De conformidade com as leis e os principios esotericos, "é uma pratica antiquissima, millenaria, e produz os mais variados phenomenos; beneficos ou maleficos, salutares ou perniciosos, vivificantes ou mortaes".

A **tapuya,** de Faro, examinada pelo notavel e competente scientista patricio Barbosa Rodrigues, repetindo o **mantram** em apreço, afim de exteriorizar o seu corpo astral, confirma e documenta, insophismavelmente, os conhecimentos iniciaticos e a missão esoterica dos **payé,** no sêio das populações aborigenes do Brasil.

E se esta prova, absolutamente scientifica, não é sufficiente, a narrativa do facto estranho assistido pelo fidedigno padre Simão de Vasconcellos, que, apesar de os apodar de "canalha de feiticeiros, agoureiros e bruxos", conta, no livro II das **Chronicas da Companhia de Jesus do Estado do Brasil, que** "um tal **carahyba (outra** designação de **payé)** fixou duas forquilhas no chão, a ellas amarrou uma clava enfeitada de diversas pennas e depois andou-lhe em torno, dançando e gesticulando num cerimonial estranho, soprando e dizendo-lhe phrases.

Logo depois desse cerimonial, a clava desprendeu-se dos laços e foi levada pelos ares, até desapparecer no horizonte, voltando depois pelo mesmo caminho, **á vista de todos,** visando collocar-se entre as forquilhas, **notando-se que estava cheia de sangue".**

O phenomeno observado na India, por Jacolliot,

da semente de mangão, que, plantada pelo **fakir** ou pelo **yogi,** depois de uma serie de **passes,** immediatamente germina, brota, cresce, frondeja é dá fructos saboreados por todos os presentes, **inclusive occidentaes,** não tem mais valôr nem mais significação do que este, porque, se o caso do mangão prova os poderes extraordinarios do **yogi** indiano, o caso da clava demonstra os podêres extraordinarios do **payé** amerigeno.

Descrevendo o processo adoptado pelas **cunhãtay** e pelos **anagé,** feiticeiras e feiticeiros **tupy-guarany,** das tribus da Argentina, escreve Girgois:

"Se querem enfeitiçar alguma serpente procuram os olhos do réptil e fixam-nos, durante um certo espaço de tempo, cantando uma invocação monotona. Giram ao redor do animal, mantendo-o num circulo de ires ou quatro metros de diametro. Accendem um mólho de plantas narcoticas e continuam cantando, cada vez mais suavemente, e, pouco a pouco, vão-se-lhe approximando, porem, girando sempre e fixando sempre a serpente.

Quando o ophidio está, perfeitamente hypnotizado, como que se achata; cola-se ao sólo e fica immovel.

Então, a **cunhãtay** ou o **anagé** approxima-se, pega-o com o pollegar e o indicador, pelo pescoço, o mais proximo possivel da mandibula, e o conduz. deste modo, á palhóça onde se encontra a victima ou guarda-o para nóvos **feitiços**".

Os celebres **yogis** indús, os mais venerados na India, não procedem de maneira muito differente, quando fascinam as perigosas **nagas** ou **cobras capêllo,** e, se esses dons, esses meritos, esses privilegios, tão assignalados, servem para exaltar-lhes os poderes e as faculdades supra-normaes, não podem ter outra finalidade, outra significação, outra impor-

tancia pelo simples facto de serem praticados e observados entre os aborigenes da America.

Altos e baixos relevos insculpidos na maioria dos monumentos monolithicos, cyclopicas ruinas de cidades mortas que attestam as maravilhas das culturas e civilizações incaicas, nas eras mais remotas do mundo, desenhos colhidos pelo referido Girgois e insertos na sua documentada obra, **El oculto entre los aborigenes de la America del Sud,** provam, documentam, testemunham materialmente, como os sacerdotes — os **amautas** — davam **passes**, insufflavam **animus vitæ** e vocalizavam **mantrams,** syllabas ou palavras mysteriosas que lhes permittiam o privilegio de faculdades extraordinarias ou psychicas.

Esses póvos, nessas eras mais remotas do mundo, está fóra de qualquer duvida, mantiveram demorado e continuo intercambio com os póvos das regiões orientaes da America do Sul e, portanto ainda, que os aborigenes do Brasil não tivessem attingido, originalmente, essa cultura e civilização maravilhosas, attribuidas aos **quichuas,** delles as teriam recebido e, neste caso, não ha nenhum motivo logico para considerar-se absurdo os **conhecimentos iniciaticos** e a **missão esoterica** dos **payé** ou **karahyba,** antêcessores positivos e incontestaveis dos prodigiosos **fakires** e veneraveis **yogis** da India.

Porque esse privilegio asiatico? Não é possivel que só tenham cunho de veracidade as suggestões transmittidas pelos compendios, que importamos da Europa, e tudo, absolutamente tudo, que se verifica e observa, na America e, sobrêtudo, no Brasil, não passa de "prova de selvagem ignorancia ou condemnavel mystificação".

Gravemos, para todo o sempre em nossa memoria,

as palavras candentes do abalizado Couto de Magalhães:

"Tanto os conquistadores hespanhoes e portuguezes, como os jesuitas, consideraram o selvagem um instrumento de trabalho, uma especie de mina, cuja exploração disputaram encarniçadamente".

Desta fonte suspeita, suspeitissima, promanam, em geral, as provas, os documentos em que a maioria dos eruditos autores desses compendios fundamenta as suas consagradas ou inviolaveis opiniões.

Provas e documentos, na sua maioria, infundados, inverosimeis, contradictorios, porque, como se evidencia da "veracidade das suas chronicas mais authenticas", esses **"fidedignos autores,** cuja competência não admitte qualquer suspeita", ao mesmo tempo que asseveram que "o Brasil foi **descoberto,** em 1500, por Cabral — descoberto por acaso" — juram que S. Thomé, muitos seculos antes do proprio Colombo, sob o nome de **Suman** ou **Sumé,** como, intencionalmente, adulteraram, e outros santos milagrosos, "homens brancos de longas barbas brancas", vindos, não se sabe como, do Oriente, sob os nomes de **Quetzalcoatl, Kukul-Kan, Bacab, Bochica** e tantos outros, galgaram e palmilharam o desmesurado continente americano, convertendo a impiedade do gentio e pregando os dogmas sagrados da unica religião verdadeira.

VI

A confirmação glyptographica da antiguidade do Brasil.

A JONAS CORREIA, tempiario dessa cruzada ingente que é a cultura nacional.

Não pode passar despercebido, a quem de bôa fé se dedique a éstes estudos, o descaso, o motejo, a hostilidade dos technicos e especialistas — os sabios estrangeiros e nacionaes, suggestionados pelos **tabús** da sciencia européa — a proposito de tudo, que, sobre a antiguidade da America, do homem americano, sua cultura e sua civilização e, principalmente, sobre o autochtonismo de uma raça troncal amerigena, tenha sido confirmado pela competencia e pela probidade de geologos, anthropologos e ethnologos das tres Americas, os quaes desfructam, ao menos, a preciosa vantagem de pesquisar e analysar, **in loco** e **de visu,** as provas, os documentos e os testemunhos de todos os generos, sobejamente descobertos, de norte a sul, do extenso e, ainda, mysterioso territorio americano.

Tudo, sem excepção do mais simples communicado, no dizer intolerante desses **omniscientes,** manifesta ignorancia, não passa de embuste ou, no minimo, "não tem, absolutamente, a importancia, a significação, a finalidade que se lhe attribuem".

As provas, os documentos, os testemunhos geologicos, mineralogicos, paleogeographicos, geophysicos,, paleoanthropologicos, anthropologicos, ethnolo-

gicos, archeologicos, etc, colhidos na America e no Brasil, por mais authenticos, por mais idoneos, "não têm o menor valôr scientifico", e, se algum desses "ignorantes, embusteiros ou visionarios", exige-lhes a exhibição de provas, documentos e testemunhos demonstrativos das suas supposições pessoaes, arvoradas em **principios inviolaveis, verdades universaes, axiomas,** como em geral classificam, respondem que "a sciencia, ainda, não possue elementos que permittam a solução do problema".

Mas, se esses elementos não existem é justa, é licita essa attiutde inquisitorial dos technicos e especialistas de ultramar?

Em que principio de incontestavel verdade scientifica fundamentam as suas presumpções para anathematizar com tanta intransigencia, com tanta intolerancia ,as hypotheses, as concepções, os assertos dos geologos, anthropologos e ethnologos das tres Americas?

Será licito, será justo negar o autochtonismo, a unidade e antiguidade de uma raça troncal amerigena, antes da prova scientifica, logica e veridica de que o **ancestral commum,** a despeito da sua natural propriedade de adaptação e, ao contrario do que succedeu nos demais continentes, não logrou ambiencia biogenica ou biologica na America?

Será licito, será justo affirmar, cathegoricamente, que os quarenta e dois milhões de kilometros quadrados do territorio americano foram **colonizados** por **tribus** insignificantes, **originarias** da Asia ou da Oceania, antes da contestação formal dos postulados de Lund, quando demonstra que as medidas anthropometricas do homem primitivo amerigeno o approximam mais do **typo animal** que as medidas anthropometricas do

homem primitivo asiatico ou melanesiano o approximam desse mesmo **typo animal?**

Será licito, será justo admittir, depois desta prova, absolutamente scientifica, que o homem amerigeno, mais rudimentar, mais primitivo e, portanto, mais antigo, descenda do homêm asiatico ou melanesiano, somatica ou anatomicamente, mais perfeito, mais evolvido e, portanto, mais moderno ou muito posterior?

Será licito, será justo admittir, tambem, que o mais velho procéde do mais nôvo, o ascendente, do descendente, e, sobretudo, que a evolução se processe do perfeito para o imperfeito?

Existem documentos deste genero? Lund obteve medidas anthropometricas desses **fosseis?** Chegou a esses resultados positivos? Alludiu a essas importantissimas conclusões?

Leiam,attentamente, o que sobre o assumpto escreveu, varias vezes, o pae da geologia brasileira.

Leiam, com a devida e cuidadosa attenção, as eruditas e honestas palavras do eminente sabio dinamarquez.

Leiam as suas celebres cartas ou memorias dirigidas ao então secretario do Instituto Historico e Geographico, no Rio de Janeiro, e meditem os seu argumentos e os seus axiomas sobre o **homem terciario da Lagôa Santa.**

O grande Lund, alem do seu privilegiado talento, da sua extraordinaria cultura — da sua intuição genial — foi um homem de bem. Um homem de caracter. Um homem de criterio.

A sua intelligencia, os seus conhecimentos são constantemente, exaltados, mas, a sua probidade não é esquecida e, assim sendo, não falaria desse modo, isto é, não affirmaria com tanta segurança, com tanta autoridade que "os caracteres mais essenciaes por

onde a raça americana se distingue da raça mongolica são a maior estreiteza e baixeza da testa e a maior proeminencia dos ossos faciaes", **se, realmente, não dispozesse da prova incontestavel, da prova scientifica**.

E não se limitou a esta cathegorica e formal proposição. Foi mais longe. Muito mais longe. Positivou, ainda, que "esses caracteres sendo outras tantas approximações para o typo animal, deve a raça americana occupar o lugar inferior na escala, comparativamente á raça mongolica".

Se essas provas não existem ou, melhor, **já não existem**, estamos em face de um **mysterio** que os depositarios da Arca Santa desses preciosos conhecimentos estão no estricto dever de elucidar.

Se não existem, existiram e se desappareceram, alguem contribuiu para esse desapparecimento.

Não attento, nem pretendo attentar, com a causa originaria do injustificavel proceder, iniquo sacrilegio, mas, não podendo admittir que Lund praticasse a leviandade de avançar uma tal proposição, sem a ressalva do indispensavel testemunho, **confesso que não aceito, absolutamente, a hypothese da inexistencia dessas provas**.

Precisamos não esquecer que Lund foi um abnegado, isto é, explorou as camadas geologicas do nosso territorio, mas, não explorou os thesouros do Brasil, inclusive o Thesouro Nacional.

Ha, com effeito, um proposito, um nefasto e secreto proposito em perturbar, tornando cada vez mais intrincado o labyrintho da pre-historia brasileira — enigma que, desta ou daquella maneira a sciencia exoterica está no dever, na estricta obrigação de decifrar.

Em trabalho anterior, tive ensejo de salientar que

o methodo ou o processo comparativo, geralmente adoptado, isto é, o cotejo das semelhanças ou identidades anthropologicas e ethnologicas (typos raciaes, idiomas, crenças, conhecimentos, costumes, leis, **folk-lore**, etc.) simultaneamente verificadas, na America e na Asia, não demonstra a origem asiatica dos amerigenos, nem a origem amerigena dos asiaticos.

Essas provas, documentos e testemunhos, tanto servem para evidenciar que a America foi o berço da humanidade, como para averiguar que a Asia, desfructou identico privilegio.

Sem a prova scientifica — colhida através de varias sciencias — sem o documento positivo da antiguidade geologica do continénte, da antiguidade anthropologica da raça autochtona que o habitou, sem o testemunho evidente da precedencia da cultura e da civilização, relativamente, á cultura e civilização dos outros continentes, o problema continuará insoluvel como até hoje.

A' luz deste criterio venho, de ha muito, intentanto penetrar na treva densissima desse verdadeiro arcano.

Deste modo, tive conhecimento das pesquisas e estudos, dos documentos e postulados de Lund, Ameghino, Pedberg, Morton, Simonin, Hrdlicka e tantos outros, sobre a antiguidade do continente americano, primeiro emerso do pelago universal; da antiguidade do homem americano, porque foram encontrados ésqueletos anthropomorphos em promiscuidade com ossadas da macro-fauna terciaria; e, bem assim, da precedencia da cultura e da civilização amerigenas, averiguadas e assignaladas por Brasseur de Bourbourg, Le Plongeon, Chavero, Mandieta, Orozco y Berra, Miguel Triana, Scott-Elliot, Las Casas e todos, que, real-

mente, investigaram e analysaram os seus escombros archeologicos e as suas inscripções glyptographicas.

O Brasil foi a região do glôbo que primeiro surgiu do oceano primitivo, disse-o Lund, baseado na excepção geologica, que verificou no planalto central brasileiro, isto é, o encontro de extensissima camada constituida de rochas primitivas, rochas archaicas, rochas crystallinas, despida de outras camadas ou depositos mais recentes e, alem disto, em rigorosa posição horizontal.

A America é a patria original do homem, proclamou Ameghino, porque é, precisamente, no territorio americano que se encontram, em caracteristica e evidente abundancia, **fosseis** anthropomorphos da era terciaria. Hrdlicka, com effeito, descobriu o **homo simius,** no mioceno, em pesquisas realizadas no Mexico.

"Demoradas pesquisas e investigações procedidas nas cavernas calcareas do Sumidouro e Lagoa Santa (Minas) pelo citado paleontologista dinamarquez, escreve Damasceno Vieira, verificaram a existencia ali de **fosseis** humanos, de mistura com ossadas pertencentes á macro-fauna da era terciaria; **fosseis** estes já em estado metallico — circumstancia que permitte conferir-lhes uma edade computada por muitos millenios".

Se é uma verdade, absolutamente scientifica, que a fossilização ou mineralização natural de qualquer corpo organico, soterrado, demanda um periodo chronologico immensuravel, que idades geologicas não foram precisas para attingirem, no Brasil e, portanto, na America, esse **estado metallico,** caracteristico de varios **fosseis** encontrados no planalto central brasileiro?

Os mayas levaram do Yucatan aos póvos da Asia e da Africa, muitos millenios antes da era christã, os

fulgores da sua cultura e da sua civilização maravilhosas, escreveu Le Plongeon.

Outros, talvez, com menos desembaraço ou sinceridade, disseram ou dizem a mesma cousa, porque, a maioria desses geologos, como Branner, reconhece, que, "como Lund verificou, o planalto central brasileiro constitue-se de uma camada de transição, despida de outras camadas ou depositos mais recentes", phenomeno geologico, **phenoméno excepcional,** que permitte affirmar que o Brasil e, portanto, a America do Sul, foi o primeiro continente emerso do pelago primitivo universal.

Seguindo-lhes as pegadas luminosas, tenho procurado coordenar as deducções, os corollarios das suas preciosas pesquisas e não menos preciosas descobertas, assignaladas em um sem numero de obras, vulgarmente conhecidas.

Na verdade, o meu trabalho, embora fatigante, exhaustivo mesmo, tem-se limitado á colheita escrupulosa de provas e argumentos que me permittem premissas verdadeiras de que tiro corollarios, positivamente logicos.

Neste presente e rapido esbôço — debuxo muito indeciso de um quadro difficilimo que outros de mais capacidade deverão executar — procurarei discutir o magno assumpto, através das inscripções rupestres, encontradas de norte a sul, por todo o territorio brasileiro.

Os póvos mais primitivos do mundo deixaram, esculpidos nos lagedos, nas penedias, nas lapas, das regiões em que viveram, a glyptographia rudimentar dos seus embryonarios pensamentos.

Se os mortos governam os vivos, como ensina a maxima positivista, as pedras falam, diz a maioria dos glyptographos.

O valôr pre-historico desses desenhos, desses signos, desses symbolos, gravados em pedras, rochas ou cavernas, por toda a parte, é incontestavel e tem servido de chave para a decifração de enigmas, a solução de problemas que permittiram á sciencia exotérica divisar, com relativa precisão, o passado mais longinquo do homem sobre a Terra.

As interpretações das inscripções trilingues de Rosetta facultaram a decifração dos hieroglyphos egypcios e a revelação á culta e civilizada Europa de que, antes, muito antes, da cultura e da civilização de que tanto se vangloriava, floriram na Africa, pelo menos, na patria monumental dos pharaós, uma cultura e uma civilização originalissimas, que a Grecia assimillou, adoptou e repartiu por todo o continente europeu.

As inscripções pre-historicas do Brasil, se não encontraram, no talento e erudição do nosso eminente patricio Alfredo Brandão, o seu verdadeiro Champollion, lograram, evidentemente, um dos seus avançados predecessores.

Apesar de mais difficil, mais obscura ou mais intrincada mesmo, em virtude da excessiva antiguidade dos caracteres rupestres do Brasil, a interpretação das inscripções dos rochedos da Bahia, de Alagôas e da Parahyba não podem ter menos valôr scientifico do qué as interpretações dos hieroglyphos egypcios.

Por que? Acaso, os elementos encontrados e os processos adoptados por Champollion foram mais idoneos e mais authenticos do que os elementos encontrados e os processos adoptados por Alfredo Brandão?

Ainda que o illustre epigraphista patricio não nos tenha offerecido a solução integral do problema, como confessa, modestamente, é de absoluta justiça reconhecer e proclamar que **já fez muito, e muito, muito**

mais ha de fazer, certamente, como outros, que, sem os rataplans do cabotinismo, trabalham com pertinaz afêrro, no fecundo silencio de suas officinas.

De facto, não se pode negar que, a despeito dos **classicos obstaculos** e de contarem, exclusivamente, com as proprias forças, a propria tenacidade, o combate continua e continuará, porque, a totalidade dos combatentes, fiel á grande causa, não desanima de alcançar a gloriosa victoria.

Desde as suppostas **letras do Diabo,** assignaladas pelo fanatismo dos missionarios e ignorancia dos invasores, muito e muito se tem falado e escripto a favor ou contra a glyptographia naçional.

Uma realidade, porem, não conseguiram contestar — a existencia positiva dessas inscripções rupestres, intencionalmente insculpidas.

No Amazonas, nas ribanceiras do **Yapurá** e **Caquetá;** no Pará, na serra do **Ererê;** no Piauhy, em **Piracuruca;** no Ceará, no **Môrro dos Letreiros, Uruburema** e **Itapipoca;** no Rio Grande do Norte, em **Apodi;** na Parahyba, na serra do **Teixeira;** em Pernambuco, em **Bom Jardim, Buique, Cimbres e Villa Bella;** na Bahia, na serra do **Anastacio,** na serra do **Assuruá,** no serrote do **Pintor;** em Minas, em **Areão, Itambé da Matta** e **Formiga;** em summa, em todos os Estados do Brasil, são, geralmente encontradas, escavadas ou pintadas na rocha, pretas ou vermelhas, linhas e figuras estranhas que eruditos e populares interpretam e explicam de todas as maneiras ou, melhor, conforme as respectivas capacidades.

Coelho de Carvalho, capitão-mór da Parahyba, celebrado autor do **Dialogo das Grandezas do Brasil,** allude á descoberta, na serra do **Capabôba,** de rochedos em que verificou **signos** de varias naturezas, como por

exemplo, cruzes, rosas, letras, riscos e **outras garatujas desconhecidas**.

Em S .Vicente, no Cabo Frio e na Bahia, o padre Simão de Vasconcellos salienta, nas **Chronicas da Companhia de Jesus**, o encontro de rastros humanos e caracteres ignotos, em diversos rochedos dessas localidades.

Herckman que, de ordem de Nassau, pesquisou a Parahyba, refere-se á verificação de **runas** em diversos penedos e lapas existentes na capitania.

Tristão Araripe, a quem devemos grande copia de conhecimentos pre-historicos brasileiros, commenta as referencias do autor das **Lamentações Brasilicas**, o conhecido padre Telles de Menezes, que fala de innumeras inscripções lapidares em varios Estados do Brasil.

Outros assignalam e descrevem os **caracteres phenicios da pedra** da Gavea; as **riscas** da pedreira da Lagôa Rodrigo de Freitas e, bem assim, a cruz, perfeitamênte traçada e nitidamente visivel nesse rochedo de Copacabana.

Outros, ainda alludem ao busto de **Yurupari**, esculpido no Corcovado e, bem assim, a palavra **Turá**, gravada no Pão de Assucar.

O supersticioso fanatismo, depois de attribuir ao endiabrado Satanaz todas as inscripções glyptographicas do Brasil, entrou a consideral-as obra milagrosa de **santos missionarios de longas barbas brancas**, como S. Thomé, vindos, não se sabe como, das outras bandas do oceano Atlantico, muito antes de Christovam Colombo.

A sciencia exoterica julgou, a principio, esses **incongruentes gatafunhos** "scissuras ou veios naturaes da rocha", destituidos, completamente destituidos, de

qualquer significação e, sobretudo de qualquer importancia scientifica.

Na impossibilidade, entretanto, de manter, por muito tempo, o monstruoso absurdo, em face de provas e argumentos insophismaveis, resolveu mudar de tactica e desandou a póstular a sua origem exotica, ádvena, porque, "a America era o Novo Mundo, descoberto por Colombo, em 1492, e tudo nelle existente veio, com toda a certeza, de fóra, inclusive — digo eu — o proprio continente, a **ilha Brasil,** que, segundo a lenda medieval, fluctuava á flôr das ondas do truculento Mar Tenebroso".

Hoje, porem, ao que parece, já não se pensa deste modo e ninguem, por mais **fanatico** ou **incredulo,** ousará negar que essas inscripções glyptographicas tenham sido traçadas, em épocas remotissimas, por homens autochtonos, aborigenes, originarios da propria America, e, mais ainda, que tenham qualquer significação, qualquer finalidade, qualquer importancia, como acontece nos outros continentes.

O cyclopico trabalho de Bernardo de Azevedo, embora muito eivado das supposições empiricas e fanaticas dos **homens de saber,** dos **homens de fé** e dos **homens d'armas,** como se dizia, antigamente, e "foram os primeiros a pisar o vélho sólo americano", e, sobretudo, a obra magnifica, logica e verdadeira, positivamente scientifica, de Alfredo Brandão, **A escripta pre-historica do Brasil,** em virtude do methodo criterioso e racional, escrupuloso e independente, adoptado, não permittem, absolutamente, que prevaleçam dogmas e sophismas de **sapientes, frades e aventureiros,** que, para justificarem as depredações praticadas, no periodo da conquista, **tudo imaginaram e tudo executaram,** afim de encobrir a cultura e a civilização adiantadissimas dos amerigenos, testemunho tradicio-

nal, historico e scientifico da antiguidade da America e do homem americano.

O trabalho de Bernardo de Azevedo evoca-nos uma phase, relativamente recentissima, da pre-historia brasileira, porem, o livro — as provas verdadeiras e os argumentos logicos de Alfredo Brandão — transporta-nos aos dias mais distantes do continente americano, primeiro emerso do oceano primitivo, como a propria geologia nos demonstra.

De facto, depois de exaltar os valiosos serviços prestados por von Martius, Henri Koster, Ayres de Casal, Koch-Gruenberg, Wallace, Stein; depois de enaltecer as preciosas. contribuições de Regueira Costa, Alfredo de Carvalho, Retumba, Barbosa Rodrigues, Cunha Mattos, Severiano da Fonseca, Sebastião de Vasconcellos, Domingos Jaguaribe, Luciano de Moraes, Gustavo Barroso, Agyone Costa, Estevam Pinto e muitos outros, firmado, finalmente, em pesquisas e observações proprias, chega á seguinte conclusão:

"Desta these de unificação dos póvos antigos, surge o corollario de uma lingua primitiva universal e de uma escripta primitiva universal, tambem, — escripta que foi a mãe de todas as escriptas, de todos os alphabetos modernos; escripta que, a principio, se apresentou como um longo tactear na arte graphica de representar o pensamento; escripta que evoluiu em certas regiões, estacionou em outras, chegando a ponto de desapparecer, como aconteceu entre os nossos aborigenes".

E' a confirmação integral, perfeita, absoluta, através dos glyphos lapidares do Brasil, da evidencia, da racionalidade de tudo quanto tenho resaltado, á luz da logica e da verdade, a proposito da antiguidade da America, do homem americano, da precedencia da

cultura e da civilização amerigenas e, sobretudo, do autochtonismo da raça troncal amerigena.

A paleoepigraphia brasileira e a paleoepigraphia amerigena são, absolutamente autochtonas, aborigenes, originarias do Brasil e da America, berço originario da grande raça troncal que foi a primeira a falar essa lingua primitiva, universal, e a traçar essa escripta, tambem, primitiva, universal, mais tarde, muito mais tarde, levada aos confins orientaes da Asia, que a propalou por todo o mundo, é dahi essa semelhança, essa identidade, **que as fez, por tanto tempo, suppôr phenicias, hebraicas, arabes, gregas ou chinezas.**

"Levantemos, portanto, synthetisa Alfredo Brandão, a these de que os nossos grosseiros riscos de pedra e os caracteres da louça de Marajó, representam uma verdadeira escripta, antiquissima, universal, mãe de todos os systemas, actualmente existentes".

A Sabedoria Integral admitte a unidade primitiva da especie humana e, portanto, a unidade primitiva da raça, da lingua e da escripta não pode constituir e não constitue, de facto, nenhum illogismo.

O ancestral commum surge, successivamente, em cada continente, adaptando-se ás condições mesologicas do **habitat,** e formando um **typo anthropogenico** especial, em cada continente.

A America foi o primeiro continente emerso do oceano primitivo; é natural, é logico, é evidente que tenha servido de **habitat** ao primeiro **typo** que procedeu da adaptação do **ancestral commum** ás condições biogenicas e biologicas do territorio americano, e, portanto, natural, logico e evidente, tambem, que essa raça unica e primitiva fosse a primeira a falar essa lingua primitiva, universal é a traçar essa escripta primitiva, universal.

A escripta succedeu á lingua, mas, evolveu, evolucionou, parallelamente.

A lingua, no seu inicio, é monosyllabica, dissyllabica, trisyllabica e, finalmente polysyllabica.

A escripta é monographica, digraphica, trigraphica e, finalmente, polygraphica.

Passa, tambem, por tres phases distinctas, de accôrdo com a evolução mental da raça: é mnemonica, ideographica e phonetica.

O alphabeto é a ultima phase evolutiva da escripta e, por conseguinte, a systematização, a methodização de symbolos anteriores, aperfeiçoados ou simplificados pela instinctiva lei de menor esforço.

De tudo, que, até hoje, a glyptographia brasileira permittiu averiguar, o Brasil estava na phase da escripta phonetica, quando se verificou o formidavel cataclysma que determinou o inicio da involução anthropologica e ethnologica da raça que o habitava, e **foi transformada nos selvagens,** a quê se refere a historia tão mal contada da nossa terra e da nossa gente.

Alfredo Brandão divide a evolução da escripta pre-historica do Brasil, em dois cyclos: "o cyclo de **ita,** a pedra bruta e o cyclo de **muyrakitã,** a pedra polida".

A classificação é precisa, logica e significativa. Ajusta-se, perfeitamente, á noção ou concepção exoterica das idades pre-historicas.

"O predominio das sciencias magicas, nos tempos antigos, accrescenta o talentoso e erudito archeologo e epigraphista patricio, está hoje cada vez mais demonstrado com a decifração dos textos cuneiformes dos tijolos encontrados nas escavações das ruinas da Babylonia".

A magia, com effeito, foi a Religião-Sciencia de todos os póvos primitivos e pre-historicos da America.

A India, o Egypto e a propria Grecia guardaram por muitos seculos, a reminiscencia desta suprema verdade.

Documentos epigraphicos e archeologicos, encontrados em toda a America pre-colombiana; innumeras passagens ou referencias extrahidas de livros sagrados, como o **Codigo Troano**, o **Popul-Vuh** e o **Chilam Balam de Chumayel** e, bem assim, varios desenhos muraes, baixos relevos, couros pintados, symbolos esotericos, etc., confirmam-na, exuberantemente.

Os homens dessas eras distantes, ao attingirem o fastigio sumptuoso da sua cultura e da sua civilização, não dispunham, certamente, das faculdades caracteristicas dos homens contemporaneos, mas, possuiam outras de que não dispomos, presentemente.

Isto permitte avaliar a differença das suas concepções, das suas idéas, dos seus methodos, dos seus processos e de tudo mais.

Um dos maiores erros dos que estudam esses assumptos pre-historicos é pretenderem julgar os homens desse longinquo passado, observando-os através do mesmo prisma que lhes faculta observar e julgar os homens contemporaneos.

A escripta pre-historica do Brasil foi cosmogonica e theogonica.

O sacerdote, o **karahyba**, o **payé** representou por esse processo os primeiros symbolos dos astros, das energias irradiadas por esses corpos celestes, dos phenomenos que esses luzeiros produziam ou pareciam produzir, no Mundo e na Humanidade.

O Sol, a Lua, as Estrellas, as Constellações, a Luz, o Calôr, o Raio, o Vento, o Trovão, a Nuvem, a Chuva, a Agua, embora percebidos através de outras faculdades, não lhes podiam escapar e, de facto, são os signos, as linhas, os desenhos mais communs que a

glyptographia assignala nos lagedos do territorio nacional.

Todos esses astros e todas as influencias que lhes foram attribuidas eram divindades de varias cathegorias.

A meu ver, esses symbolos astrolatricos, precederam as grutas do culto do vento; as pedras de crisóes **(piedras de tacitas)** do culto do sangue; os altares de pedra do culto do fôgo e os gigantescos templos monolithicos do culto solar, mysteriosos delubros, onde Quetzalcoatl e outros messias amerigenos iniciaram os seus primeiros rituaes solares ou christonicos, origem esoterica do christianismo.

O **Tembetá,** por exemplo, um — T — vulgarmente insculpido, de norte a sul, em varios rochedos do Brasil, e a **Muyrakitã,** um circulo circumscrevendo outro muito menor, representam o Sol e a Lua **(Guaracy** e **Yacy)** o Eterno Masculino e o Eterno Feminino, e conjugados symbolisam o GRANDE ANDROGYNO, o Deus-Pae e Mãe, o Poder Creador, o Fôgo do Céo, a Luz e o Raio — TUPAN.

E' o **Táo** dos atlantes e dos mexicanos; o **Thot-Pan** dos egypcios e dos gregos, que a **cruz phallica** representou e os hierophantes hermeticos, nos cerimoniaes egypcios empunhavam, muito mais tarde, symbolizando **Osiris** e **Isis** que, unidos se transformavam em **Amon-Rá,** o Deus-Sol, o Poder Creador, o Fôgo Divino dos egypcios.

E' **Hermes e Aphrodita** que se vinculam ou se encorporam e formam **Hermaphrodita,** segundo a mysteriosa theogonia da culta e civilizada Grecia, que os recebeu do Egypto, como o Egypto os recebera do Brasil, esse velho Brasil pre-historico.

Rá (representado por um traço que lembra o zig-

zag da faisca electrica) é o raio, o fôgo do céo, o Espirito do Sol — a **Chispa Divina**.

Rá-Ná é o Deus-Sol dos mayas; **Indi-Rá (Indra)** é uma divindade solar dos indianos; **Amon-Rá,** como acabamos de ver, dos egypcios e **Rá-Anga,** dos nossos **tupy-guarany,** descendentes desses póvos primitivos que falaram a lingua primitiva, universal e traçaram essa escripta primitiva, universal, de que Alfredo Brandão nos fala com tanta clarividencia e tanta segurança.

Brasil é um vocabulo dessa lingua primitiva universal, diz o erudito epigraphista patricio.

O symbolo glyptographico, que representa o nome **Brasilan** ou **Brasil,** está insculpido em varias rochas dispersas, de norte a sul, por todo o vastissimo territorio nacional.

Compõe-se do signo de **Rá** (o raio) no centro de um triangulo equilatero, com o vertice para baixo e circumscripto por um triangulo curvilineo, com o vertice na mesma direcção .

Significa **Terra da Luz do Sol, Terra da Luz** ou **Térra do Sol**.

Esta interpretação, que não contraria nem se afasta dos methodos communs adoptados para a solução de problemas identicos, revela que **Brasil** é uma palavra pre-historica e, sobretudo, amerigena, facto que confirma a lenda medieval da **Ilha Brasil** e revigora o axioma geologico de Lund: "O planalto central brasileiro foi a região do glôbo que primeiro emergiu do pelago universal".

Phantasia. Superstição. Devaneio. Estas palavras foram repetidas, varias vezes, no tempo em que Champollion iniciou as aturadas pesquisas e as constantes lucubrações, que facultaram a decifração integral dos impenetraveis hieroglyphos egypcios.

Apesar disto, porem, desse **mare magnum** de

phantasias, superstições e devaneios, emergiu, precisamente, o effectivo Egypto, muito diverso, muito differente do falso Egypto que os doutos cathedraticos das Universidades Européas, da época, postulavam á ignorancia fanatica dos discipulos e ao pasmo caracteristico dos proprios contemporaneos.

Deus illumine os perseverantes e abnegados interpretes das **itaquatiara** insculpidas nos rochedos do nosso territorio, afim de que, das suas "phantasias, superstições e devaneios", surja, finalmente o effectivo Brasil, muito diverso, muito differente do falso Brasil, que, dogmatica e sophisticamente, o **egocentrismo estrangeiro** e o **snobismo nacional** pretendem suggerir.

O Brasil real, o Brasil verdadeiro que a geologia, a paleogéographia, a paleoanthropologia, a paleontologia, a ethnogenia, em summa, já objectivaram, scientificamente, através das provas mais positivas e evidentes, dos documentos mais idoneos e 'authenticos, dos tesiemunhos mais eruditos e fidedignos.

O Brasil — região mais antiga do mundo — que Lund, Pedberg, von Martius, Rath, Brenner, Hartt, Gerber, von Koseritz, Trajano de Moura, Pinheiro Bittencourt, Aurelio Porto e tantos outros, revelaram, erudita e honestamente, na logica e na verdade das suas axiomaticas e notorias conclusões.

VII

MUYRAKYTAN
e
TEMBETA'

Ao prezado irmão ARTHUR GUIMARÃES — homenagem fraternal.

A **muyrakytan** não é, nem nunca foi, o nome tupy-guarany do feldspatho laminar verde — **nephrita** — cuja inexistencia, no Brasil, fanaticos e interessados em negar o autochtonismo das raças amerigenas propalaram, intencionalmente, mas, cujo encontro abundante e commum de symbolos ou talismans manipulados desta substancia mineral, sobretudo, nas regiões septentrionaes do amplo e, ainda, mysterioso territorio brasileiro, permittiu a denominação de "pedra verde amazonense".

Esta mistura isomorpha de silicatos, entre os nossos aborigenes, tinha o nome de **itaobymbaê,** vocabulo que significa pedra verde.

Muyrakytan, portanto, não é a materia de que eram manufacturados esses emblemas ou amuletos sagrados — o **lapis nephriticus,** como, tambem a denominam — é a designação do pequeno disco de **nephrita,** perfurado no centro, que os aborigenes embutiam no lobulo da orelha, e, bem assim, da divindade de um culto antiquissimo, pre-historico, professado pelos primitivos e mais antigos habitantes do Brasil, na phase longiqua do fastigio da sua cultura e civilização extraordinarias, culto, deturpado ou corrompido, na phase da sua decadencia, propositadamente exaggerada, por catechistas e conquistadores.

Já tive ensejo de assignalar e, quiçá, demonstrar que o véo de mysterio que envolve, ainda hoje, a pre-historia americana, só poderá ser corrido ou levantado por quem conheça, pelo menos, alguns rudimentos de Sabedoria Integral, a Sciencia Esoterica do Passado, a Magia, radiante pharol qué norteou a mentalidade dos póvos mais antigos, seres que, não dispunham, certamente, das faculdades caracteristicas do homem contemporaneo, porem, possuiam, innegavelmente, outras "mais compativeis com o **dharma** e o **karma** da raça", como dizem os indianos, faculdades que se atrophiaram ou extinguiram, na maioria dos homens de nossos dias.

Sem este conhecimento, por mais superficial ou perfunctorio, as provas, os documentos, os testemunhos mais evidentes ou mais importantes, elucidativos, positivamente elucidativos de verdades precipuissimas, não passarão, aos olhos dos mais competentes ethnologos, de absurdos ou inverosimilhanças, "superstições ou mentiras artificiosas", attestados, em summa, de absoluta ignorancia ou completo desequilibrio mental, como a orthodoxia costuma diagnosticar, embora, consciente ou inconscientemente, adopte e pratique, a todo o momento, muitas dessas superstições ou mentiras artificiosas, como nos casos de asphyxia dos recem-nascidos, em que os medicos sopram na bocca das pequenas victimas, ou, relativamente, ás chamadas **glandulas endocrinas,** "centros de energia psyco-physiologica de que se irradiam os **chacras**", como ensinaram os **mahathmas** e os **yogis** aos primeiros sabios do Occidente, que visitaram a India, e, no seu classico egocentrismo, embora deslumbrados, "riram ou affectaram não prestar a minima attenção a semelhantes devaneios".

Esses "devaneios", essas futilidades, essas provas

de absoluta ignorancia são, hoje, na culta e civilizada Europa, um luminoso raio de sol, dissipando as trevas que envolviam muitos casos pathologicos, que a sciencia exoterica não conseguia precisar, e facultou aos sabios do Occidente o conhecimento da modernissima sciencia, cuja invenção apregoam e denominam **endocrinologia**.

Mas, é preciso accrescentar: essa admiravel Sabedoria Integral — synthese de religião, philosophia e sciencia — não foi importada da Asia, da Africa, da Oceania ou da Europa; originou-se na America, e, em face dos axiomas geologicos de Lund e das interpretações glyptographicas de Alfredo Brandão, na America do Sul, na secção de crôsta do planeta, primeiro emersa do pelago primitivo — o planalto central brasileiro.

Um sem numero de referencias constantes de narrativas tradicionaes, lendas antiquissimas, inscripções rupestres, symbolos de todos os generos, encontrados, de Norte a Sul, por todo o immenso continente americano, como assignalam Scott-Elliot, Le Plongeon, Brasseur de Bourbourg, Girgois, Miguel Triana, Rodolpho Simch e muitos outros, provam, exuberantemente, que essa vetusta Sabedoria Integral, foi o secreto conhecimento, os Mysterios Sagrados — a **Tuyabaé-Cuaá**, como diziam os tupy-guarany — a noção exacta das cousas divinas e humanas que inspirou, desde as eras mais longiquas do mundo, os **mennes**, os **thins**, os **amautas**, os **huilcas**, os **karahyba** e os **payé** os mais antigos sacerdotes da America pre-colombiana.

Muyrakytan, portanto, é o nome de uma divindade, de um symbolo, de um amuleto ou talisman poderosissimo, porque, por mais futil e ridiculo que considerem o **poder occulto desses fetiches**, devo assigna-

lar que se trata de uma incontestavel realidade scientifica, verificada e sanccionada pela propria sciencia exoterica, quando reconhece "os prodigios psycho-physiologicos da suggestão" — a **hypnose** — **que,** como a endocrinologia, julgam magnificos trophéos das suas victoriosas conquistas contemporaneas.

E' uma **itapossanga,** affirmam os **payé,** isto é, uma pedra que possue predicados supranormaes, como, a proposito de outras pedras, ensinaram os therapeutas, os theúrgos, os hierophantes, os yogis, os iniciados, os sacerdotes indianos, egypcios, gregos, romanos, gaulezes, germanos — oraculos ou mentores, manús ou messias de póvos, cujas culturas e civilizações a sciencia exoterica sublima ou exalça, a cada instante.

As pedras de raio (aerolithos), as concreções ou calculos formados nos orgãos de varios animaes (ambar, pedra amarella encontrada nos intestinos de cetaceos, hippolitho, nos intestinos dos cavallos), a pedra philosophal, a pedra de cevar, o iman, o **electron** e as proprias pedras preciosas, sempre gozaram, entre os póvos mais antigos, de todas as épocas, de virtudes e propriedades extraordinarias ou maravilhosas.

Ainda hoje, ostensiva ou disfarçadamente, muitos espiritos fortes ou livres pensadores as trazem nos dedos das mãos ou pendentes de trancelins, sob o luzente peitilho da camisa, symbolo da cultura e civilização européas, como diria o irreverente ironista contemporaneo que se chama Bernard Shaw.

Varios lexicógraphos de nomeada têm alludido á etymologia do vocabulo **muyrakytan;** estrangeiros e nacionaes.

A maioria, confundindo o nome do mineral com a designação do amuleto ou talisman ou, ainda, a de-

signação da divindade, opina que é uma palavra **tupy-guarany,** composta de **muyra,** madeira, e **kytan,** nó, e significa, portanto, nó de madeira, porque, de facto, accrescentam alguns, "essa pedra verde apresenta veios mais claros, quasi brancos, que fazem lembrar os nós de certas madeiras. Alem disto é durissima, como acontece ás madeiras nodosas".

O veterano Antonio Ruiz Montoya, no seu famoso **Thesouro da Lingua Guarany** e, mais tarde, na sua não menos famosa **Arte da Lingua Guarany,** denomina-a **ibirakytan,** isto é, uma palavra composta dos termos **ibira** e **kytan,** que significam, respectivamente, páo e nó, de onde conclue que significa nó de páo.

Von Martius graphou o vocabulo do seguinte modo: **muira-quitá,** dando-lhe a mesma significação.

Theodoro Sampaio, alem de graphal-o de maneira differente, empresta-lhe origem, significação e finalidade, discrepantes, em absoluto, da opinião commum dos ethnologos que estudaram o assumpto.

Mirakitã ou **myrakitan,** diz o autor d' **O tupy na Geographia Nacional,** compõe-se de dois vocabulos — **mira** ou **myra** ou, ainda, **murá** ou **muirá** que significa gente, pôvo, e **kitã** ou **kitan** que quer dizer botão, caroço e nó e, portanto, significa botão de gente. "E' um distinctivo hierarchico dos chefes, entre os indigenas do Brasil".

Barbosa Rodrigues, cujos notaveis serviços á ethnographia nacional são por demais conhecidos, no seu precioso livro, que tem ,justamente, o titulo de **Muyrakitan** presume a inexistencia de jazidas de nephrota no Brasil e, quiçá, na America, baseado no facto de não terem sido encontrados **indicios positivos** dessas jazidas, no territorio americano, (facto que pode originar-se de muitas outras causas, inclusive a imprecisão das pesquisas realizadas) deduz que esses

amuletos ou talismans de **itaobymbaê,** manipulados e usados pelos nossos aborigenes, vieram de muito longe — das minas, talvez, do Turquestan — unica região do mundo, onde a opinião infallivel dos mineralogistas europeus admittia a existencia ou a origem da **pedra verde amazonense.**

Sem a velleidade ou a intenção de conquistar o **panache** dessa infallibilidade, caracteristica dos **donos da sciencia,** os "sabios do Velho Mundo", os quaes, da commodidade dos seus gabinetes, tudo pontificam a proposito dos mysterios da pre-historia americana, devo salientar, que, depois dos trabalhos de Holmes, relativos a um dos exemplares mais antigos da archeologia americana — uma estatueta, justamente, de nephrita , representando uma ave marinha, das zonas arcticas; — em face das investigações de Meyer, que affirma, cathegoricamente, o encontro de jazidas de nephrita na Asia, na Oceania e na America, sobretudo, no Territorio de Alaska, desde os tempos mais remotos; e, bem assim, da abundancia de artefactos da referida **pedra verde amazonense,** no Mexico, no Perú e no Brasil, em todos os paizes da America do Norte e do Sul, não é razoavel, não é licito aceitar como um dogma, um **tabú** inviolavel, os corollarios dos que se baseiam em provas tão instaveis.

O facto, assignalado, de não terem sido descobertas jazidas de nephrita, no territorio americano, como resaltei, pode proceder muito bem da impericia dos investigadores ou da imperfeição dos methodos ou processos, e até das regiões ou profundidades em que teriam sido procuradas.

Alem do classico e proverbial descaso votado a estes assumptos, não é sophisma alludir ao sectarismo e, sobretudo, ao fanatismo que influem, norteiam ou presidem semelhantes conclusões.

Essas minas, por demais exploradas, podiam estar exhauridas, na época da conquista, ou terem sido occultadas pelo samerigenos aos estrangeiros, por varios motivos esotericos ou religiosos, afim de evitar a profanação do manancial de onde extrahiam a preciosa substancia em que moldavam os seus symbolos sagrados.

Milhares e milhares de **mysterios,** deste genero, existem, ainda hoje, por todo o territorio americano, totalmente velados aos cem olhos de Argos da sciencia européa.

Estudando o problema, á luz da etymologia, Barbosa Rodrigues affirma que **muyrakitan** se compõe de dois termos tupy-guarany: **muyra** e **kytã,** páo e nó e dá-lhe a significação de nó de páo.

Ladisláo Netto, refere-se, tambem, á **muyrakytan,** mas, diverge, em absoluto, da opinião commum.

Para o erudito archeologo patricio, o symbolo divino do culto professado pelos mais antigos habitantes do Brasil pre-historico, significa "pedra do chefe".

Alfredo Brandão, cujos conceitos sobre o assumpto admiro e são, realmente, dignos de todo o acatamento, decompõe o vocabulo **muyrakytan,** de maneira diversa.

Para o eminente autor d' **A Escripta Prehistorica do Brasil,** esta palavra constitue-se de etymos da lingua original primitiva, falada pelo pôvo mais antigo da America, o qual habitou a região que primeiro emergiu das aguas oceanicas — o Brasil.

"**Muyrakytã** decompõe-se em **mú,yara,ky** e **itá. Mú** dá a idéa de mar ou agua; **yara** e **ky,** de pessoa, ser, e **itá,** pedra. Portanto, a traducção literal seria: imagem ou représentação, em pedra, da senhora do

mar ou da agua, ou então, simplesmente, deusa do mar ou das aguas".

A meu ver — digam o que quizerem — é a interpretação mais compativel com a logica e a verdade, a tradição e a historia, a sciencia e tudo que se sabe, realmente, desse passado remotissimo da America.

Falo, deste modo, com esta franqueza ou desassombro, porque, procurando, tambem, devassar, através dessa treva compacta, dessa nuvem de mysterio que, ainda, envolve a pre-historia americana, guiado por um sem numero de provas, documentos e testemunhos que a evidente e positiva analogia das crenças e dos conhecimentos — **Mysterios Sagrados,** etc. — dos aborigenes do Brasil com as crenças e conhecimentos dos póvos de outros continentes, cujos archivos mais modernos permittiram elementos mais concludentes e elucidativos, pude colligir que **muyrakytan** ou melhor, **murayarakytan,** que, por effeito de natural agglutinação, se transformou em **muyrakytan,** compôz-se, originalmente de tres palavras desse **abanheenga,** lingua do homem pre-historico ou primitivo do Brasil, isto é, **mura,** mar ou agua; **yara,** senhora ou deusa, e **kytan,** botão de flôr ou capulho, e traduz a seguinte expressão hieratica: Senhora ou Deusa que floriu ou nasceu do mar ou das aguas.

Muyrakytan, portanto, é a Deusa que os romanos chamaram **Venus** e, conforme o velho mytho latino, nasceu ou se gerou da espuma das ondas do mar; os gregos, denominaram **Aphrodita;** os egypcios, **Isis;** os indianos, **Yone;** e os tupy-guarany, **Yacy,** na phase do fastigio da sua cultura e da sua civilização.

E', ainda, a **Asiartéa** ou **Tanit** dos phenicios e dos carthaginezes; a **Diana,** dos romanos; a **Arthemisa,** dos gregos; a **Freyer** ou **Thridi** dos nordicos da Europa; a **Ogh-Am,** dos gaulezes; a **Kila** dos quichuas;

a **Maya** dos mayas, etc., todas symbolizando a Fecundidade Feminina, o Eterno Feminino, a NATUREZA.

E' a Lua, que, como ensinam as velhas theogonias amerigenas, "impera ou actua sobre todos os liquidos, inclusive o sangue".

E' a **Yara,** a Mãe d'Agua, ou **Yacy,** como já disse, a Lua; **Pomona,** a Mãe dos Fructos, a fonte geratriz dos vegetaes.

Esse pequeno disco de nephrita, perfurado no centro, representa, por sua vez, o sexo feminino, a parte exterior do apparelho genital da mulher.

E', tambem, o emblema sagrado ou divino do disco lunar e a série de circulos concentricos produzida pelo choque dé um objecto solido na superficie das aguas, ondulações mais visiveis, á noite, quando batidas pelos reflexos argenteos do plenilunio.

Muyrakytan, quando emergia ou submergia nas profundidades inescrutaveis dos seus santuarios subaquaticos, deixava, invariavelmente, na superficie tranquila dos lagos, o **signo enigmatico**.

Os pescadorês aborigenes que não se deixavam fascinar pela musica suggestiva da sua voz, o ouro solar da sua basta cabelleira, a brancura lunar da sua tez setinosa, conheciam esse caracteristico redemoinho, a que chamavam **yerê.**

Na propria lenda da **Muyrakytan** encontram-se todos os elementos necessarios á confirmação destas palavras.

As **ikannyaba** (mulheres privadas de seios e virgens do contacto masculino) as **amazonas,** belligeras vestaes, sacerdotizas de um culto vedado aos homens, eram as unicas creaturas humanas que sabiam ou podiam moldar ou manipular esses symbolos ou talismans sagrados. Só ellas tinham o privilegio de conhecer os lugares onde existiam as jazidas ou minas

de **itaobymbaê,** a mysteriosa pedra verde, e só ellas sabiam ou podiam mergulhar e descer a esses lugares "de onde os outros mortaes não conseguiam tornar vivos".

Era, precisamente, no silencio das noites prateadas de luar, isto é, na época em que a Lua exercia a maior influencia sobre as aguas do lago, que as **ikannyaba** penetravam, attingiam as mais profundas mansões, onde reinava **Muyrakitan,** e ahi colhiam a **argilla verde,** essa **substancia magmatica,** isto é, o **itaobymbaê** em estado malleavel, em consistencia plastica, e moldavam ou manipulavam os pequenos discos symbolicos da poderosa **Deusa das Aguas,** os quaes expóstos á luz do sol — **Guaracy** — adquiriam essa extraordinaria rigidez que levou von Martius a escrever que "a vida de um aborigene seria insufficiente para executar qualquer trabalho em substancia tão dura".

Um dos mais celebres palúdes, onde **Muyrakytan** imperava e as **ikannyaba colhiam** o mais famoso **itaobymbaê,** tinha o nome significativo de **Espelho da Lua.**

Os amuletos ou talismans de nephrita, symbolizando **Yara** — a Mãe d'Agua — **Yacy** — a Lua — o Eterno Feminino, a Natureza, existiam, em notavel abundancia, na época da conquista.

As **muyrakytan** eram verdes, porem, ora mais claras, ora mais escuras; mais azuladas ou mais amarelladas. As que apresentavam bêtas ou veios brancos, lacteos, eram, justamente, as mais procuradas.

Conservavam, sempre, o mesmo formato symbolico, mas, em outros tempos, nos dias aureos do fastigio da raça, só as mulheres as traziam e, exclusivamente, no lobulo da orelha esquerda.

Era um talisman feminino e os seus predicados ou

effeitos occultos, restrictos ás condições e necessidades do sexo feminino. Mais tarde, entretanto, as suas virtudes divinas ou hieraticas transformaram-se em propriedades thêrapeuticas, e o seu uso generalizou-sé na mais completa promiscuidade. Homens e mulheres, indistinctamente, as traziam tanto no lobulo da orelha esquerda, como no lobulo da orelha direita e, bem assim, no labio inferior.

Debellavam innumeras enfermidades, afastavam todos os males e attrahiam os proveitos mais ambicionados.

Assignalavam os toxicos occultos nas pedras, nas plantas, nos animaes e nos proprios seres humanos; fossem esses venenos moraes ou materiaes — psychicos ou physicos.

Eram consideradas um escudo, um broquel divino contra todo e qualquer maleficio; gozavam de um **grande poder magico** e, deste modo, eram um prodigioso **porte-bonheur,** como a cultura e a civilização européas permittem denominar.

A **muyrakytan** teve o seu equivalente masculino no **tembetá, "fetiche de pedra verde,** que os **indios** usavam", como disseram os mais abalizados e competentes pesquisadores dos mysterios da pre-historia brasileira.

Era um — **T** — tambem, de nephrita, que os aborigenes traziam pendente do labio inferior, perfurado de modo a deixa, introduzir a haste vertical déssa pequena e verdadeira cruz.

Era um symbolo phallico. Representava, por sua vez, uma Divindade Antiquissima; o Poder Creador, o Principio Fecundante, a Virilidade, o Eterno Masculino.

Era o Fôgo do Céo, o Raio, a Luz e o Calôr, as energias creadoras e conservadoras do Universo, que se constituia dos quatro elementos — fôgo, ar, agua e

terra — conforme a alchimía perpetuou e symbolizou por um quadrado perfeito, dividido, exactamente, por duas linhas transversaes, formando a cruz, que, desde os tempos mais recuados representa a Materia.

Symbolizava o Sol, origem da Luz, do Calôr e, portanto, da propria vida.

Era o Deus-Sol; o **Guaracy,** dos tupy-guarany; o **Tonatiuh,** dos toltecas; o **Rá-Ná,** dos mayas; o **Inti,** dos quichuas; o **Indra,** dos indianos; o **Ormuzd,** dos médo-persas; o **Osiris,** dos egypcios; o **Phébo,** dos gregos; o **Apollo,** dos romanos; o **Christo,** dos hebreus; o **Chrestos** (o bom) da heliognose dos antigos póvos da Grecia.

Na glyptographia pre-historica do Brasil surge insculpido nos mais antigos rochedos do territorio nacional, sob a forma de um — **T** — origem, certamente, da cruz e do — **T** — de todos os alphabetos antigos e contemporaneos.

Tembetá, diz a maioria dos lexicógraphos que estuda o assumpto, é um vocabulo tupy-guarany, composto de **tembé,** labio, e **itá,** pedra, e quer dizer pedra do labio .

Alfredo Brandão que não se limita a repetir archaismos, intencionalmente engendrados, para justificar idéas preconcebidas, escreve o seguinte:

"A palavra **tembetá,** primitivamente, talvez fosse **temubeitá (tê** — Deus, **mú** — o abysmo do espaço ou do mar, **beitá** — pedra; portanto, a traducção literal será — Deus do mar feito de pedra".

E' justa, logica ou exacta a interpretação do eminente ethnologo patricio?

Não me sinto com autoridade bastante para dar uma resposta, que, conscientemente, julgo das mais difficeis.

Os obstaculos levantados, aos que intentam a so-

lução do problema, são, na maioria das vezes, verdadeiros labyrinthos.

Basta recordar que o idioma tupy-guarany, como tudo no Brasil, padeceu os autos de fé do mais inexoravel **Tribunal do Santo Officio:** a ignorancia, o fanatismo e as conveniencias do invasor estrangeiro.

A prosodia e a graphia de seus vocabulos soffreram a influencia directa e nociva das linguas de cada um dos conceituados lexicógraphos que pretendeu organizar os glossarios mais famosos e fidedignos.

Os hespanhoes, os portuguezes, os francezes, os inglezes, os allemães ou hollandezes pronunciaram e escreveram os mesmos vocabulos de modos tão diversos que os disvirtuaram, completamente.

A confusão babelica, decorrente deste facto, é notoria e pode ser constatada a todo o momento.

O — J — hespanhol, o — J — allemão e o — J — portuguez, tão differentes nas respectivas pronuncias e empregados em vez de — I —, determinaram innumeras confusões, ainda hoje, assignaladas.

O — I — inglez e, bem assim, o — U — francez não occasionaram menores prejuizos aos mais escrupulosos pesquisadores estrangeiros e nacionaes.

A troca de varias letras, como por exemplo, do — I — pelo — J —; do — L — pelo — R — e do — B — pelo — V — crearam ou determinaram entraves que não permittiram aos mais abalizados a justa ou exacta interpretação pesquisada.

Alem de tudo isto, ha diphtongos e syllabas compostas, no tupy-guarany, como **mbá, mbé, mbi, mbó, mbú,** grupos foneticos, sem equivalentes no hespanhol, portuguez e outras linguas européas, que foram, profundamente alterados.

Mbará, que significa mar, foi pronunciado e escripto da seguinte maneira: **bará, mará, pará,** etc.

Por ahi é facil avaliar quão penosa e, sobretudo, incerta tem sido a derrota, a tentativa dos que se aventuram a navegar por mares, dessa maneira, inçados de syrtes tão perfidas e temerosas.

Trabalhador desta seára, em que procuro, á luz da logica e da verdade, separar o jôio do trigo, não escondo as minhas duvidas e confesso, nobremente, os meus constantes desalentos.

Isto, entretanto, não me inhibe de alludir ou revelar os resultados, por mais insignificantes, das minuciosas pesquisas que venho realizando, ha tanto tempo, neste sentido.

De tudo, com effeito, que me foi dado apurar, penso que o vocabulo **tembetá,** originariamente, **tembaéitá,** se formou de **tê,** o — **T** —, signo glyptographico da cruz, entre os aborigenes pre-historicos do Brasil, **mbaé,** objecto ou cousa, e **itá,** pedra, e pode ser traduzido pela expressão hieratica: Cruz feita de pedra.

Não me affastei dos methodos adoptados pelos mais idoneos e competentes lexicócraphos e ethnógraphos e, se as suas interpretações mereceram acolhimento, a minha não pode ser repudiada **a priori,** sem o necessario exame, tanto mais quanto, surgem a confirmal-a, como acabamos de ver, provas tradiccionaes, historicas e scientificas.

A **muyrakytan** e o **tembetá** conjugados, isto é, o — T — e o — O — unidos, symbolizam **Tupan;** o Deus Unico, o Deus Supremo, o **Grande Androgyno,** das mais antigas concepções theogonicas dos póvos mais antigos da América pre-colombiana.

Na India foram **Lingam** e **Yoni;** no Egypto, **Osiris** e **Isis;** na Grecia, **Hermes** e **Aphrodita (Hermaphrodita);** em Roma, **Mercurio** e **Venus;** no Brasil pre-cabraliano, **Guaracy** e **Yracy,** vinculados para os Grandes Mysterios da Creação.

Foi representado nos rituaes mais antigos, na America, na Asia, na Africa, na Oceania e na Europa, pela **Cruz Phallica,** em que apparecem o — **T** — symbolizando o Eterno Masculino, o — **A** —, o Eterno Neutro, e o — **O** —, o Eterno Feminino, e formam a palavra sagrada TAO, o Eterno Poder Creador.

Esse TAO foi levado pelos aborigenes da America aos aborigenes da Asia, que o adoptaram sob a mesma denominação; aos egypcios, que o veneraram sob o nome de **Thôt;** aos hebreus, sob o nome de **Thiah;** aos gregos, sob os nomes de **Theo** ou **Zeus;** aos romanos, sob o nome de **Deus;** aos gaulezes, sob o nome de **Tah;** aos germanos, sob o nome de **Thor,** todos, porem, recordando **Tupan (Táo, Téo, Theo** ou **Thôt-Pan)** o Deus Unico, o **Grande Androgyno** da mais primitiva concepção theomytica ,ou theogonica do pôvo pre-historico que primeiro surgiu na região mais antiga do mundo.

Todos, absolutamente todos, evocando TUPAN, vocabulo **nheengatú** — a lingua sagrada dos tupy-guarany, compôsto de **Tu,** rumôr, estrondo, e **pan,** bater, malhar, gênese, por sua vez, de **Tezcalipóca, Tubal-Cain, Zeus, Jupiter, Vulcano, Jehovah, Dyaus-Piter** — o DIVINO FERREIRO brandindo e acutilando com o **sagrado martello a sagrada bigorna,** incude olympica, onde "o **Deus dos Deuses** amólda a substancia ignea com que faz, desfaz e refaz o Universo".

VIII

A ave nas crenças, nos conhecimentos e nos costumes dos aborigenes do Brasil.

Ao prezado irmão LUIZ NEVES – grato pelo seu precioso concurso.

O principio de fixidez das connexões, que levou Saint-Hilaire a formular a sua **theoria dos analogos,** é uma das concepções mais antigas que illuminaram o cerebro do homem .

Desde as eras mais remotas o encontramos presidindo ou norteando os seus conhecimentos religiosos, philosophicos e scientificos.

Os amerigenos, os póvos que se originaram e habitaram a America pre-colombiana, nelle alicerçaram a sua crença, a sua sabedoria e "todos os mysterios divinos e humanos que os seus sentidos permittiram alcançar".

Mas, não foram os nativos da America os unicos a adoptarem este methodo ou systema que lhes facultou a percepção de tão maravilhosas verdades.

Os póvos da India, do Egypto, da Grecia e de Roma, que, mais tarde, refletiram o explendôr magnifico da sua cultura e civilização, póvos, cujas capacidades superiores nos habituamos a exaltar com tanto enthusiasmo, fizeram da theoria dos analogos o roteiro que os conduziu ao conhecimento das causas primeiras e dos primeiros principios.

A lei dos semelhantes, quer no Oriente Asiatico, quer no Occidente Europeu, foi, sempre, um radioso

pharol a conduzir os nautas que mais se aventurararm através dos mares nunca dantes navegados da Sabedoria Integral, a Sciencia Antiga.

"O que está em baixo é analogo ao que está em cima", disseram os **yogis** da India e os hierophantes do Egypto, e repetiram, por muitos seculos, os sabios da Grecia e de Roma.

"O homem é uma synthese, uma perfeita miniatura do Universo", accrescentaram esses pioneiros do saber humano.

"O infinitamente pequeno é analogo ao infinitamente grande", affirmam os interpretes mais antigos dos "arcanos profundos da Natureza".

"Deus fez o homem á sua imagem e semelhança", propagam, ainda hoje, os que se dizem fieis traductores das palavras sagradas, mythicas ou symbolicas, attribuidas a Moysés.

Em todo o periodo aureo da Alchimía e da Espagíria encontramos estas sentenças na totalidade ou maioria dos alfarrabios que escapou ás chammas devoradoras das fogueiras inquisitoriaes.

Os atomos são astros e os astros são atomos, verificaram os contemporaneos, que, á luz da relatividade, no silencio dos seus modernos laboratorios, analysaram a materia, desde a cohesão maxima á maxima dihesão das suas particulas elementares.

Os aborigenes do Brasil pre-historico, no cyclo ascendente da sua evolução, tiveram a intuição desta grande verdade, revelam todos os indicios que, apesar do **delenda Carthago** dos catechistas e dos invasores, lograram perpetuar através dos seus mythos, das suas inscripções glyptographicas, dos seus signos, dos seus symbolos, dos seus monumentos archeologicos, por mais raros e, quasi inteiramente, destruidos pelos millenios da sua remotissima existencia.

Todos os seus actos individuaes ou collectivos, a sua vida, eram pautados ou inspirados pelos conhecimentos decorrentes deste principio, deste criterio analogico.

Os aborigenes do Brasil eram incapazes de comer a carne do **ahi,** a preguiça, porque, certamente, "adquiririam a morosidade, a indolencia caracteristica do famoso desdentado".

O encontro do **guiratinga** — passaro branco — a garça, era um grato signal de victoria ou de felicidade. O encontro do **guirauna** ou **guarauna** — o passaro preto — a graúna dos nossos sertanejos, um prenuncio aziago de insuccesso ou de infortunio.

O preto, por analogia, era indicio do Mal e o branco, ao contrario, do Bem.

Os ingredientes vermelhos eram empregados para debellar as enfermidades do sangue; os verdes, as molestias dos rins ou do figado; os amarellos, as doenças da vista e da cabeça e, assim, por deante.

Ignorancia? Selvageria? Superstição? Seja o que fôr ou seja o que pretenderem; era deste modo que agiam os therapeutas mais acatados, entre os pópvos, cujas culturas assignalamos — indianos, egypcios, gregos e romanos.

A Alchimía e a Espagiria, nos dias gloriosos das suas grandes conquistas, se não adoptavam processos, absolutamente identicos, não se afastavam muito deste famoso paradigma.

As obras de Franz Hartmann, que nos falam dos homens e da sabedoria desse tempo, não contestam a exactidão rigorosa destas palavras.

De todas estas "superstições", como asseguram os fidedignos chronistas, autores infalliveis dos **documentos authenticos,** em que se louvam os nossos austeros e circumspectos historiadores, nasceu, certamente, a

theoria dos symbolos, a symbologia archaica que serviu, pelo menos, para perpetuar, através de periodos chronologicos, immensuraveis, as provas, os documentos, os testemunhos, reputados sem valôr, mas, de uma authenticidade que não pode escapar a quem estude estes assumptos á luz da logica e da verdade.

Se o **ahi** e o **jaboty** symbolizavam, respectivamente, a morosidade e a perspicacia, o **yauara** — a onça — symbolizava a força muscular, o **suassú** — o veado — a rapidez, o **cará-cará** e o **nacauan,** dois typos caracteristicos de gaviões, representavam a sabedoria, porque "viam ou attingiam seres e cousas que escapavam á visão dos outros".

Desta convicção originou-se, por sua vez, o respeito, o culto ou a veneração que os aborigenes do Brasil e, quiçá, de toda a America, dispensavam ou rendiam á maioria das aves.

De facto, quem attente ou analyse, com isenção de animo, essas "ridiculas crendices, esses nocivos preconceitos", como é commum classificar, verificará que, no Brasil pre-historico, a ave, que não representa uma Divindade, é um **avatar** ou, pelo menos, um mensageiro dessa Divindade .

E não podia ser de outro modo, porque, a ave, a côr das suas pennas, a tonalidade e o rythmo do seu canto, a maneira caracteristica do seu vôo impressionaram, sempre, a humanidade, selvagem, barbara, culta ou civilizada, desde os dias mais longinquos da Terra.

A volubilidade dos seus movimentos, a leveza das suas attitudes, o matiz polychromico da sua plumagem, a rapidez impetuosa ou a placidez magestosa do seu vôo, a maneira elegante com que destende as asas, pairando no espaço, a velocidade incrivel com que attinge as mais extensas distancias e as mais su-

blimes alturas na amplidão olympica do céo, este céo azul, immenso, infinito, onde moram Tupan e toda a sua côrte; as mais ineditas e mais bizarras modulações do seu canto, desde o grito metallico e estridente da **araponga** ao lamento saudoso e plangente do sabiá, nada, absolutamente nada, escapou á attenção e á observação desses póvos portadores de percepções, sentidos e faculdades muito diffeerntes das percepções, sentidos e faculdades que caracterizam os póvos contemporaneos.

A longevidade das aves, as suas verdadeiras prophecias, annunciando phenomenos meteorologicos, o seu instinctivo e incontido amôr á liberdade, a sua indomita coragem, as suas periodicas migrações aos paizes mais longinquos, o seu heroico sentimento maternо, a sua clarividente vigilancia, o amoroso carinho dos seus idyllios foram a fonte inexgottavel das lendas e narrações poeticas e emotivas, lyricas e heroicas, epicas e elegiacas, gênese theomythica ou theogonica das mais antigas concepções religiosas dos póvos mais antigos do Brasil pre-historico.

Em varios rituaes, ceremonias ou solemnidades litúrgicas apparecem em varias imagens, em symbolos. alfaias e paramentos religiosos, desde esse relampago de pennas scintillantes que é o beija-flôr, a esse temporal, archipotente **Hurakan,** que agita as camadas aereas do espaço, o condôr, o symbolo cyclópico dos póvos andinos.

Mas, não é só no Brasil ou na America que são registrados indicios nitidos e indeleveis desta verdade.

Na Asia, na Africa, na Oceania e na Europa encontramos a ave figurando em todas as theogonias ou mythologias, como foram denominadas as mais sublimes concepções religiosas do passado.

Jupiter, o Deus dos Deuses, dos gregos, um dos

póvos mais cultos e civilizados do planeta, transforma-se em cysne para conquistar o amôr de Leda que põe dois ovos de que se geraram Castôr e Pollux.

Em Roma, que reflectiu a cultura e a civilização gregas, como a Grecia reflectira a cultura e a Civilização egypcias, a aguia foi consagrada a Jupiter; a coruja, á Minerva; o pavão, á Juno; o gallo, a Marte; a pomba, á Venus, etc.

Os ornithóscopos ou ornithomantes gregos e os áugures romanos deduziam as suas celebres prophecias, os seus acatados prognosticos do exame das entranhas das aves, do seu vôo, do seu canto, do seu silencio, e, ainda, do numero de aves de que se compunha o bando analysado.

A côr das pennas era, tambem, signal de bom ou máo agouro. As aves brancas, pretas, azues, vermelhas, vêrdes ou amarellas tinham significações, absolutamente diversas.

Ainda hoje, na culta e civilizada Europa, encontramos notaveis reminiscencias dessas **superstições ou crendices**.

A arte, na sua maravilhosa symbologia, prova, a cada instante, através da estatuaria, da pintura, da musica, da dansa e da poesia, o culto e a veneração da ave. Nos proprios templos catholicos encontramos a pomba symbolizando o divino Espirito Santo. O gallo defronta a cruz, no zimborio das mais hieraticas cathedraes.

O **Voc,** entre os mayas, annunciava o temporal: era a ave consagrada a **Hurakan,** o Deus do Vento, a Respiração do Cosmo, o Alento Vital.

A arara vermelha — **arapitan** — entre os tupy-guarany, symbolizava o Sol; era consagrada a **Guaracy,** a luz e o calôr, a origem dos seres vivos.

O **uítzitzilín,** o beija-flôr, entre os aborigenes do

Mexico pre-colombiano; o **kuntur,** o condôr, entre os do Perú; o **mbaya,** a aguia, entre os do Paraguay; o **carancho,** o gavião, entre os da Argentina; e o **carácará,** entre os do Brasil, foram venerados, fervorosamente venerados, como Deuses, encarnações de Deuses ou enviados de Deuses.

O **yapacani** é o correio do Alem; o **urutaú** é a voz dos que transpuzeram as montanhas azues; a **chiucy** é a Virgem-Mãe de **Yurupari,** a Mãe do Pranto, a **Mater Dolorosa;** o **nhandú** é o Cruzeiro do Sul e representam-no entre serpentes que symbolizavam o raio, e cruzes que significavam a chuva.

O vôo das aves, o seu canto e a côr da sua plumagem eram, attentamente, interpretados pelos **karahyba** e **payé,** antes de qualquer resolução, deliberação ou providencia adoptada pelo **mborubichába,** quer se tratasse de uma guerra, de uma viagem ou de uma epidemia que estivesse disimando a população.

Tudo que pudesse influir nos destinos do pôvo, da collectividade, era submettido ao julgamento do **karayba** ou do **payé,** o oraculo ou áugure, que, por sua vez, consultava de preferencia o canto ou o vôo das aves.

O **guainumbi,** o beija-flôr, entre os tupy-guarany, tinha a missão de guiar as almas das creanças aos jardins floridos do céo.

O papagaio, tanto no Brasil, como em toda a America, foi o heróe de innumeras façanhas extraordinarias.

Os dois irmãos **Tupy** e **Guarany** separaram-se, porque, as respectivas esposas desentenderam-se por causa de um **ayurú** (bocca de gente), um papagaio. Este facto determinou a grande migração dos **tupys** para o Norte e dos **guarany** para o Sul.

Humboldt refere a epopéa de um velho papagaio

dos **aturés**, o qual falava a lingua de uma tribu ha muitos annos extincta e vivia, solitario, repetindo lamentosos queixumes nos escombros da cidade, outr' ora edificada por essa tribu e destruida pelos inimigos, após cruenta guerra.

O pica-páo — o **ipécú** — é o genio protector da floresta, onde acutila com o bico o tronco das arvores, afim de verificar o seu estado de conservação.

E', tambem, o **avatar** de um velho **payé** que sabia preparar infalliveis **possanga** e manipulava poderosos talismans.

Ao dar com a entrada do ninho obstruida, faz um tal **guayupiá**, com a fôlha de certa planta, que todos os obstaculos desapparecem por encanto.

Os aborigenes servem-se desta folha, que usam á guisa de amuleto, no intuito de realizarem os seus desejos.

O pica-páo foi adorado na Grecia Antiga, sob o nome sagrado de **Picus**. Simbolizou Jupiter, em Roma, e foi o heróe invencivel de varias lendas.

O **Kef-Kef**, entre os quichuas, é uma ave mysteriosa e o seu canto sinistro, no silencio da noite — **kefkef!** —, é considerado um aviso terrivel.

Os que tinham a desdita de ouvir-lhe o canto, cravavam, immediatamente, uma faca no solo, unico meio de evitar a influencia do máo agouro.

Alludindo ao papel das aves nas crenças, conhecimentos e costumes dos aborigenes da America e, principalmente, do Brasil, não posso omittir o curioso phenomeno assignalado pelo naturalista allemão Roberto Schomburgk, que viveu algum tempo na Guyana Ingleza.

"Os nativos affirmaram-me que o **mutum** (crax tomentosa) cantava toda vez que o Cruzeiro do Sul attingia a sua maior altura".

Duvidando, a principio da affirmativa, que lhe pareceu mera invencionice, deliberou, entretanto, prestar attenção, e qual não foi o seu espanto, quando, á meia noite, justamente, ouviu o canto caracteristico do **mutum**.

Teve ensejo de observar a repetição do phenomeno varias vezes e, verificou que durava um quarto de hora.

"A sciencia, certamente, não explica o facto, mas, elle existe e ha de ter uma explicação, porque, não ha effeito sem causa".

Koch-Gruenberg, que não perde vasa de contestar importancia scientifica a todas as provas, documentos e testemunhos encontrados no Brasil, tambem, faz referencias ao caso do **mutum**.

Apesar do seu classico ponto de vista, baseado em informes prestados pelos **machuchy,** confirma as palavras de Schomburgk e exclue qualquer possibilidade de truque.

Couto de Magalhães, o mestre illustre, que soube ver e dizer, lealmente, o que viu, ensina que os aborigenes do Brasil não dividiam o dia e a noite em horas e sim em periodos, mais ou menos de duas, tres ou mais horas, da seguinte maneira: "de 6 ás 9 horas — **coêma** —; das 9 ás 12 horas — **Guaracy-Iuaté** —; meio dia em ponto — **saié** ou **iandára** —; das 12 ás 17 horas — **ára** —; das 17 ás 19 horas — **caruca** —; das 19 ás 24 horas — **pituna** —; meia noite em ponto — **pisaié** —; das 24 ás 4 horas — **pituna-pucú** —; das 4 ás 6 horas — **coêma-piranga** —, isto é, o vermelho da manhã".

Narra, ainda, que durante o dia se orientavam pela posição do sol e á noite pela marcha das estrellas e pelo **canto das aves.**

De facto, o **mutum,** o **inhambú,** o **cajubim,** a **ara-**

ponga, o **yacurutú** e outras aves nocturnas annunciavam-lhes, com uma precisão digna de nota, os varios periodos de tempo entre meia noite e o nascer do sol.

O **cará-cará,** o gavião, como, mais tarde, no Egypto, — **Hara ou Ara** — palavra tupy-guarany, — a luz, o sol, o dia — que os gregos fizeram **Horos** e os romanos, **Horus,** era, fervorosamente, venerado no Brasil pre-historico.

O seu canto, o seu vôo e, sobretudo, a sua especial maneira de pairar no espaço, mereceram dos **karahyba** e dos **payé** minuncioso exame e prophe-ticas interpretações.

O **uirapurú** ou **irapurú,** cujo canto "fazia calar as outras aves"', era o talisman da felicidade.

Ouvir o seu canto era um signal evidente de absoluta ventura e trazer as suas pennas, a certeza inabalavel de completa victoria.

O **uratáu,** ao contrario, rememora o passado; é o symbolo da saudade. A sua voz plangente e prolongada tem qualquer cousa de sinistro e, para os aborigenes, é o lamento dos que escalaram os pincaros distantes das montanhas azues.

E' uma ave phantasma que os homens ouvem, mas, não devem tentar ver, porque, quem vê o **uratáu** "perde a memoria de si proprio".

O **guainumbi,** o beija-flôr dos tupy-guarany, o passaro-raio, é uma ave, genuinamente amerigena.

No Brasil, assignalam varios naturalistas, existem mais de oitenta especies differentes.

O nectar das flôres, dizia-se, é o seu unico alimento. Hoje, graças a exactidão de minunciosas observações, sabe-se que se nutre de varios insectos.

Lozano e Simão de Vasconcellos, dois **acatadissimos e verasissimos historiadores,** cujos conceitos e affirmativas tanto contribuiram para alicerçar essas

construcções monolithicas — a pre-historia e a historia do Brasil, exclusivamente escriptas, de accôrdo com **documentos authenticos,** colhidos pelos santos apostolos das selvas brasileiras — affirmam, porque foram **testemunhas oculares,** que "o beija-flôr é uma metamorphose da borboleta".

Sirvam estas palavras de resposta aos que, procurando invalidar os corollarios de Lund, Pedberg, Ameghino, Hrdlicka e tantos outros, que assignalam a antiguidade geologica do Brasil, ousam jactar-se de que **só fazem historia, baseados em documentos de insuspeita idoneidade.**

Que valôr podem ter conceitos e affirmativas de pesquisadores que trahem ou revelam, deste modo, a sua absoluta fallibilidade.

Outra lenda curiosa refere que o beija-flôr vive com as flôres, pois, assim, que estas murcham, fincam o longo bico no tronco das arvores, onde se mantêem até que as flôres desabrochem, novamente.

Varios luminares, constantemente citados, em abono de verdades pre-historicas ou historicas que constituem o archivo precioso das nossas glorias, attestam a exactidão absoluta do assombroso phenomeno.

A preguiça mental de raciocinar, antes de adoptar opiniões alheias, e a suggestão hypnotica dos **tabús,** que importamos de alem-mar, são as causas destas heresias, destes absurdos que vultos de incontestavel responsabilidade technica e profissional repetem a todo o instante.

No Mexico pre-colombiano o beija-flôr desfructou privilegiada reputação.

Apesar de seu minusculo tamanho, o **uitzitzilin** foi o symbolo do Deus do Fôgo, da Luz e do Sol; é o sagrado emblema do Deus da Guerra — **Uitzilopochli.**

Era o proctetor dos aztecas e o seu canto original

indicava-lhes o momento propicio de iniciarem as suas longas e periodicas migrações, porque, significava, precisamente: "Vamo-nos embora!"

A plumagem cambiante, polychromica, metallica, refulgente do beija-flôr offereceu preciosa materia prima á manipulação artistica de varios ornatos e peças da indumentaria dos imperadores, sacerdotes e individualidades de mais destaque social.

O invasor pasmou em face dos maravilhosos paineis confeccionados com pennas de beija-flôres, encontrados no interior dos templos e dos palacios do Mexico pre-colombiano.

O **urubútinga,** o côrvo branco, tambem chamado urubú-rei, teve o seu papel saliente nas **monhanga** dos **payé.**

Para que a safra fosse abundante, enterravam juncto ás sementeiras, estacas ornadas de pennas do grande abutre.

O **macauan, nacauan, acauan** ou **cauan,** gavião, que se alimenta de cobras, gozava, tambem, de muita fama. O seu nome repetido num certo rythmo e durante um certo espaço de tempo, fazia o paciente dormir e transportava o seu espirito aos lugares mais distantes.

Não posso encerrar este capitulo sem alludir ao **quetzal,** symbolo que se nos depara na bandeira mexicana — uma ave com uma serpente no bico — que, por sua vez, symbolizavam **Quetzalcoatl,** o Messias tolteca, a Serpente Alada, que nos apparece na India, no Egypto, na Grecia e na propria Roma.

A serpente tem uma significação esoterica remotissima e surge através de varios cyclos de evolução da humanidade, na America, na Atlantida, na Asia, na Oceania e na Europa, porque, como demonstraram Fergusson, Scott-Elliot, Humboldt, Las Casas, Le

Plongeon e muitos outros, foi objecto de um culto universal e primitivo.

No Brasil pre-historico a sua existencia é assignalada por um sem numero de lendas e de inscripções insculpidas em diversos rochedos do litoral e do interior do paiz.

Von Martius, Ladislau Netto, Retumba, Alfredo Brandão, Stradelli — uma infinidade de investigadores, que percorreu nosso **hinterland** — confirmam o acerto, a exactidão deste conceito.

E' a risca sinuosa ou o zig-zag da faisca electrica, rasgando o véo cinereo das nuvens, que, no momento da tempestade, occulta a face azul do firmamento.

E' **Rá,** o raio; **Mbú,** a serpente do céo; **Mboi-Tatá,** a serpente de fôgo; **Mboi-Assú,** a serpente cyclopica, que vive nos abysmos — a treva, a escuridão, a noite.

O **macauan,** que se alimenta de cobras e é, tambem, representado por um gavião com uma cobra no bico, exactamente, como o **quetzal,** revela, evidencía que os symbolos hieraticos dos aborigenes do Brasil, alem da flagrante analogia com os symbolos hieraticos de outras regiões da America, tinham uma sublime e mysteriosa significação esoterica.

O **macauan** é um symbolo solar. Um symbolo **christonico,** ensina a maioria dos Grandes Iniciados da America. E' o raio. A flecha de Tupan. A Serpente Alada.

Representa a **energia astral** — a luz, o calôr, a vida que nos vêem do Sol, o **Christo Cosmico,** das mais antigas concepções theogonicas. E' a **vara de Aarão** que se transforma em serpente.

Moysés a empunhou, segundo a Biblia, para debellar a conhecida **praga das serpentes.**

Thôt, no Egypto; Hermes, na Grecia e Mercurio,

em Roma, tambem, a adoptaram para a realização dos mais sublimes designios.

E' o **caduceu,** a insignia mythologica, o bastão magico, com duas serpentes enroscadas e duas asas na extremidade superior.

O **quetzal** faz o seu ninho nos pincaros inaccessiveis das montanhas mais elevadas. Este facto dificulta ou impossibilita, em geral, a sua captura, o seu aprisionamento, e mata-se ou morre, quando o conseguem apanhar.

Foi, portanto, considerado, desde as eras pre- colombianas, o symbolo do supremo ideal americano — a Liberdade.

O **macauan,** entre aborigenes do Brasil, tem a mesma significação e a prova é que, "repetindo-se o seu nome, num certo rythmo e durante um certo espaço de tempo, o paciente adormece e é transportado ás regiões mais distantes", isto é, **o corpo astral se liberta do ergastulo do corpo physico.**

O culto dos aborigenes do Brasil pelas aves é de tal natureza que os tupy-guarany attribuiam-lhes a origem do idioma que falavam.

"As aves ensinaram o homem a falar" e, por isto, tiraram do seu proprio canto os nomès que lhes deram, e ouvem, com toda a attenção, o seu **nheengangûê,** afim de aprenderem os mysterios e os segredos que só ellas sabem.

As mascaras de aves, distinctivos liturgicos, adoptados em varias solemnidades religiosas — têm, tambem, uma secreta e mysteriosa significação hieratica que não foi, perfeitamente definida.

Os omniscientes europeus — já se sabe — viram logo nas mascaras liturgicas dos aborigenes do Brasil a copia servil de symbolos melanesianos.

O vicio é antigo e não se corrigirá tão cedo; fos-

silizou-se no subconsciente dos que se consideram donos do saber humano.

Porque não admittir a hypothese contraria, isto é, que os melanesianos as copiassem dos amerigenos, hoje, que a antiguidade geologica do continente americano é uma verdade axiomatica?

Será logico admittir que o continente mais antigo fosse o ultimo a ser povoado e que o homem que surgiu nesse continente não evolucionasse e attingisse um gráo qualquer de cultura e de civilização?

Essas mascaras não são identicas em todas as regiões da America, mas, têm identica significação e identica finalidade: symbolizam a divindade venerada.

Não são, como suppozeram von Stein, von Ehrenreich, von Martius e outros sabios estrangeiros (no Brasil, todo o estrangeiro é sabio) que as julgaram simples disfarces, semelhantes ou analogos aos que usavam, na antiguidade, varios póvos, durante as **festas hilarias,** origens do Carnaval.

Foram paramentos, peças liturgicas, como aliás, nessa antiguidade, as mascaras usadas durante essas **festas hilarias,** a principio, solemnidades, positivamente devocionaes, como o proprio Carnaval, que, a religião catholica aboliu em virtude dos excessos a que se entregavam os fieis, profanando a dignidade dos templos.

Basta dizer que essas mascaras symbolizam, sempre, **aves sagradas,** como o **cará-cará,** o gavião adorado na India, no Egypto, na Grecia ou em Roma, onde os sacerdotes áugures, oraculos ou adivinhos — conforme o numero das aves, do seu vôo, do seu silencio ou do seu canto e, ainda, da côr das suas pennas, deduziam os seus celebres vaticinios, os seus famosos prognosticos.

Os mais notaveis pesquisadores, religiosos ou

leigos, que, por este ou aquelle motivo, procuraram, sempre, irracionalizar ou, pelo menos, reduzir a capacidade mental dos "indios do Brasil", confessam que "as mulheres e as crianças podiam assistir as dansas; não podiam, porem, entrar na casa das mascaras ou vel-as separadas dos respectivos mascarados, afim de incutir-lhes que o espirito das aves estava presente nas referidas mascaras".

Se os "indios do Brasil" tinham, realmente, esta concepção, isto é, admittiam ou acreditavam que o espirito dessas **aves sagradas estava presente nas suas mascaras,** está fóra de toda e qualquer duvida que **consideravam éssas mascaras objectos liturgicos, hieraticos, religiosos.**

Nenhum catechista ou invasor, por mais fanatico ou ignorante, ousou negar aos aborigenes do Brasil um verdadeiro culto pelos animaes, sobretudo, os animaes domesticos — **xerimbabo** — que tratavam como se fossem verdadeiros parentes.

A criação era sagrada, inviolavel, e a expressão **xerimbabo** ou melhor, **che mimbába,** quer dizer a minha cria.

Não pretendo, nesta rapida e modesta synthese, estudar os **toténs** e os **tabús** que caracterizam a formação theogonica e sociologica do Brasil pre-historico.

Ficará para mais tarde; Deus ha de permittir.

Direi, comtudo, que se o **totem** é um brazão, um lábaro, uma divisa, um signo adoptado para distinguir homens, familias, gerações, póvos, raças e as próprias crenças, entre si, o **tabú** é o caracter sagrado, a faculdade sublime, o poder divino que homens, animaes e cousas adquirem e os tornam, absolutamente inviolaveis.

Se os individuos de uma tribu julgam-se, conforme os **borôro,** araras vermelhas — **arapitanga** — e

adoptam, como distinctivos, as pennas, a côr e outras caracteristicas desta ave, nas suas **acangatara** — e outras peças da indumentaria, a arara vermelha é, por sua vez, considerada um symbolo hieratico do Sol e adorada como um Deus, um Protector Omnipotente.

Como nas regiões mais cultas e civilizadas do mundo antigo, a ave representou, sempre, importantissimo papel nas crenças, nos conhecimentos e nos costumes dos aborigenes do Brasil pre-historico.

IX

Logica e Verdade.

Aos irmãos ROSA-CRUZ do Brasil.

Ensaio de ethnogenia pre-historica do Brasil foi o subtitulo que julguei mais adequado a este modesto, porem, sincero trabalho, executado, de principio a fim, sob o signo scientifico e moral da logica e da verdade.

De facto, antes que o leitor feche, definitivamente, este livro, terceiro da serie publicada no exclusivo intuito de collaborar, honestamente, com os dignos confrades, que, libertos do **trauma psychico** da Inquisição e dos **tabús** escholasticos da Idade Media, procuram,á luz da logica e da verdade, a solução integral do problema da pre-historia americana, quero assignalar, tornar bem patente, que, na execução de tão ardua tarefa, não me afastei um instante sequer dos consagrados principios da consagrada sciencia official.

De premissas verdadeiras, decorrentes de pesquisas e investigações, analyses e estudos procedidos **in loco** e **de visu,** por technicos e especialistas de competencia e probidade incontestaveis, emanou o caudal de corollarios que tive ensejo de emititr, e, neste caso, logicos, absolutamente logicos, como, graças a Deus, a propria critica reconheceu e declarou, em significativa unanimidade.

Por mais superflua que pareça, afim de evitar futuros equivocos, esta explicação torna-se indispensavel, necessaria, precisa.

Assim, como os adversarios da logica e da verdade, na intenção de invalidar as provas geologicas, colhidas por Lund, Ameghino, Hrdlicka e tantos outros, architetaram o pretexto de que foram encontradas em **terreno removido,** é bem possivel que se pretenda insinuar que os meus argumentos a proposito da antiguidade da America, do homem americano e, bem assim, da procedencia millenaria da cultura e da civilização amerigenas, baseiam-se **exclusivamente** em principios theosophicos ou esotericos.

Confesso que não ignoro esses principios theosophicos ou esotericos, mas, confesso, tambem, que, infelizmente, não baseio na solidez de alicerces desta natureza a reconstrucção da eterna pyramide que, deste modo, seria o meu indestructivel trabalho.

Não tenho competencia para tanto, mas, ainda, que a tivesse, não me abalançaria a usar methodos ou processos esotericos, porque, por mais idoneos e authenticos os resultados, só teria a sorte de ser percebido, devidamene percebido, por meia duzia de raros iniciados nos mysterios de conhecimentos que transcendem a capacidade commum dos homens, e não é esta, absolutamente, a verdadeira finalidade do meu trabalho.

As insinuações, portanto, de que baseio os meus argumentos em principios theosophicos ou esotericos, revelariam, apenas, **requintada má fé ou ignorancia absoluta,** por parte dos meus gratuitos adversarios, a proposito de tudo que a propria sciencia exoterica, orthodoxa, official postula, sobre a pre-historia americana.

Os que, na sua illimitada presumpção, se julgam **omniscientes** e, por isto, **donos absolutos do saber humano,** quando alludem á theosophia e ao exoterismo, fazem-no, sempre, malevola e sarcasticamente.

Entretanto, se lhes fosse dado fugir á inconsciente suggestão, de que são victimas, seriam os primeiros a perceber quão acertados andariam se, antes de externar qualquer opinião, procurassem analysar, ainda que, perfunctoriamente, o que são, com effeito, á theosophia e o esoterismo.

Nada mais ridiculo do que falarmos, diante de technicos, de cousas que ignoramos, absolutamente.

Lund, Ameghino, Hrdlicka, Pedberg, Hartt, Morton, Brenner, Gerber, Simonin e tantos outros, não são ou nunca foram esoteristas, e tudo quanto affirmo a proposito da antiguidade geologica do continente americano e da antiguidade anthropologica do homem americano, baseia-se, precisamente, nas provas por elles descobertas e nos argumentos por elles emittidos.

Brasseur de Bourbourg, Humboldt, Las Casas, Mendieta, Mercado, Miguel Triana, Frederico Lunardi, Trajano de Moura, Alfredo Brandão, e tantos outros não são ou nunca foram esoteristas, e tudo quanto affirmo a proposito da precedencia da cultura e da civilização amerigenas, baseia-se, precisamente, nas provas archeologicas e glyptographicas por elles descobertas, no continente americano.

Se é grande, muito grande a responsabilidade dos que, estabilizados em provas, documentos e testemunhos de tanto valôr scientifico, procuram a solução dos problemas ou a elucidação dos **mysterios da pre-historia americana,** não é menor a responsabilidade dos que, por má fé ou ignorancia desses valiosissimos testemunhos, documentos e provas, na impossibilidade absoluta de contestar-lhes, honestamente, as axiomaticas asserções, procuram empanar a irradiação solar que a logica e a verdade lhes empresta, tecendo essa trama de sophismas, a classica peneira do velho proloquio.

As minhas asserções, a proposito da antiguidade da America pre-colombiana e do Brasil pre-cabraliano, são o que pode haver de mais scientifico, porque, **são o que pode haver de mais scientifico** as provas geologicas, anthropologicas, archeologicas e glyptographicas, em que baseio, precisamente, estas **axiomaticas asserções.**

Já se foi o tempo em que os reluzentes floretes do epigramma, perfidamente manejados, pelos espadachins do sectarismo, feriam de morte os conceitos mais evidentes dos apostolos da cultura humana.

O planalto central brasileiro, em face das provas geologicas, existentes, é a região mais antiga do mundo; o homem americano, em face das provas anthropologicas, existentes, é terciario; a cultura e a civilização amerigenas, em face das provas archeologicas e glyptographicas, existentes, precederam de millenios as demais culturas e civilizações.

Se, assim, é, ao contrario do que, até hoje, o **egocentrismo europeu** tem celebrado e o **snobismo nacional** acolytado, tudo — raças e póvos, culturas e civilizações — emigrou da America, do Brasil, do planalto central brasileiro para todas as partes do mundo, por mais distantes.

Linguas, alphabetos, crenças, conhecimentos, leis e costumes, tudo, absolutamente tudo, originou-se no Brasil e do Brasil irradiou pelos demais continentes.

"Portanto, fica justificada,, escreve Alfredo Brandão, com quem folgo estar de pleno accôrdo, a nossa these de que os signos pre-historicos do Brasil são os restos de uma escripta antiquissima e universal, mãe de todos os systemas, actualmente existentes.

As origens dessa escripta, prosegue o eminente ethnologo patricio, perdem-se nas trevas da prehistoria, acham-se no mundo anterior aos cataclysmas

cosmicos, nas civilizações desapparecidas: no mundo mythico e lendario dos deuses e dos tempos epicos dos heróes; nas eras fabulosas dos genios, das fadas e dos dragões. E nisso repousa a affirmativa de escriptores antigos, que a escripta era obra dos deuses, os quaes a haviam ensinado aos homens".

Quem se der ao trabalho de cotejar os signos glyptographicos dos **brasis,** os habitantes pre-historicos do planalto central da America do Sul, com os caracteres sabeanos, megalithicos, cretenses, etruscos, egypcios, súmmeros, gregos, phenicios, hebraicos, íberos, os mais antigos e primitivos, além da evidente semelhança ou identidade que os approxima ou identifica, verificará, não só uma notavel riqueza de equivalentes, como varios symbolos ou representações que não apparecem nos demais alphabetos citados, e demonstram a antiguidade millenaria e a precedencia formidavel dos **signos do Brasil,** porque, essa riqueza e essa variedade não permittem uma conclusão mais logica e mais verdadeira.

Essa riqueza e essa variedade, evidenciam, com a maxima nitidez, o immensuravel periodo chronologico que permittiu ao homem pre-historico do Brasil imaginar, inventar ou crear essa abundancia de symbolos, privilegio vedado aos outros póvos, certamente, por serem mais recentes, muito posteriores.

Mas, não são, apenas, esses signos glyptographicos que documentam a racionalidade da minha these.

Os desenhos caracteristicos da primitiva ceramica amerigena; os symbolos phytomorphos, zoomorphos e anthropomorphos, artefactos de pedra; a totalidade, em summa, de exemplares archeologicos, por mais rudes e primitivos; os innumeros vocabulos, como sa- lientei paginas atraz, echoando, repercutindo ou me-

lhor, repetidos pelos póvos mais antigos, nas regiões mais longiquas da Africa e da Oceania, nesse tempo ligadas á America, e da Asia e da Europa, mais tarde emersas das aguas oceanicas; a semelhnça ou identidade das suas concepções theogonicas, theomythicas, religiosas; as suas tradições, o seu **folklore;** a perfeita analogia dos seus costumes, das suas leis, das suas crenças, dos seus conhecimentos — os mais sublimes ou transcendentaes — porque, os Ritos, os Mysterios Sagrados, os Arcanos, as Doutrinas Secretas, a Sciencia Antiga, a Sabedoria Integral, a **Yoga,** a Magia, tudo, em summa, que contribuiu, através de millenios, para a evolução das raças, dos póvos, da humanidade, para o magnifico fastigio das maravilhosas culturas e extraordinarias civilizações, que, até hoje, floriram á face do planeta, originaram-se, procederam, derivaram da "secção de crôsta terrestre que, de conformidade com a geologia, a mineralogia, a physiographia, a peleogeographia e outras sciencias correlatas, **emérgiu primeiro do oceano primitivo universal" — o planalto central do Brasil.**

Leadbeater, o fallecido bispo da Egreja Catholica Liberal, que tanto contribuiu para a divulgação da theosophia e do esoterismo, no Occidente, deu-nos um livro precioso em que estuda os **chacras,** que, como define, são rodas, discos, centros de força magnetica que giram e irradiam á peripheria do corpo ethereo em correspondencia com certas glandulas que a sciencia exoterica denomina **endocrinas.**

Esses **chacras,** diz o eminente e operoso theosopho, estão localizados no alto da cabeça, na fronte, na garganta, no coração, no umbigo, no hypocondrio esquerdo e na região sacro-vertebral do homem.

Os orientaes asiaticos dão grande importancia ao **desabrochar dessas flores de lotos** — esses **padmas**

sagrados — que, como affirmam, só se tornam visiveis, mesmo aos clarividentes, no homem que conhece e executa certas praticas secretas e, da intensidade do seu brilho e da rapidez do seu movimento giratorio, deduzem o gráo de evolução do individuo em que observam o phenomeno.

Leadbeater, como todos os que beberam esses conhecimentos em Adyar, attribue a descoberta dos **chacras** aos orientaes asiaticos, aos indianos, embora, no proprio livro em que estuda o assumpto, alluda a Gichtel, joven allemão, pregador da **theosophia pratica,** no Occidente, o qual, sem ter ido á India e conhecido os **mysterios indianos,** se referia a **sete rosas,** existentes no corpo ethereo do homem e nos mesmos pontos em que os orientaes localizam os **chacras,** como aliás, se verifica de uma estampa ou desenho attribuido ao mesmo Gichtel e copiado e inserto por Leadbeater, no seu magnifico trabalho.

Nessa estampa ou desenho vê-se uma creatura humana, que, positivamente, não é originaria da India e, muito menos, da Allemanha, curiosa figura em que estão, rigorosamente, assignaladas as **sete rosas,** os **sete lotos,** os **sete chacras.**

Desse documento, fornecido pelo proprio Leadbeater, podemos concluir que os **chacras** não constituem **privilegio** dos **yogis** indianos, porquanto, um europeu, um allemão, nascido em Ratisbonna, já proclamara, em sua terra, distante do Oriente Asiatico, a existencia das **sete rosas na cruz,** symbolo remotissimo da crucificação do espirito na materia.

Nessa estampa, nesse desenho estão, materialmente, representadas a realidade do facto e a evidencia das deducções que delle podemos tirar.

Longe da India, num momento historico em que as communicações da Europa com a Asia eram diffi-

cilimas, quasi impossiveis, em consequencia dos obstaculos oppóstos pelos nativos aos estrangeiros, um occidental já havia cogitado da existencia desses **centros de força magnetica,** ainda, que sob denominação differente.

Mas, não é só a esta evidencia, a esta conclusão que o celebre e famoso desenho de Gichtel nos conduz, e, a meu ver, agora, é que o assumpto se torna mais interessante, mais curioso, mais digno de attenção.

Por que motivo o joven pregador da theosophia pratica — allemão, europeu, occidental, branco — para objectivar ou plasmar a sua idéa, a sua concepção theosophica ou esoterica, preferiu a figura typica de um aborigene da America do Sul á figura typica de um allemão, de um europeu, de um occidental, de um branco, como seria mais logico, mais razoavel, mais conforme, em virtude da innegavel influencia do meio, que, como se sabe, actua, consciente ou inconscientemente, nas mais insignificantes objectivações do pensamento humano?

Por que Gichtel, em vez de concretizar a sua **creação,** a sua **descoberta** na effigie de um compatriota, como seria mais natural, concretizou-a na effigie de um americano, em que são, nitidamente visiveis, todas as caracteristicas somaticas e anthropologicas do autochtono da America do Sul, isto é, frontal esbatido, olhos semi-obliquos, pomulos proeminentes, cabellos lisos e duros, pigmentação pardo-azeitonada e ausencia absoluta de barba?

Por um simples motivo e uma unica razão incontestaveis: nem os indianos, nem Gichtel tiveram a gloria de ser os primeiros observadores dos **chacras.**

Os aborigenes da America os conheciam, ha milenios, e a evidencia dos seus predicados, que, como

tudo mais, foi transmittida á Africa e á Oceania e, finalmente, á Asia e á Europa.

A philologia, a idiomographia, a linguistica ratificam as provas anthropologicas.

Chacra, reza a sciencia exoterica, é um vocabulo sanscrito, significa estancia, provincia, região, localidade, zona, sitio, porem, **chacra** é, tambem, um termo quichua e tem, como já referi varias vezes, a mesma significação.

O quichua foi falado pelos aborigenes que habitaram a cordilheira andina, região onde floresceu o grande imperio incaico, que se dilatava do Chile ao Mexico pre-colombianos.

Quem teve ensejo de ler o livro interessantissimo e documentado de Girgois — **O occulto entre os aborigenes da America do Sul** — e prestou a devida attenção ás suas palavras, ás suas descripções, aos seus conceitos, percebeu, certamente, que os **amautas,** os **huilcas,** os **karayba,** os **payé** — os grandes iniciados da America do Sul, não ignoravam nem podiam ignorar a existencia dos **chacras** (palavra quichua) porque, "conheciam realmente, os **Mysterios Sagrados**".

Assim como o sanscrito, que é o quichua no auge, no apogeu da sua evolução idiomatica, foi levado á India, a noção dos **chacras** foi revelada aos indianos pelos habitantes primitivos da America pre-historica.

A estampa ou desenho de Gichtel, copiado e inserto por Leadbeater no seu precioso trabalho, não tem nem pode ter interpretação mais logica e mais verdadeira.

A America, a America do Sul — o planalto central do Brasil — foi, indubitavelmente, a fonte de onde emanou, para as demais partes do mundo, tudo, precisamente, que os **tabús** da sciencia européa nos im-

põem e nos affirmam que "emigrou da Asia ou da Oceania para a America".

Difficil, muito difficil ha de ser, realmente a correcção do erro, o restabelecimento integral da verdade, mas, não nos podemos queixar de ninguem.

Somos os culpados, os unicos e exclusivos culpados de todos os illogismos e de todas as inverdades em que, até hoje, transformaram o logico e verdadeiro problema da pre-historia do Brasil e, quiçá, da America, porque, em vez de estudarmos, nós mesmos, tudo que se relaciona com a **nossa terra e a nossa gente,** nos habituamos ao triste vêzo de submetter ao exame, á apreciação, ao criterio, ao **veredictum dos sabios da Europa**.

Quando não lhes consignamos os **fosseis** de todos os generos, encontrados nas camadas geologicas, **removidas ou não,** do territorio americano; a totalidade das nossas preciosas reliquias archeologicas; os caracteres glyptographicos, insculpidos nos alcantis dos nossos rochedos, afim de articularem a **palavra sagrada** — o **tabú** — os convidamos, entre zumbaias e louvaminhas, a vir ao Brasil desfructar, a seu bel prazer, regalias e privilegios que ultrapassam os protocollos da nossa proverbial hospitalidade.

Quando, com toda a razão, esses **omniscientes** nos humilham, nos ridicularizam, nos ultrajam, ameaçamos céos e terras.

Não temos direito a semelhante attitude, alem do mais, irrisoria e grotesca.

Que respeito e consideração podemos esperar de homens a quem, tão espontaneamente, confessamos ou deixamos suppôr a nossa incompetencia, a nossa ignorancia, a nossa incapacidade e, sobretudo, o nosso **absoluto automatismo?**

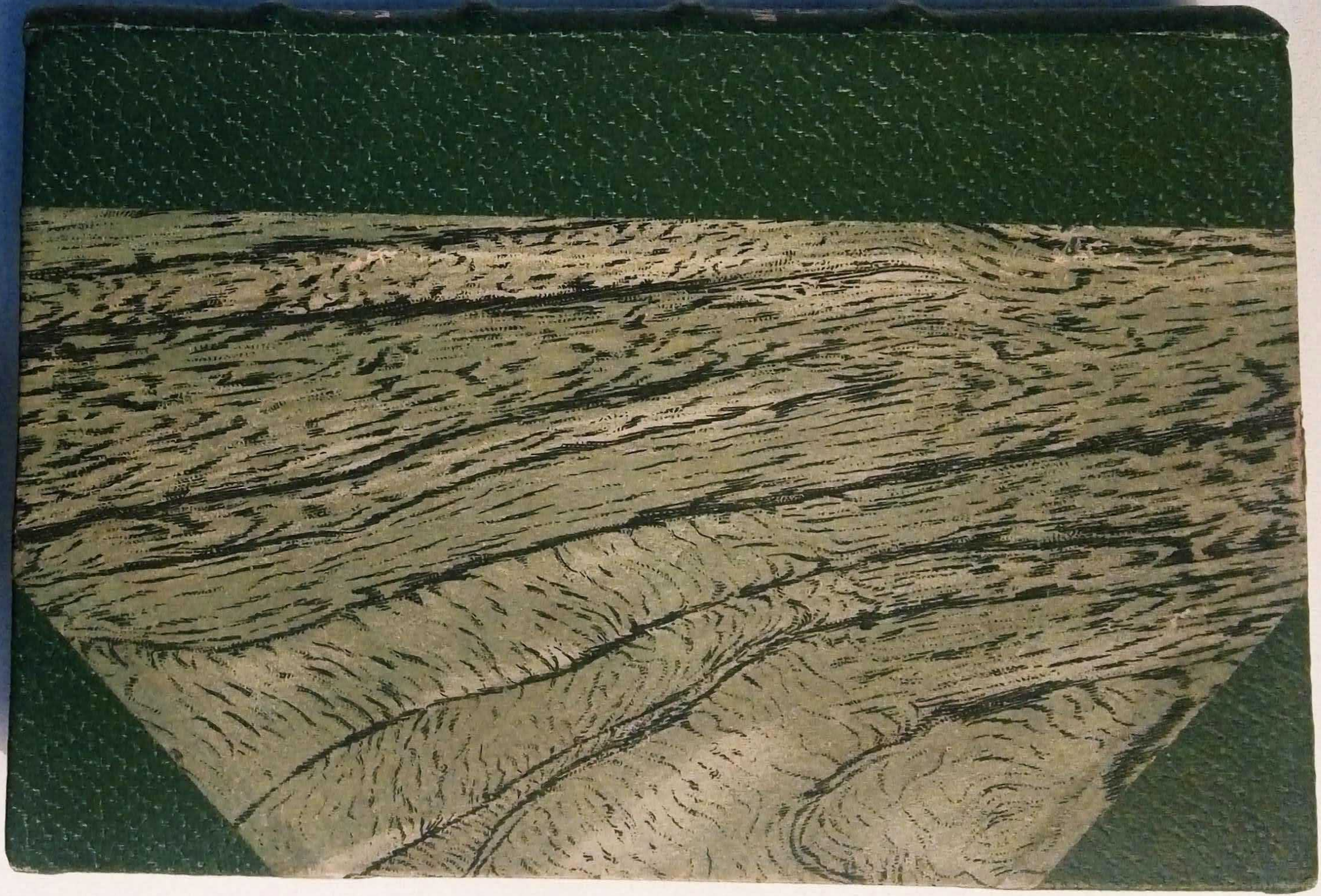
Bem sei que este "movimento machinal" não é voluntario e, muito menos, consciente.

E' um dos perniciosos effeitos psychicos dos **traumas** da inquisição e dos **tabús** da Escholastica Medieval, processo de suggestão, intencionalmente adoptado, desde 1492, pelos "invasores, conquistadores ou civilizadores", afim de escravizar o amerigeno e espolial-o do ouro, da prata, das pedras preciosas, de todos os opulentos thesouros, magnificas reliquias, inestimaveis valores, transportados para a Europa, como trophéos de victoriosas conquistas, e, por fim, transformados em nababesco patrimonio de varias nações européas.

Mas, seja como fôr, já é tempo de libertarmo-nos desses ferreos grilhões, isto é, personalizarmos o nosso pôvo e nacionalizarmos o nosso paiz, que, **de pensamento livre e consciencia livre,** poderão, afinal, comprehender a exactidão scientifica das minhas palavras e a logica e a verdade da minha these.

Sejamos dignos do Brasil para sermos, realmente, brasileiros.

Não esqueçamos a ignominia, mais de uma vez, articulada contra nós, por esses invasores, conquistadores ou civilizadores: "gente indigna da terra onde nasceu".



DOMINGOS
MAGARINOS
DE 1600